PASSEIOS

E

PHANTASIAS

PASSEIOS

E

PHANTASIAS

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
EDITOR — JOSÉ MARIA CORRÊA SEABRA
RUA DOS CALAFATES, 110

1862

A QUEM LER

Nas condições de rapidez a que a publicidade moderna obriga, o *livro* desapparece de dia para dia, substituido pelo *volume;* verdade é, que, quando hoje morrem os auctores, vão com elles as obras, por não ter o genero d'ellas mais duração do que nós mesmos: não sei se isto é culpa nossa pelo pouco que nos esmeramos, se do publico pelo pouco que nos attende; é certo apenas, que nos negocios de livraria, hoje que as lettras estão tão longe de ser sacerdocio, contractam simplesmente os editores umas tantas folhas, procura o comprador umas tantas paginas, e nós vendemos umas tantas linhas.

O leitor dispensa-nos de sermos Castilho, Gar-

rett, ou Herculano, e satisfaz-se de que o nosso livro não seja grande, não custe caro, e não sáia em typo miudo; em quanto ao mais, importando-lhe pouco que o assumpto seja alegre ou triste, requer apenas que não seja pesado: pesado quer dizer entre nós ter mais estylo do que movimento, mais idéas do que acção, mais do que é grande e bello do que pequeno e trivial; pesado é ser dissertativo, pesado é ter observação, pesado é não ser insignificante, pesado é ser litterario, pesado é ser *livro*. Este sentimento que não póde dizer-se exclusivo á nossa terra, e que já na França domina fatalmente, é o que origina estas publicações de improviso, ligeiras, desambiciosas, faceis, a que Camillo Castello Branco chama *Scenas da Foz*, Alphonse Karr *Trezentas paginas*, Alexandre Dumas *Causeries*, D. Marianno Larra *Obras varias*.

D'esta tendencia a dizer como quem conversa, a dizer pouco, depressa, e facil, d'esta ordem de idéas que vae devaneando ora séria ora risonha, d'esta familia que não quer ser nobre e que se contenta de ser sympathica, d'esta necessidade de produzir sem outras ambições senão as de entreter, nasce despretenciosamente este volume.

Eu não poderia suppôr, apesar de todas as deli-

cadezas de patriotismo, que possuimos, nós os portuguezes, a mais bella e a mais rica das litteraturas; para o sustentar seria preciso que o amor proprio se parecesse diabolicamente com a tolice; verdade é que cada povo diz, pouco mais ou menos, isso da sua, e toma os seus farrapos por thesouros; mas não é uma desculpa: o que todavia é certo é que somos de uma fatuidade mais desdenhosa do que se fossemos Cresus, e que em um homem não tendo toda a valente correcção de um escriptor classico, montam logo uns poucos nos seus cavallos academicos, e principiam a correl-o á argolinha em funesta cavalhada. Em quanto a mim resigno-me á expiação de qualquer delicto de purismo, e responderei amen ás exigencias dos censores rigorosos. Se é preciso que nos contentemos com a lingua de nossos avós, não vejo motivo, ao menos, para lhe fazermos descrever as mesmas curvas, fechar a nossa imaginação nas mesmas fórmas, e despresar por amabilidade para com os seus ossos o que elles não desdenhavam, ás vezes, senão por impotencia. O mundo avança sempre, e ha coisas de hoje, que não podem dizer-se no estylo das coisas de ha cem annos. Vejam como nas *Viagens na minha terra*, saltou por cima dos francezismos, sempre que elles lhe faziam conta

e lhe pareciam bonitos, o nosso immortal Garrett! Ninguem mais do que eu respeita seus avós, mas não sei de lei que nos obrigue a represental-os feição por feição, e uzarmos de cabelleira, por exemplo, quando virmos que temos cabello.

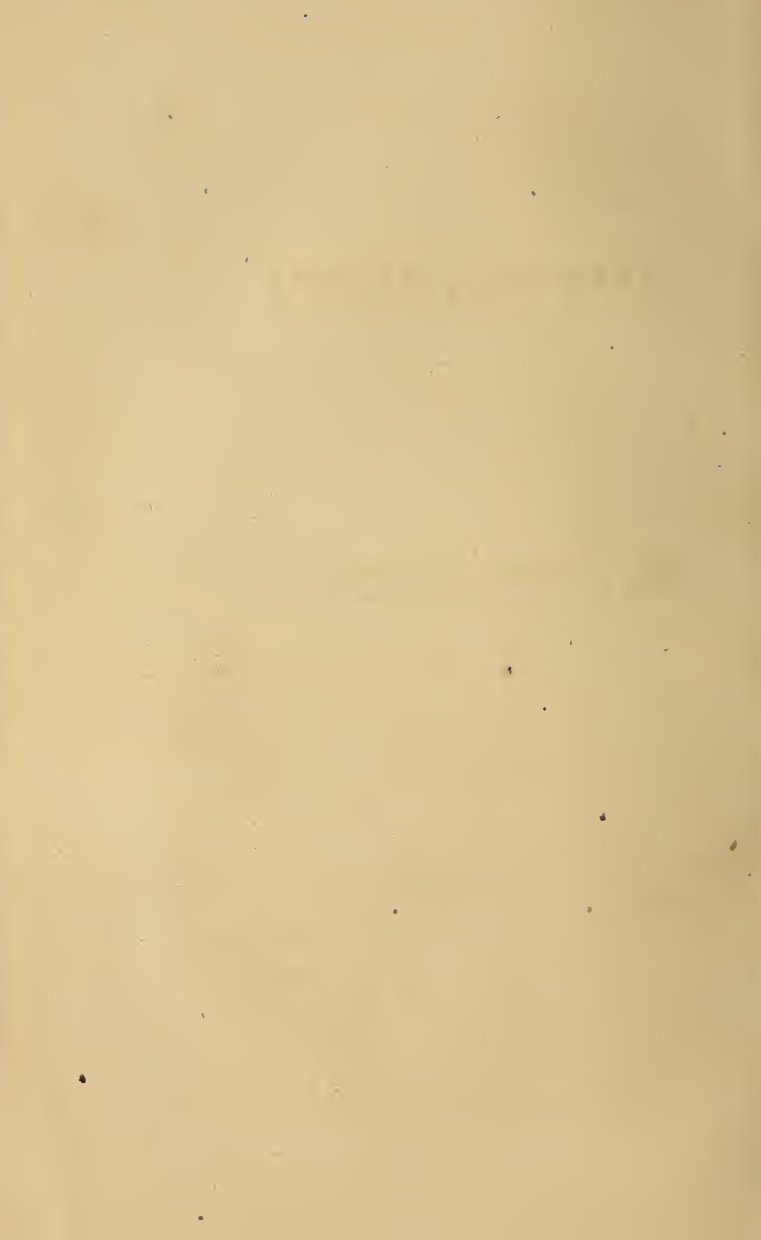
Os criticos sinceros não entrem pois em escrupulos para deixar passar, sentinellas vigilantes que são entre o mundo que escreve e o mundo que lê, uma ou outra phrase que não seja de um portuguezismo vernaculo, e que logo inquiete uns certos mestres de ceremonias, que estão na imprensa como o eunuco no serralho, sem fazer nada, e sem deixar fazer os mais!

Accusem de tudo este pobre livro, menos de ter ambições. É o trabalho rapido de dois mezes, que passei, inquietos e agitados por uma idéa de rapaz,—ir viajar. Se eu não houvesse posto escrupulo em tomar o ar de me expôr á caridade publica por uma subscripção excentrica, teria intitulado simplesmente o meu livro *Para ir a Paris:* era este o titulo que mais devia ir-lhe, porque foi d'esta idéa que elle nasceu. Um desejo enorme, constante, invencivel, de sair de Portugal, principiou desde uma occasião a crescer dentro de mim. O desalento, o fastio, o *spleen*, se querem que lhe chame assim,

sentava-se comigo á mesa de trabalho, e levantava-se para sair comigo. Não viera, como uma serpente, enlaçar-me nas dobras, e esmagar nos seus anneis a minha felicidade e a minha alegria; veio como o Satanaz de Milton, quando se introduziu no Eden, sob a fórma repulsiva d'aquelle reptil esverdeado, que assoprava os seus venenos ao ouvido de Eva adormecida. Arrastou-se atraz de mim para me tornar impossivel o permanecer aqui; não havia coisa ruim que não me dissesse d'esta terra, nem maravilha que me callasse dos paizes estranhos: resolvi-me a partir, e só o vi desapparecer então! A penna correu veloz n'esta empreitada de poeta; o livro estava prompto no fim de seis semanas; por entre as descripções de alguns passeios de *touriste*, quiz dar uns romancitos, mais enredados do que contos, mais ligeiros que novellas, faceis, despretenciosos, rapidos: imitei levemente Gauthier no *Amar enganando-se*, imitei constantemente Carlos Deslys no *Pequeno da Praia*. Em quanto ao *Tio Paulo*, que já era trabalho prompto, addicionou-se ao volume... para o augmentar. Quando chegou a sacramental palavra *fim*, exultei e estremeci ao mesmo tempo: que ia ser do pobre livro, que não poderia contar a cada um a origem do seu nascimento, e

que não saberia justificar o auctor de ser um imprudente, que não aprendeu ainda a resistir á tentação, e que, em um capricho se apoderando d'elle, em um desejo o atormentando, ainda que não seja mais do que a fazer-lhe cocegas no cerebro, recorre á penna para se salvar, perdendo-se ainda mais talvez, e atira ao papel toda a qualidade de idéa, larga ou rachitica, direita ou torta, sermão ou carta d'amor, bilhete de enterro ou folhetim. Confio na indulgencia do leitor benevolo, — como se lhe chamava nos antigos prefacios, — para desculpar quaesquer erros de revisão sempre inevitaveis n'um livro, cuja publicação não corre sob as vistas do auctor. Em todo o caso, é tarde agora para explicações pueris: escrevo estas linhas na vespera de partir, a noite vae adiantada, e tenho ainda a acabar de fazer as mallas; uma palavra apenas, e adeus: — isto é um livro, que não faz mal a ninguem.

Lisboa 13 de junho de 1862.

AMAR ENGANANDO-SE

AMAR ENGANANDO-SE

I

O spleen da virtude

Com um ar languido, que contrastava singularmente com os lirios e rosas da sua tez, a viscondessa estendeu ao doutor, que o segurou delicadamente entre o pollegar e o index, um braço deliciosamente torneado, que sahíu de uma nuvem de rendas.

O medico pareceu escutar e contar as pulsações com uma attenção profunda, e se a sua physionomia risonha sempre pudesse prestar-se a uma expressão grave, haveria parecido sério n'esse instante.

Olhou-o a viscondessa, silenciosa, retendo a respiração, com o ar de quem espera a sentença.

— Hein! Hein! resmungou o medico. O pulso não me parece bom! Esta veiasinha azul não se comporta com juizo debaixo do meu dedo pollegar!

— Estarei eu doente? Seriamente doente?

—Oh! replicou o medico no tom de quem socega. Não é caso de constipação nem de febre, em que se lhe aconselhe Thomaz de Carvalho ou Arantes; mas, suspeito muito que o moral esteja affectado!

—O moral! É isso mesmo, doutor! exclamou a viscondessa, admirada de ter sido comprehendida.

—Anda n'isto algum dissabor de coração! Cupido fez das suas! O malicioso deus nem sempre respeita as viscondessas!

—Dissabores de coração! Jesus, Maria! Chega a dar-se ares de frequentar má sociedade, doutor, em se atrever a accusar-me de similhantes coisas!

—É decerto a viuvez, que lhe está pesando! Aposto que é dada a melancholias, por se ver sosinha no seu palacio!

—O seu espirito tem baixado como as inscripções do credito publico, doutor!

—Mas então de que soffre, porque os diagnosticos enganam-me e a minha sciencia fez bancarrota?

—Enfastia-me! respondeu a viscondessa n'um tom d'abatimento, reclinando-se no sopha.

—Que uma viscondessa rica, viuva aos vinte annos de um marido de sessenta, se enfastie, não é crivel!

—E, todavia, certo!

O breve dialogo que esbocei, dá apenas idea da situação da minha heroina. Bem nascida, formosa, de uma educação excellente, despreoccupada de vel-

leidades romanescas, porque motivo o seu espirito pouco social insistia em se amargurar na solidão?

Quando Claudina, á noite, foi ajudar sua ama a deitar-se, viu-a tão melancholica, que, como criada favorita que tem direitos a certa familiaridade, arriscou algumas perguntas de boa fé. Depois, quando a senhora lhe disse que não havia mais nada senão o aborrecer-se sinceramente, Claudina retorquiu no tom mais respeitoso:

— A senhora viscondessa, bem sei eu no que faz mal!

— Em que, Claudina?

— Em não ter quem lhe faça a côrte!

— Parece-te!?

— O barão d'Alguber anda louco pela senhora!

— Quantas libras te tem dado para me assoprares isso ao ouvido?

— Bem sabe a senhora viscondessa que eu sou o desinteresse em pessoa. A paixão d'aquelle santo homem commove-me, ahi está o que é. Mas se v. ex.ª não gosta d'elle tem o deputado Marrocos que a adora!

— Para se distrair da politica! Ah! Não! Quereria gostar, — isso sim, Claudina! — quereria gostar d'alguem ainda moço, innocente, e sincero, que acredite nos sentimentos, e de quem eu fosse a primeira chamma!

— O que a senhora quer não me parece facil! Os fidalgos, em geral, não são capazes de amar assim; nem podem já, coitados! Teem as algibeiras cheias

*

de cartas d'amores e de bocadinhos de cabello, e depois, como podem ir a toda a parte, é um inferno de extravagancias!

—D'essa maneira, segundo o teu modo de pensar, não encontrarei, na minha classe, quem possa devéras gostar de mim?

Claudina permaneceu callada.

—Bem conheces, comtudo, que não poderei interessar-me por um rapaz obscuro!

—E só d'esses é que podem convir-lhe!

—Que tontice!

—O amor é a nossa riqueza, senhora viscondessa. Sem titulos nem palacios, sem trem e sem diamantes, que remedio temos senão contentar-nos com o amor!

—Tens então—algum namorado, que morre por ti? Criado de algum parente meu?

—Os criados de casas grandes são tão extravagantes como os amos; Deus me livre d'elles! É um pobre rapaz, caixeiro de uma mercearia, e que anda com ideas de se estabelecer. Quando v. ex.ª me dá licença para sair é que nos fallamos. Esta noite, por exemplo, se a senhora me deixasse, ia eu á rua dos Jasmins a um baile que dá a criada preta dos Athouguias, que casou hoje com um branco, e o meu Jeronymo tambem arranjou convite!

—Como deve ser bom, um amor assim! Quem vae então a esse baile?

—Pessoas de nosso conhecimento; ja se vê, tudo gente seria. Ha boa musica, refrescos, muita polka...

—Estás a dar-me tentações de ir a esse baile! Como isso tudo deve ser curioso!

—Se a senhora se divertisse ali, que mau era?! O peior, minha senhora, é que ha de haver lá muito preto e muita preta, á mistura!

—Que tem isso; mais graça lhe acho!

—Pois é decidir! Veste um dos meus vestidos, e eu apresento-a como uma prima minha. Ficará muito bem disfarçada, e bonita sempre da mesma forma!

—Lisongeira! E cuidas que me servem os teus vestidos?

—Somos quasi da mesma estatura; v. ex.ª é um poucochinho mais magra que eu; mas com um alfinete de mais, ou de menos, tudo hade arranjar-se!

A viscondessa accordada por uma phantasia não parecia já a descuidosa e triste creatura de uma hora antes; abandonára o ar languido e a attitude de dormente; em bem pouco tempo, a viscondessa, que não devia os seus encantos aos mysteriosos recursos da *toilette*, achava-se transformada, de grande senhora do alto mundo, em simples parenta de uma aia.

Claudina mandou buscar uma sege de praça, e a viscondessa, bem embuçada n'um ponche côr de castanha, entrou cheia de alegria no trem de aluguer, puchado por uns rossinantes estiticos e espalmados, que o cocheiro não apressou muito, por cuidar que ia conduzindo duas simplices criadinhas.

II

O spleen do vicio

Quasi á mesma hora em que a viscondessa se apartava do palacio disfarçada no traje de uma humilde burguesinha, dava-se uma ceia em casa de Rosinha, segunda bailarina de S. Carlos.

A ceia reuniu uns poucos de elegantes, dos melhores nomes de Portugal, que não desdenhavam as festas desta bonita condemnada, segundo o termo que lhe dão as virtuosas, quiziladas de viverem em sociedades mais decentes.

Para a sociedade de Lisboa e do Porto a gente de theatro representa e significa o que verdadeiramente é; mas, em muitos logares do reino, ainda se conserva um horror pudico por essas alegres creaturas. Deus nos livre de irmos gabar em terras pequenas as qualidades de uma actriz; é o que bastaria para nos darem por judeu! A actriz é considerada ali como uma mulher perdida, com a cabeça recheada de contos e comedias, de encantos e de perigos, dotada de um poder irresistivel, sereia tentadora, bruxa que tem philtros, e que transforma os homens em rochedos e em animaes! A vida de theatro significa para a burguezia a phantasia do espirito, a liberdade amorosa, o ruido, a extravagancia, a gloria, as relações faceis, o dinheiro que não custa a ganhar, e que por

isso se gasta como os bens de sachristão, que cantando vem, cantando vão!

—Aquillo é má gente! disse-me uma vez um sancto homem, na Nazareth. Como estão excommungados, vingam-se em levar vida airada!

E, por fim, no nosso paiz, não conheço gente mais séria, do que a gente do theatro. Olhem-me para os actores;—este prima em ser bom pae, o outro em ser bom visinho, aquelle em comer de peixe nos dias de jejum, aquell'outro em ter dois monte-pios para deixar pensão certa á sua familia, etc., etc.! As actrizes são umas excellentes raparigas, que gostam de se dar com gente pacata, participar das alegrias ineffaveis de uma honesta contradança, e visitar senhoras cazadas. A sua conducta é a mais austera. Se ha existencia methodica e regrada, em que o capricho e a aventura não se atrevem nunca a metter o nariz, é a das actrizes portuguezas. Os ensaios e as representações tomam-lhes a maior parte do tempo no theatro, consagrando aliás o que lhe resta, a estudar os papeis, e a dar na roupa os pontos precisos. Se isto é a immoralidade e a loucura, diga-me o leitor o que é que faz em casa, para, no caso de as exceder, em tratar de lhe alcançar... a medalha da virtude!

O que vale, diga-se a verdade, é as bailarinas serem mais romanticas, mais alegres, mais extravagantes, se assim o querem, mais *satisfactorias*, que este é o termo.

Em casa de Rosita a sociedade não era das mais numerosas, mas escolhida; quatro ou cinco homens, e outras tantas mulheres, pouco mais ou menos: os homens pertenciam, como já lhes disse, ás familias mais bem situadas na côrte; as mulheres eram umas formosas creaturas, para quem a scena era um pretexto, visto que,—ainda não se descobriu o porquê—a boa sociedade quando quer divertir-se, é obrigada a recorrer á má, o que faria acreditar que o vicio tem mais attractivos do que a virtude, conclusão que a moral reprova.

Rosinha presidia á ceia, com a graça espirituosa, o atticismo e o fogo, que fariam della, a grande sacerdotisa do prazer, religião que no nosso seculo, já quasi que não tem atheus. A sua incrivel magreza explicava-se pelo arrebatamento constante da dançarina, que sacrificara as rotundidades da mulher, á ligeireza da artista. A mão debil e diaphana brincava em aneis de brilhantes, que uma creança de dez annos não poderia pôr no dedo. O seio intrepidamente degotado, ostentava os mais deliciosos nadas, e póde dizer-se que o nada, não foi tão bonito nunca. O pescoço alvo e fino tinha uma certa nobreza e fazia-lhe pôr a cabeça como uma ave ou uma flôr. Um dos seus adoradores fizera-lhe um dia estes versos a que deu por titulo:—*A minha musa:*

> Ai! a musa seductora
> D'estas canções namoradas
> Não é altiva senhora

Que nas ameias rendadas
D'algum castello sombrio
Soltas as loiras madeixas
Á brisa quente do estio,
Poisada a face na mão,
Solta ao vento descuidada
Algumas tristes endeixas,
Alguma ardente canção!

Não é pallida donzella
Que envolta em candidas vestes
Vem melancolica e bella
Á branca luz do luar
Lembrar as visões celestes
Que a sinistra phantasia
Da germanica poesia
Tanto gosta de evocar!

Não! a musa que me inspira
Esta canção delirante
Que me faz soltar na lyra
Hymnos loucos de prazer
És tu só, tu gentil fada!
Tu, a ardente poetisa
Do phantastico poema
Dessa dança caprichosa
Em que tu, sylphide airosa,
Sabes a graça suprema
Por tal forma descrever,
Que ao ver-te assim radiante
Louca, fervida, enlevada,
Julgara a sacerdotisa
Ver do amor sensual,
Ou ver a ardente bachante
Palpitante, desgrenhada,

Mas sempre com mimo e graça
Empunhando a rubra taça
Em fremente bachanal!

És tu só, gentil rainha,
Minha louca inspiração!
O teu pésinho arqueado,
Pé que apenas se adivinha,
Das danças no turbilhão,
Oh! vejo-o agora a meu lado
Tão pequeno e tentador,
Que esquecera o mundo inteiro
Por esse pé feiticeiro
Que me accende na minh'alma
Um vulcão, que nada acalma,
Um vulcão de ignoto amor!

Minha musa caprichosa,
Que encantado me tornou,
Não temas que em nome d'arte
Eu vá audaz comparar-te
Ou á Laura graciosa,
Ou á casta Beatriz!
Não airoso diabrete;
Quero só, gentil coquette,
N'esses teus ardentes labios
Ir colher a inspiração,
E deixando a gente pallida
A cantar anjos ethereos
Ir comtigo, ó minha sylphide,
Aprender os mil mysterios
Da mais terrestre paixão!

Que de contos de réis tinham sido precisos, que de fortunas absorvidas e atiradas ao vento, para che-

gar áquella magreza ardente, é o que podia adivinhar-se nos seus olhos devoradores, illuminados de phantasias impossiveis que animavam aquella physionomia em que o *carmim* córava sem alterar a pallidez delicada.

Se se perguntasse a um rapaz, e mesmo a um homem de idade madura, se conhece maneira mais agradavel de matar o tempo, do que tomar parte n'uma excellente ceia, n'uma sala allumiada por um incendio de luzes, com os homens de maior espirito, as mulheres de maior belleza, responderia infallivelmente que não, e diria haver coisa comparavel ao prazer de fazer saudes á mais bella com vinho de Champagne, sentado entre duas deusas brilhantemente enfeitadas, que sorriam por baixo do pó de arroz e de tinta vermelha com um ar de graça que leva a gente ao céo!

E todavia, o conde d'Eyras parecia enfastiar-se, estirado na sua cadeira, esperando com um modo triste que a espuma que trepava pelo seu copo se extinguisse, para levar aos labios, e responder á saude que Rosinha, em pé, e com a sua linda mão encostada á meza, acaba de lhe dirigir:

—Ao sr. conde d'Eyras, tambem chamado... o elegante tenebroso!

—Sim! Á saude do vencedor! gritaram em côro os outros convidados bebendo.

O conde depois de tocar o seu copo com o de cada conviva, despejou-o silenciosamente.

—O conde, disse uma trigueirinha bonita, recebeu hoje de certo alguma má noticia. Dar-se-hia o caso de que seu tio, de quem elle vem a ser herdeiro, despedisse os medicos, e se resolvesse novamente a viver?! Porque não casa, então? Quem seria hoje mesmo que se recusasse a abrir-lhe credito... sobre o dote futuro de sua esposa!

—Não! respondeu o conde. Não estou hoje mais arruinado... que de costume, e tenho sempre umas duzias de libras para as coisas inuteis.

—Que o afflige então? perguntou-lhe Rosinha. A que se deve esse ar triste e monotono? Que remorso o agita? Porque vae arrastrando por esse mundo similhante physionomia lugubre e afflictiva? Que conquista lhe falhou? A que innocencia, a que marido concedeu graça n'um momento de virtude ridicula? Tudo isto são erros de que uma pessoa não se consola mais!

—Quanto a isso não me doe a consciencia. Não achei a innocencia em parte alguma. Pelo que diz respeito aos maridos, são *Othellos* demais para ter dó delles; estou socegado a esse respeito.

—Visto não haver commettido peccados desta natureza, absolvo-o, e escusa ficar de joelhos! Sente-se ao meu lado, e beije a minha mão em signal de penitencia.

O conde levantou-se e depositou um beijo na mão de Rosa.

—Pois bem, explique-me agora essa physionomia

funebre. Não sendo o remorso que a annuveie; é a tristeza; e qual póde ser o motivo? Um amor infeliz, não correspondido? Não é possivel que exista!

—Lisongeias-me; não tenho que receiar isso; não amo ninguem.

—Saiba que é pouco cortez o que acaba de dizer. Aprenda que em Lisboa um homem do mundo, deve sempre parecer namorado da mulher com quem está fallando!

—A Rosa não é mulher, visto ser o meu confessor!

—De maneira nenhuma; já não está de joelhos e estamos a conversar agora!

—Pois bem, se estivesse namorado de si, não é isso que me havia de entristecer, porque supponho que não seria nenhuma panthera para mim, a acreditar o que me disse ha pouco ao ouvido.

—O que lhe disse eu?

—Que poderia amar-me, mesmo que eu estivesse arruinado!

—É verdade; mas como isso por ora não aconteceu, ainda o não amo; teria feito essa generosidade á sua miseria.

Nós outras mulheres de theatro, que recebemos sempre, gostamos ás vezes de dar, é uma consolação sem egual!

—Que pena eu tenho de não ser pobre como um poeta. Tinha vontade, palavra de honra, de jogar todas as noites para cahir em miseria.

—Podia ganhar!

—Casar donzellas, fazer doações, mandar fazer cascatas no jardim do meu palacio; coisas capazes de arruinar os reis!

—Tudo isso não seria preciso, se gastasse um pouco de meu, resignar-me-hia a supportar a sua riqueza; mas o senhor conde parece-me pouco affeiçoado!

—Era verdade isso, ainda ha pouco, mas agora já o não é, respondeu o conde tomando a mão de Rosa entre as suas.

—Então, já sabe o segredo do conde? disse o marquez de Valnegro a Rosa.

—Já o sei respondeu ella, sem largar a mão do conde; fez-me confidente das suas desgraças, e eil-o consolado!

—Safa! que consoladora! d'aqui em diante terá todos os desesperados a seu cargo para os curar!

O conde, não estando inteiramente curado da sua tristeza, parecia todavia menos melancolico; o seu olhar tinha mais brilho, respondia com graça e espirito aos gracejos, que lhe choviam de todos os cantos da meza; observou-se que as nuvens que lhe cobriam a fronte, estavam inteiramente dissipadas, e que se reconhecia nelle o conde d'Eyras do tempo antigo.

Fez-se uma saude a Rosa, que tinha feito o milagre, e a festa continuou animadissima.

Mas, á retirada, quando o conde se encontrou ou-

tra vez só na sua carruagem, elle disse a si proprio:

—Sancto Deus! Como tudo isto me enfastia! Em que heide eu entreter o resto da noite? Se me disfarçasse, e fosse ao tal baile dos pretos... a idéa não é má; o meu mordomo Silva fallou-me tanto n'isso! Deve ser curioso, depois de haver deixado caras cheias de pós de arroz, achar-me de repente entre rostos de azeviche! Vou ter com o João Silva para lhe communicar este singular projecto!

III

No baile dos pretos

A viscondessa, a quem deixamos na sege com a sua fiel Claudina divertia-se immenso com os balanços da carroagem, e estava ainda a rir como uma creança quando chegaram ao seu destino.

O baile já tinha principiado quando ellas entraram. No caminho a viscondessa tinha recommendado a Claudina que a apresentasse como uma sua prima, que a tratasse por *tu*, e que lhe désse o nome de *Carlota*.

Quando Claudina appareceu, acompanhada de Carlota, todas lhe fizeram muita festa; ella apresentou sua supposta prima a toda a gente, e foi recebida com summa amabilidade.

A viscondessa que se lisongeava pouco de ouvir dizer ao medico e ao tio commendador que a com-

paravam ás tres graças reunidas n'uma pessoa só, corou de prazer quando ouviu dizer ao filho de um droguista da rua nova da Palma as faces parecem dois pecegos, dá vontade de lhes dar uma trincadella!

Na realidade a viscondessa estava encantadora com o seu simples vestido de cassa azul claro, e os seus lindos cabellos castanhos levantados á *Maria Stuart* sem outros enfeites senão os que a natureza lhe tinha dado.

Carlota foi a rainha do baile teve par para todas as danças; os *janotas* brancos da festa offereceram-lhe flores, tremoços, etc; até o escrevente d'um tabellião lhe foi buscar uma ventarola de papel verde pedindo-lhe que a aceitasse como *simples lembrança d'um coração sensivel!*

Estes galanteios divertiam immenso Carlota, que os aceitava sorrindo.

O filho do droguista e o escrevente não a largavam com os olhos, e davam suspiros que se ouviam apesar da bulha da musica!

A festa estava no seu melhor momento. A noiva, que era uma preta redondinha e luzidia, olhava ternamente para seu esposo, um branco insipido, que tinha um ar de tolo e de innocente, que formavam um todo encantador. A rainha de Congo dignára-se assistir a este baile, ella, que em cada anno não concede nunca senão duas noites de *brincadeira* e uma de beija-mão! A aristocracia, que ali se encontrava,

toda condecorada, e agaloada, respirava grandesa, justiça, e convicção! Não poderia dizer-se que era a nobresa do *talon rouge;* mas era a nobresa... do *talon noir!*

A côrte estava toda em simples galla; a noiva era a marqueza de Apindobi. Sua magestade vestia, de riscado, com chaile de cassa de lã, e luva branca de algodão. A camareira-mór, duqueza da Bahia, sentada ao lado de sua magestade em simples cadeira de palhinha, trajava de branco, com mantinha ão pescoço e grinalda de murta. As condessas de São Paulo e de Moçambique attrahiam a attenção pelos adornos que enfeitavam sua natural belleza, tendo cinco pulseiras e dois broches cada uma, e, na cabeça, enfeites de pennas e fitas, de summa originalidade e gosto. O ministro do reino, em obsequio aos noivos, e por lhe constar que ia a rainha, apresentou-se em grande farda azul, sumptuosamente bordada a pechibeque, calça agaloada e botta de duas sollas. O correio de sua magestade estava com fardamento mais simples, mas não menos grave, e o marquez de Pombal, secretario junto á real pessoa deitou gravata n'esse dia!

A noiva foi conversar um pouco com sua magestade, que se dignou acolhel-a com dois abraços. Estiveram dando noticias uma á outra ácerca do partido do principe imperial, que effectivamente não tem sabido ganhar desde 1840 a firme posição que aspirava no imperio de Congo!

A rainha dizia assim:

—Don Imá Nastaxio oa peledela oenho oé até quisoco chexina, o gito o dj gina djé oa xala macanga, no tembo chia sonechene o micanda pala co Zanga co dychisa o gin deleto gé gia macuto, gia co xicama bo chialo chia Muene Exi.

—Inhi e gambella Dembo, den don Lomingo dja Pindo?

—Camba riame; Don Lomingo o dj cota dja milonga icolla ia banza ia Nossa Senhola ia Lozalo, quambe ia zuelle oa xile maxima ma vulo mo proxiçá ia Talaia; amucaye mo chizombo; o lelo ca tené ne co xibrila co cala tambolo mo proxiçá ia Mucuto oan Zambi, ne Comoneca bui zomba io nene ia Muene Exi, ia Nossa Senhola ia Lozalo ne ia Gezuzo Malia Zozé.

O que, na lingua bunda, ou lingua dos pretos significa:

—D. João Anastacio tem, n'estes ultimos tempos, perdido a sua influencia, e vae longe a importancia de que o seu nome gosava, na epoca em que um manifesto enviado ás côrtes da Europa tentou assegurar os seus sabios direitos ao throno.

—E que me diz v. magestade a D. Domingos Pinto!

—Não me falles n'isso! D. Domingos Pinto de Jesus Maria José, o temivel tribuno da irmandade, cujos discursos tanta impressão produziram nas reuniões preparatorias do cyrio da Atalaya, está retirado

da sociedade, não se atrevendo hoje siquer a aceitar tambor na procissão do Corpo de Deus, nem a comparecer nas festividades notaveis com que o imperio celebra os Reis, Nossa Senhora do Rosario em outubro, e Jesus Maria José em maio!

Os brancos, que passeavam de um lado para o outro, examinando a noiva, procuravam debalde perceber a algaravia infernal da sua linguagem, certamente idioma que Belzebuth inventou quando andou pelo mundo! Os pretos, em grupos, conversavam com a maior gravidade sobre os negocios do estado, questionando se a melhoria d'elle se devia ou não á sabia governação da rainha D. Maria Joanna de Sousa, com cujo partido teem feito communhão ultimamente os mais rebeldes inimigos do throno, desamparando a causa do duque regente. Eram muito observadas n'este baile a baronesa de Benguella e a marqueza de Cuiabá, não tanto pela elegancia de *toilettes* ou pela abundancia de pomada, mas pela indifferença com que olharam toda a noite a côrte, affastando-se sempre, com desdem, da rainha, a quem consideram usurpadora. Os brancos, durante todo o tempo da festa, conservavam-se formando outro circulo e outra sociedade, inteiramente separados da gente de côr. Para evitar a confusão não desceram os refrescos ás salas, e apenas se abriram as janellas para entrar um pouco d'ar; alguns altos dignitarios da côrte de Congo fizeram, porém, distribuir de mão para mão, — tendo sua magestade dispensado o cerimonial da

bandeja, — uma abundante ceia volante... de alcomonia!

Carlota esteve durante todo o tempo entretida, graças a uma abundancia interminavel de contradanças, walsas, polkas, schottish, lanceiros, etc., e chegou a ponto de já se não lembrar que era viscondessa e que se achava n'um baile de pretos!

Comquanto ninguem sonhasse que Carlota era uma fidalga disfarçada, todos tinham mil attenções para com ella; parecia que a sua belleza impunha o respeito a toda aquella gente, brancos e pretos, e, que todos rivalisavam em a obsequiar... a seu modo.

Claudina chegou-se ao pé da sua ama e perguntou-lhe de vagarinho: que tal acha v. ex.ª o baile? O que lhe parece tudo isto?

—Diverte-me! e esta gente parece-me alegre, e civilisada!

—O filho do droguista não é feio rapaz, não acha?

—É possivel, mas não me agrada.

—E o escrevente do tabellião?

—Ainda menos!

—Tenho pena que v. ex.ª não se agrade de nenhum d'estes janotas.

—Sabes, Claudina, estou com vontade de voltar para casa.

—Peço-lhe que fique ainda um instantinho...

—Divertes-te muito, não é verdade?

—Não me divirto tendo a sr.ª viscondessa enfastiada, mas está-se ainda á espera de alguns rapazes,

e v. ex.ª bem sabe que o fim d'um baile é sempre o melhor; é como nos fogos de vistas!

A viscondessa cedeu aos rogos de Claudina, e o leitor verá que não fez mal.

IV

Principia-se a mentir

Eram duas horas da madrugada e o baile estava quasi acabado, quando entrou um homem gordo, de cara alegre, que todos receberam com muita deferencia; trazia um mancebo na sua companhia, que elle apresentou á sociedade como um primo da provincia chamado Carlos, que tinha vindo a Lisboa para ser caixeiro n'uma casa de modas.

—Elle é bastante acanhado, observou João Silva (assim se chamava o homem gordo) mas tenham paciencia, é molestia dos provincianos; em elle estando quinze dias em Lisboa já lhe nascem azas para voar como os melros da capital!

Carlota olhou de revez para o sr. Carlos com muita attenção, e não o achava tão desengraçado como isso, nem tão tímido como o João da Silva queria dizer. Era um bonito rapaz, de olhos e cabellos pretos; bellos dentes, esbelto, de physionomia alegre e sympathica.

Apesar de ser da provincia, onde havia de ter deixado alguma prima morta d'amores por elle (todos

os provincianos inspiram paixões... na sua terra) elle foi direitinho para ao pé de Carlota, a rainha do baile, e pediu-lhe a honra da seguinte contradança.

O desembaraço do recem-chegado fez pasmar um tendeiro, um tintureiro e um luveiro, e todos achavam *o menino muito desinvolvido*. Os pretos é que não repararam n'isto, por andarem entretidos uns com os outros.

O amavel droguista suspirou melancholicamente quando viu a sua *chamma* rir-se agradavelmente para o sr. Carlos, e aceitar o seu convite para a contradança.

Carlos agarrou na mão da *menina* Carlota e conduziu-a ao meio da sala para tomar logar na contradança.

Elle dançou como toda a gente, e não se enganou nas figuras, o que é muito para um provinciano!!

—Nunca esteve em Lisboa sr. Carlos? perguntou Carlota ao seu par.

—Não, menina, nunca! É a primeira vez que venho á capital.

—E como acha a nossa Lisboa, corresponde ao que lhe teem contado d'ella?

—Sim e não; acho lindo o Terreiro do Paço, o Rocio, S. Pedro d'Alcantara, o Passeio publico, mas vejo tanta miseria por estas ruas, que não sei se devo admirar ou censurar. Se me deixa ser franco dir-lhe-hei, que, até hoje, o que vi de melhor em Lisboa... é a menina mesma!

—Bem se vê que o senhor ainda não viu nada! Procure, e achará.

—Já achei, não quero procurar mais e apesar de ser da provincia, sei dar o devido valor á belleza e aos encantos que a adornam!

—Calle-se, sr. Carlos, que me envergonha!

—Não se envergonhe, menina, de ter inspirado amor a um rapaz honesto.

—A quem agrada, isso talvez; mas amar-me em tão pouco tempo, não é possivel; ha apenas uma hora que me conhece!

—Uma hora foi bastante para eu lhe consagrar a minha vida para sempre. Não a conheço! Santo Deus! Não vi o seu sorriso angelico, a expressão meiga dos seus lindos olhos, não ouvi o som argentino da sua voz; não vejo que é bella, que deve ser boa por força! O seu olhar o diz!

—O que o senhor vê é que tenho os olhos azues, e o cabello castanho; isto não prova que não tenha mau genio, que não seja inconstante e perfida! Todas as meninas são encantadoras n'um baile, porque a dança torna meigas as mais resistentes!

—Diga o que quizer, menina Carlota, que isso não me fará mudar d'opinião a seu respeito!

—Sou um modelo de perfeições, mas o morrer d'amores por mim, não basta para eu lhe aceitar a sua côrte!

—Não lh'o peço, mas quero-lhe provar como póde ser durador um amor que nasceu com o primeiro

olhar, e que se desenvolveu n'uma hora apenas!

—Previno-o d'uma coisa, que se esse capricho nascido no baile não morre com elle, é preciso que me faça a sua côrte com todas as regras usadas na capital; só assim a aceitarei; saiba isso, sr. Carlos!

—Aceito, menina Carlota; verá que só os provincianos sabem amar devéras!

V

A feira do Campo Grande

Claudina, que observava a viscondessa d'um canto da sala, viu logo que o sr. Carlos não lhe desagradava. Não ha ente mais sagaz em assumptos amorosos do que as aias das fidalgas; conhecem um namoro nascente á legua, e aproveitam-se d'elle em seu interesse proprio.

O baile finalisava, e os musicos estavam a cahir com somno. Como isto se passava no principio de outubro, e Lisboa estava desfructando um delicioso outono, mettia gosto aproveitar a madrugada que vinha linda, e ir dar um passeio. Visto estar a sege á espera, o sr. Carlos sentiu-se assaltado da tentação de ir na almofada com o cocheiro, e conduzir a sua bella nada menos do que á feira do Campo Grande. Não ha coisa que mais seduza do que uma temeridade, e esta foi aceita pela nossa heroina ainda que com um gracioso véo de escrupulo.

A feira por excellencia da nossa terra havia perdido já a esse tempo a feição caracteristica e nacional que a distinguia, e já não se corria o risco de encontrar, ainda fusco fusco, as honestas famílias dos burguezes, montadas em tysicos burrinhos que já de vespora estavam encommendados com ancia no Poço do Borratem. A viagem, portanto, teve os encantos da solidão e o estylo bucolico de uma aurora sem espectadores. Oh! tempo de nossos paes! Tudo era bem diverso então! Já a essa hora para lá marchavam ranchos e ranchos, ambiciosos de panno de linho para os lençoes domesticos! Lençoes, em que todos nós ainda dormimos hoje! Riqueza d'epoca! Conhecer *gente fina*, e ter duas arcas de lençoes, era o *el dorado* do principio d'este seculo! — « Este fulano tem fortuna? » — « Não, mas tem *muito bons conhecimentos!* »

— Que tal é aquelle casamento? Magnifico! O pae tem bom passadio, e muita roupa de linho! Hoje, porém, o lençol está em decadencia, e o briche teve a sorte de todas as coisas d'este mundo, passou de moda. O Philipão desapparecendo subtilmente da sociedade pelos artificios do progresso, tinha de renegar o briche no dia em que a loja do Nunes emprehendeu a emancipação do algibebe! O briche desfructára apenas uma estima de convenção; o agradavel nunca se lhe juntou ao util, e nossos paes usaram-o apenas em pequenos, graças á prudencia economica de nossos avós. A gente antiga imitava os

gostos como quem imita as flores: ha-as naturaes e artificiaes; o gosto de nossos avós pelo briche foi natural: mas o de nossos paes foi sempre... artificial!

Quando o nosso par chegou ao Campo Grande, —uma das poucas coisas portuguezas que não mentem ao nome, porque é grande realmente! —já não havia fórma de adivinhar a influencia d'outr'ora por esta funcção de cada anno, que trazia a Lisboa a melhor gente das provincias a enfeirar nos ourives e nos quinquilheiros, sequiosos do classico annel de distico: *Uma saudade.—Para o meu amor.—Á mais bella.—Só em ti penso.—Marilia.*—etc. A pouca gente que por lá andava tinha ar de quem tem desgostos ou botas apertadas: o proprio burguez já se dá o tom de soffrer de *spleen!* Não ri, não pula, não toca berimbau, não dá piparotes no nariz da esposa, em signal de bom humor, não compra cochicho aos filhos, não traz nozes para casa, e se chovisca não cobre o chapéo com o lenço d'assoar! Oh! Deus piedoso! Porque motivo não abre ja o burguez n'este dia memoravel aquella rara excepção de um anno inteiro, que lhe permittia entre duas iscas de porco, ao lado do invencivel barrilinho, embriagar-se no seio da sua familia, recolhidos n'uma tasca? Se a mulher tinha o vinho agreste era-lhe permittido d'essa vez sem exemplo esbofetear seu marido, brincarem de mãos e á bruta, e até rasgar-lhe o fato! Rasgar-lhe o fato até! porque os burguezes em funcção de tasca são como as ban-

deiras ao voltar da guerra, as mais rôtas são as mais gloriosas!

O sr. Carlos n'um rapido passeio que deu pela rua dos ourives e das quinquilherias, enfeirou um annel para a prima e um ai para Carlota. Um ai! Oh! A delicada prenda! Bem sabe o leitor que o amor paga este fôro annual á ternura, e que todo o amante é obrigado... a suspirar em tartaruga!

Depois, docemente, meigamente, graciosamente, partilharam uma queijada ambos, sorrindo um para o outro. Tudo isto era do estylo, tudo isto era cheio de *côr local!* A viscondessa dizia a si propria que estava atravessando um sonho, e apenas com os primeiros alvores da manhã chegaram para a sua alma os primeiros sustos.—Se alguem soubesse! pensava ella.

Depois, tornaram a entrar para a sege, e o conde tornou a trepar para a almofada; ia o sol nascendo quando passavam a Andaluz.

Depois, o sr. Carlos apeou-se a pedido de Claudina, depois os dois namorados, trocaram ao ouvido um segredo de ajuste, e apertaram-se estreitamente a mão; depois, emfim, apartaram-se!

VI

Continua-se a mentir

Quando a viscondessa accordou, passava já do meio dia, hora que nada tinha de inverosimil, e antes da qual era raro que chamasse.

Para todos, excepto para a fiel Claudina, ella passára a noite no palacio, e ninguem podia suspeitar da aventura da vespora, a que aliás não havia que dizer; mas é coisa tão facil fazer tudo quanto vem á idéa guardando as conveniencias mais restrictas; que unicamente os tontos se dispensam voluntariamente do vernis da boa reputação, que tão necessario é na vida. A descripção de Claudina estava segura: a fidalga possuia um segredo que por tudo que ha neste mundo a sua aia não quereria ver divulgado; de mais a mais, ficou promettido um rendimento certo a Claudina, no fim de certo numero d'annos, se ella désse boa conta de si em toda esta historia.

Claudina ajudou sua ama a levantar-se, um pouco fatigada, ou antes entorpecida pelas proezas do baile, porque Terpsichore que tanto prostra os homens, não conseguia ainda cançar verdadeiramente uma senhora, tanto este sexo encantador e leve é destinado á dança!

—Não reparaste tu, dizia a viscondessa a Claudina, quanto aquelle rapaz differe dos outros, que lá estavam? Não te pareceu mesmo que tem as maneiras mais delicadas, e que não fica contrafeito em nenhum gesto? Explica-se agradavelmente, e mesmo em dizer coisas simples não deixa de ter sua galanteria! Cuidas que ficou namorado de mim, disse a verdade?

—Não precisa a senhora das minhas luzes, a esse respeito!

— Disse-me coisas amaveis, fez-me uma declaração, mas isso não é bastante; o que eu desejava era saber se elle sentirá por mim uma das taes paixões fortes e sinceras, como tu dizes que só os mecanicos são susceptiveis de experimentar!

— Até onde eu posso chegar nos meus juisos, o sr. Carlos tem-me ares de estar pelo beiço! Virtude e resistencia podem fazer d'isto uma paixão, d'essas que não existem no grande mundo!

— Claudina, és um poucochinho atrevida; diria quem te ouvisse, que na aristocracia não se sabe ter defesa em coisas d'amor! É uma tolice da plebe. Chego a temer que vá contrariar as tuas idéas de virtude, ter eu concedido uma entrevista ao sr. Carlos, na horta do Patriarcha!

— Fez a senhora muito bem, visto querer continuar esta aventura. Não sendo esse encontro, como haviamos nós de topar o sr. Carlos, a quem não temos o gosto de conhecer, a não irmos perguntar por elle ao sr. João da Silva, que o conhece!

— Tens um espirito judicioso, Claudina!

Mas, este projecto, comquanto bem concebido, não deixa de me dar que entender!

— Queira a senhora viscondessa delegar em mim os seus poderes, e deixe ir o caso. Primeiro que tudo, tornam-se-me precisos cem mil réis!

— Vae buscal-os. Abre a gavetinha do meio d'aquella commoda, ao pé da janella.

— Cá estão!

—Continua, agora!

—Com estes cem mil réis, vou alugar uma casa modesta e virginal; mobilo-a como o poderia fazer uma simples costureira, que tenha mãos diligentes e a quem não falte obra! Porque, se v. ex.ª quizer ver o sr. Carlos de vez em quando, é arriscado andar sempre na rua, e não poderá recebel-o no seu palacio da rua do Alecrim, sob pena de causar um grande sobresalto ao guarda-portão!

—Dizes com muito acerto. A casa parece-me util. Continúa!

—É preciso tambem attender ás condições do disfarce, e comprar fato proprio... da situação!

—Pois sim, mas que seja de bom gosto; não quero agora disfarçar-me a ponto... de deixar de parecer bonita!

—Oh! Deixe-me a senhora! Hoje mesmo arranjarei tudo. Verá como me sáio d'esta!

—E como heide fazer, Claudina; o que heide ámanhã para ir a S. Vicente, á horta do Patriarcha?!

—Não ha coisa mais simples. É ir na carruagem a alguma egreja ou alguma loja de modas que tenha duas sahidas, e fazer esperar n'uma d'ellas um *coupé* do Gomes; entramos, e vamos á nossa casa nova, onde eu arranjarei a senhora por tal feitio que hade ter ares de costureira até no branco dos olhos!

N'esse mesmo dia se alugou a casa e se compraram os moveis: tudo trivial e humilde, mas aceiado

e bonito; nunca a innocencia e o amor tiveram mais appetitoso ninho. Na janella,—verdadeira janella de costureira—estava um vaso de majericão, e uma gaiola com um pintasilgo; deitava para uma quinta grande, e era um gosto estar ali reparando no bulicio de Lisboa, escutando melancholicamente o gemer de uma nora.

Depois de vestida e enfeitada, ou antes desenfeitada, segundo o papel que representava, a viscondessa ao olhar-se a um espelho ficou entre a admiração e o encantamento; encontrou em si uma belleza ignorada! ainda que mais formosa do que nunca, reconhecia-se apenas, tanto mudára até na côr da pelle, na expressão, nos modos; em vez do seu ar aristocratico, insolencia da belleza, tinha uma physionomia meiga, modesta, virginal, quasi infantil, porque a simplicidade remoçava-lhe dois annos; estava muito mais galante do que no baile da vespera com o fato de Claudina, que lhe prestára o quer que fosse de menos puro e distincto, porque o fato amolda-se pelo caracter á alma dos que o vestem, faz-lhe tomar certas pregas, e Claudina tinha uma alma... de criada de servir!

Depois de operada a metamorphose, ambas partiram para S. Vicente, e, tão depressa chegaram á citada horta, teve Claudina o bom senso de deixar sua ama entrar sosinha, por ser uso terem as costureiras criada grave.

O sr. Carlos, com quanto a hora indicada não ti-

vesse soado ainda no relogio do templo, andava já de ronda havia muito tempo, porque se a exactidão é a civilidade dos reis, a civilidade dos namorados consiste em serem cheios de paciencia, — quando não se chega muito cedo, já se chega tarde!

A menina Carlota fingiu-se muito admirada de encontrar este sujeito, como se tudo fosse simplesmente um effeito do acaso, e as faces se lhe tornaram docemente rosadas, porque, comquanto fosse senhora do melhor mundo, fazia-se corada á menor commoção. Não havia mais bonita vista do que a d'esse par; dir-se-hia que era o amor disfarçado em caixeiro, procurando conquistar Psyché feita costureira! Ao vel-os passar, diziam os homens: Como ella é bonita! As mulheres: Como elle é airoso! É Cupido! É Venus!

— Já queria parecer-me que não vinha? disse Carlos, entrando em materia sem mais exordio.

Um olhar de Carlota em ar de censura, que não poderia traduzir-se senão d'esta fórma: «Bem sabia que eu não faltava!» foi a sua unica resposta.

— O coração estava-me impaciente, porque ha mais de uma hora que ando a observar os repolhos e a capoeira!

— Apesar d'isso, fui exacta! disse Carlota, indicando com um dedo o relogio da egreja.

— O amor anda sempre adiantado, e não ha relogio que regule bem para uma entrevista!

— O sr. Carlos tem expressões...

—De namorado. As pessoas de jerarchia sabem dizer tudo por peior que seja; nós cá, os pequenos, não podemos mais do que ser sinceros! Não é o nosso espirito mas o nosso coração que falla!

A viscondessa pensou de si para si n'esse momento que Claudina tinha toda a razão em dizer que só na classe media se poderia encontrar um coração novo para os sentimentos, e portanto capaz de amar com bons fins.

—Pois bem! Admitto que está namorado de mim, mas não esteja a dar ás mãos de uma maneira que reparem em nós!

—O melhor era dar-me o braço; indo assim pareço um importuno que a vae seccando! Se aceita, ainda que a sua formosura chame as attenções, a minha presença obriga-os a serem respeitosos.

A viscondessa, que achou razão a esta idéa, e que se haveria prestado a ella ainda que não lh'a achasse, encostou a sua mão delicada á manga do cazaquinho do sr. Carlos, e assim foram passeando.

Tão depressa chegaram as Aves Marias, disse Carlota:

—São horas de eu voltar para casa!

—Para casa? E aonde é que mora?

Carlota nomeou a rua. Unicamente, como não conhecia as ruas de Lisboa, foi-lhe impossivel atinar com o caminho. A outro, menos preoccupado, do que o nosso heroe, parecia extraordinario que uma costureira não soubesse o caminho da sua casa, mas ella

deu por desculpa que saía pouco, e quasi sempre com uma amiga intima, que conhecia Lisboa a palmos,—amiga a quem não trouxera essa tarde em sua companhia, «bem adivinhava o sr. Carlos o porquê.»

Não competia ao nosso heroe achar má a desculpa; contentou-se com ella. Pelo que lhe dizia respeito, a sua posição de rapaz da provincia chegado ha pouco dispensava-o facilmente de conhecer as ruas da cidade. Não viram mais do que a prespectiva de uma traquitana que passava,—proposta a que se arriscou o mancebo, e que a dama aceitou, não sem corar um pouco; mas realmente principiava a estar cançada, porque em toda a sua vida nunca andára tanto a pé.

Ao chegarem a casa, o sr. Carlos com uma insistencia suave, ainda que bastante teimosa, apesar da mesura que lhe fez a menina Carlota ao chegar á porta, foi entrando com um ar tão candido, tão honesto, tão delicado, que não havia maneira de o despedir.

A viscondessa pensou comsigo:

—Que heide fazer, Deus meu! O que dirá a Claudina!

—Mora n'uma casa bem bonita, menina Carlota!

—Sim! Ha logar sufficiente para trabalhar e para cantar!

—Como eu estimo ter entrado aqui! De dia, vel-a-hei sentada á janella, e um raio do sol vir dou-

rar-se nos seus cabellos, emquanto estiver dando ao trabalho dedos fadados para o sceptro; de noite, verei a sua fronte virginal em sonhos infantis sobre o modesto travesseiro da sua caminha de ferro, e saberei pela manhã quaes são as flores que respira, quando para envergonhar a aurora, vae, ao erguer-se, abrir a janella!

—Oh! sr. Carlos! Vossa senhoria falla como quem faz livros!

Elle encolheu os hombros, rindo. Depois, e seguindo uma idéa, replicou:

—O amor faz a gente poeta!

Isto foi dito, pegando na mão a Carlota, que lh'a retirou.

—Amisade é que se diz! retorquiu ella. O amor é um peccado!

—Mas o mais bonito peccado que ha, e o que mais facilmente se perdoa no céo!

Ouviram-se passos na escada,—o que foi talvez uma providencia.

O sr. Carlos que já estava a segurar a pomba pela aza, deixou-a fugir; e, inclinando-se cortezmente, despediu-se todo serio, não sem dizer que voltaria no domingo immediato.

A viscondessa agarrou distrahidamente no livro dos versos de Palmeirim, recostou-se melhor, e esperou Claudina que ainda tardou em apparecer, porque a bulha de passos não tinha sido mais do que um falso grito de *álerta!*

*

VII

Que escusa titulo

—Que te parece o sr. Carlos? perguntou a viscondessa a Claudina, vendo que ella lhe não fallava n'isso.

—O melhor possivel!

—Tem bonitos dentes!

—Lindissimos!

—É é muito airoso!

—Ai! Claudina! Estamos n'uma conversa d'echo! Não sei porque estás a fazer-te grave; o sr. Carlos parece-me um rapaz completo, tem boas maneiras, veste-se regularmente, e dança como um cavalheiro!

—Bem sei, minha senhora. Isso tudo acho eu! Emquanto ao seu espirito, não posso dizer nada, porque não fallou senão á menina Carlota; mas tambem isso d'espirito não serve para nada entre namorados!

—Pois tem-o, posso-t'o assegurar!

—Peior para elle!

—Porque?

—Cuidei que a senhora queria um namorado no genero innocente.

—Pois sim, mas não é preciso ser tolo para amar!

—São os que provam melhor, minha senhora!

—Vejo que antipathisas com elle!

—Ao contrario. Até lhe acho seu ar de poeta, na melancholia do seu todo!

—Ora! Os poetas hoje são como toda a gente. Já limpam as unhas, e já se penteam. Parece-te a ti que elle me ame como eu desejo?

—Julgo-o louco pela menina Carlota!

—Claro é que não se atreveria a levantar os olhos para a viscondessa da Amoreira!

—Não virá a sabel-o, coitado, senão se nós lh'o dissermos, porque o pobre rapaz não vae decerto aos sitios que a senhora frequenta!

—Mesmo que me visse não me conheceria, tão differente tu me arranjaste; eu propria quando me visto de Carlota não me conheço a mim mesma!

—E quando torna v. ex.ª a vel-o?

—Domingo, dia em que elle cuida que eu descanço do trabalho!

—Se eu me atrevesse a dar um conselho á sr. D. Cornelia, dir-lhe-hia que não lhe consinta, para maior verosimilhança do papel, a menor confiança que ella queira tomar. É como faz a gente pobre!

—Terei preconceitos gothicos ácerca da virtude! Oh! descança, Claudina! Não quererei principiar o meu romance... pelo ultimo capitulo!

Durante este tempo, Rosinha que não tornára a ver o conde, scismou immenso no motivo que poderia affastal-o d'ella. Inquieta, quesilada da sorte, e da injustiça humana, olhou-se demoradamente a um es-

pelho; espalhou sobre o collo os abundantes cabellos, e poz-se a mirar os dentes, descobrindo-os até ás gengives; nunca um lobo, degolando na serra o seu primeiro cordeirinho, os tivera mais bonitos; examinou a cutis, mais lisa do que o marmore, os braços que eram os mais lindos do mundo, o pé que Lisboa inteira applaudia, e terminou sorrindo. Achára-se formosa.

Tomou então uma resolução suprema, principalmente para uma dançarina, mais habilidosa dos pés do que das mãos; — escreveu uma carta ao conde!

A gente de theatro não é muito forte na epistolographia, e por isso Rosinha dizia assim:

QUERIDO CONDE.

Estô com muito cuidado, porque me parceu doente na outra noite. Precisava muito fallar comsigo, e espero-o hoje. Não venha do meio dia ás duas oras, porque estô no ensaio da *tarentella*. Muito gorda é a Clarina, não é? Parece-me um sapo! Adeus.

D'esta que muito lhe quer

ROSA.

O conde sem se admirar dos *battements* d'estylo e d'orthographia da pobre rapariga, leu a carta, e respondeu meio aborrecido meio protectorial.

— Lá irei!

VIII

Sentados na relva

A vida da viscondessa tornou-se um conto de fadas. A sociedade julgava-a em casa de sua tia, no

Reguengo, a quinze legoas de Lisboa, creio eu; e ella, na sua tranquilla habitação, estava no céo. Carlos e Carlota foram sentíndo que se amavam muito, e principiaram a dizel-o pouco a pouco um ao outro, por não terem palavras para o dizerem bem. Estavam horas esquecidas á janella que dava para a quinta, e experimentavam junto um do outro a felicidade, que não haviam nunca sentido separados. Hiam ás vezes dar seus passeios, e ganhavam vida, mocidade, esperança em cada tarde passada no campo. Como o amor é uma paixão primitiva, sentem-a com maior vivacidade os que se encontram no ceio da natureza. As convenções sociaes esquecem-se mais facilmente, e ha virtudes rigidas na côrte, que se humanisariam nas aldêas. Por isso os pretos, que são por vezes cheios de philosophia nas sua imagens, povoaram as montanhas, os valles, os bosques, os prados, e as fontes de satyros namorados.

A viscondessa todavia não succumbiu a esse encanto, e se escutou os conselhos dos passarinhos, que se beijavam nos ninhos, das flores que pendiam umas para as outras, entreabrindo os calices, ao menos não se guiou por ellas.

Foi por esta maneira que uma viscondessa e um conde, disfarçados elle em caixeiro e ella em costureira, se divertiam pelo campo sem mais imprudencia do que algum aperto de mão. Nem pareça estranho que assim succedesse, porque se o sr. Carlos ao principio se mostrou mais perigoso, é porque dei-

xava levar-se de um capricho, e, agora, era o amor que o levava!

De uma vez, alargaram um pouco mais o seu passeio, e tiveram occasião de assistir a uma festa de aldêa. Os foguetes subiam ao ar com um estrepito commemorativo, os pequenos atiravam comsigo para chegarem a tempo do cair da cana; os aldeões saíam das cabanas mirando estupefactos a camisa lavada que vestiam, e as mulheres de venda, sentadas ao lado dos seus taboleiros, lançavam o pregão dos doces:

— Cidrão! Cidrão!

— Quem me quer levar beijinhos!

— Tenho as argolas d'amor! as argolas d'amor!

No largo, e no adro de uma pequenina egreja, andavam as cachopas, servindo de ponto de tentação. Como os pretendentes de Penelope no palacio de Ithaca, assim os admiradores de cada uma, acercados em redor d'ella, pareciam querer obrigal-a a uma escolha decisiva. Cada um parecia dizer-lhe:
— Pódes escolher! Pódes escolher entre nós a olhos fechados; um é o poder (é regedor!) outro a riqueza (tem dois bois!) este representa a eloquencia (é o que ajuda á missa!) aquelle representa a arte (é tanoeiro!) Gostos da mocidade e bellesa? Preferes a força? Seria impossivel teres um desejo que não realisassemos. O compadre Matheus, que tem a honra de ser oleiro, é capaz de te eternisar em grêda! Ali o filho de José Gregorio é um rapaz como uma flôr, e tem a cara fina como um setim! E eu, como

pódes ver d'estes braços em que os musculos formam nós, mato um boi com um murro, e como-o!

Ellas tinham o ar de escutarem tudo isto enleadas na sua devoradora curiosidade, a contemplarem aquelles D. Juans de botta grossa sem se atreverem a pestanejar.

—É feliz esta gente! disse a viscondessa, contemplando-os. No campo os amores correm placidos e suaves. Ninguem, talvez, aqui, seja ingrato, nem infiel. Os affectos podem ser uma necessidade d'estas organisações simples!

—E uma urgencia, tambem, para levar a vida commodamente, retrocou Carlos. O casamento aqui não é apenas o resultado de um anhelo d'almas, ou de um calculo diplomatico—*é um costume.* Sabe uma pessoa que ha de casar, como sabe que ha de ir á confissão pela quaresma; o celibatario, n'estas paragens, é um ser peçonhento: desconfia-se d'elle como de um lagarto!

A viscondessa sorriu-se, e continuou a olhar aquelle quadro de rusticas felicidades.

—A natureza é uma creança louca! disse ella. Estas raparigas são, por fim de tudo, mais bonitas do que as elegantes de Lisboa, e eu poderia desculpar um homem do mundo se elle se apaixonasse por uma rapariga dos campos!

—O prestigio, na vida, é tudo para certas organisações, minha querida Carlota. Ama-se muitas ve-

zes o titulo, a fortuna, a nobreza de uma mulher mais do que à mulher em si!

—E é a natureza tão imperiosa diante dos recursos da arte, que uma aldeã não possa disfarçar-se em senhora, e uma senhora não possa tomar o ar de uma aldeã?!

—É difficil.

—Se eu me disfarçasse, conhecer-me-hia?

—Logo! Logo!

—Se me fingisse saloia?

—Conhecia-a!

—Se me fingisse fidalga?

—Adivinhava-a!

—Talvez não! respondeu ella sorrindo.

—Oh! Com certeza, sim!

—A uma amiga minha aconteceu, n'esse genero, uma curiosa aventura!

—Que me vae contar, sim?

—Que lhe vou contar. É um episodio amoroso, que tem certa galanteria!

—Sentemos-nos na relva!

—Sentemos! O chão está secco, e o sol já nos não cresta!

—Estou ancioso de ouvir...

—Passa-se a minha historinha entre uma senhora de sociedade, e um moço poeta, que foi depois jornalista, que foi deputado em seguida, e que ainda um dia se faria ministro se não houvera preferido fazer-se lavrador! Era uma d'essas aguias sem azas,

que moram em aguas-furtadas, e nem assim podem voar. Ao lado, na mesma escada, habitava uma pobre creatura, protegida por uma senhora de distincção. O poeta aguentava, a portas fechadas, contra a miseria, uma d'essas luctas surdas, impiedosas, heroicas, em que mais de um talento altivo tem succumbido, não se atrevendo a pedir auxilio a ninguem. Ás noites, quando era verão, estavam ás vezes á janella, fumando elle melancholicamente o seu cigarro, entretinha-se a conversar com a visinha, a proposito de tudo que ia passando. Riam ambos ao acaso, e ao acaso palestravam para consumir o tempo. Nem um nem outro iam ao theatro, por isso faziam camarote da janella, e o seu theatro era o que ia pela rua. Só quem conhece estas simplices existencias, que se escondem nos bairros retirados, é que percebe bem o que ha para elles de felicidade em encontrarem na visinhança uma alma irmã pelo destino. Que suaves ainda que tristes confidencias, em que de cada coisa se diz a metade, e se deixa adivinhar o resto! Que fraternidade sublime de infelizes! Que doce communhão de almas na tristeza, que tambem tem a sua nobre e singular doçura! Um poeta e uma costureira; que duas pobres avesinhas sem primavera! Ao menos, tinham ambos o bom juiso de não se namorarem, para não perderem o merecimento de se interessarem um pelo outro!

A costureira, que tinha a experiencia da miseria, adivinhou a do pobre rapaz, e fallou d'ella á fidalga,

que, com todas as delicadas precauções que exige a altiva susceptibilidade do talento honrado e pobre, foi em auxilio do mancebo. Graças á sua caridade engenhosa, o poeta encontrou maneira de vender os seus versos. Para que dizer que se apaixonou por ella? Como não haveria de ser assim, se ella tinha sido a primeira a admirar o seu talento ignorado, e se elle sentia o desejo de lhe pagar em felicidade, a gloria que esperava vir a dever-lhe?

A fidalga não era feliz; seu marido, libertino de má companhia, gostava do Marrare da meia noite ás duas horas, e das ceias e aventuras das duas horas em diante; extravagante sem coração, não via n'ella ao menos a companhia da sua vida, porque eram raros os momentos que lhe consagrava.

O poeta tinha um trabalho immenso para se vencer, e não esmagar similhante biltre como a um cão damnado, tão viva era a exasperação do seu reconhecimento e do seu amor. Cançada de soffrer, a fidalga aproveitou o pretexto da febre amarella, que n'esse tempo assolava Lisboa, e deu-se os maus ares de partir d'este para melhor mundo. De facto, escondeu-se em casa da ama que a creára, pobre mulher que vivia na aldêa a grande distancia de Lisboa, tomou o nome de Henriqueta, habituou-se a fallar como a gente do campo, a partir a lenha no joelho, a ir á horta apanhar a fructa, a mugir as vaccas, e a ir buscar agua á fonte, para que a illusão fosse completa.

O poeta, durante este tempo, lançára-se nas luctas do jornalismo, e entretinha-se em descascar o ministerio, para curtir mais distrahidamente as saudades que o devoraram. Por causa de eleições, como lhe viesse a mania de querer ir á camara, recorreu aos seus amigos do concelho de... e partiu para essa localidade.

Mas ao passar pela aldêa de... como a fome o apertasse e a noite fosse a descer, pareceu-lhe melhor apear-se e passar a noite ali. Era um domingo de tarde, e estavam divididos em grupos todos os aldeões do sitio, no largo. As raparigas bailavam, os rapazes improvisavam-lhes modas, e os laponios casados, os laponios sérios discutiam entre si se o tempo já ia bom para abafar a terra (gradar); os pequenos jogavam o botão, um maloio tocava guitarra, umas velhas descascavam os ovos dos folares sentadas ao pé de uma figueira, e a rama das oliveiras parecia dançar acompanhando a musica do tocador.

O viajante encostou-se a uma arvore, e assim se conservou olhando aquelle quadro de rustica felicidade, unica que não é melancholica. De repente, porém, elle demorou a vista sobre uma cabeça admiravelmente disposta, e contemplou-lhe os movimentos cheios de galanteria e de graça. Era uma trigueirinha de cabellos negros, que cedêra aos olhos as honras do seu rosto, porque elles bastavam para a tornarem bella. Lembrou-se elle, ao vel-a, da sua protectora de Lisboa, e sentiu-se mais triste do que

nunca. Aínda n'esse dia elle lêra n'um jornal, que havia recebido, a noticia da morte do marido.— «Que similhança, todavia!» dizia elle olhando-a, em quanto ella, modesta e timida, baixava a vista depois de o haver observado.

Para ouvir-lhe a voz, porque a saudade têm caprichos impiedosos, e elle queria martyrisar-se com recordações que lhe avivassem a lembrança da fidalga, dirigiu-se a Henriqueta, perguntando se havia estalagem no logar; n'este momento, porém, um dos cantores improvisava-lhe esta quadra, a que ella attendeu de preferencia:

> Ó cana verde da India
> Majericão de Castella
> N'esse teu peito, menina,
> Faz meu amor sentinella.

Sorria-se ella, encolhendo os hombros, quando o viandante repetiu a sua pergunta. Uma outra camponeza que estava ao lado de Henriqueta encarregou-se de responder por ella.

—Não ha estalagem, senhor; mas falle ali ao meu homem, porque se não tem guarida para a noite, lá se lhe dará gasalhado em casa!

Henriqueta, que escutára tudo, fingia prestar ouvidos á cantiga com que outro aldeão se oppunha ao improvisador que o precedêra:

> Ó rosa, se tu és rosa,
> Não te enleves n'algum cravo!
> Olha que o amor dos homens
> É como a folha do almo!

O camponez que deu pousada ao mancebo por essa noite, era, nem mais, nem menos, o marido da ama. A ex-fidalga, que reconhecera logo o ex-poeta, não pôde esquivar-se a uma sensação de alegria. Mas elle examinava-a tanto, que ella chegou a receiar que a reconhecesse, e, para se dar côr local, principiou a cortar á luz de uma candeia umas ervas do campo que ia atirando para um taxo.

— Isso é para as gallinhas, menina? perguntou-lhe o viajante.

— É para a nossa ceia, se Deus quizer! respondeu ella.

— Para a nossa ceia! E como se fazem essas ervas?

— De esparregado.

— Que nome dão a isto? Continuou elle, indicando umas.

— Pompostas!

— E estas?

— Alface do monte!

— E aquellas?

— Diabelha!

— E aquell'outras?

— Almeirão!

— E essas d'ali?

— Grêllos de saramagos!

— Impossivel! disse elle a si proprio, affastando uma idéa. Impossivel; mas, que similhança!

O camponez estava sentado ao pé do lume, a mu-

lher adormecia um filho, Henriqueta migava as ervas, e o mancebo fumava a um canto, conversando com elles. Durante algum tempo, pela trivialidade das idéas, e pelas liberdades grammaticaes da sua linguagem, Henriqueta affugentou o gracioso phantasma, que a sua formosura evocára; mas, durante a ceia, o mancebo sentiu de novo suspeitas invenciveis. O esparregado estava tão mal temperado, que elle antes quiz conversar do que comer; fallou de Lisboa, deu umas poucas de noticias, tirou o jornal da algibeira, leu não sei o que, e citou a morte do fidalgo, ao que a mulher do camponez acudiu com uma pergunta:

—Que? Que! Diz ahi o jornal que morreu esse sujeito!

—Sim! respondeu o rapaz com modo distrahido; e, deixando ficar sobre a mesa o jornal, levantou-se, deu as boas noites, e como quem ia deitar-se dirigiu-se para a sua alcova. Tempo depois appareceu de novo a perguntar se haviam dado de comer ao cavallo; o aldeão e a mulher estavam segurando a luz, e Henriqueta lia-lhes a meia voz a noticia que o jornal trazia.

—É ella! disse a si mesmo. Ella, aqui!

—Resa a historia, concluiu a viscondessa, sorrindo, que, no dia seguinte, o mancebo não continuou a jornada!

—Pudéra! redarguiu Carlos. Henriqueta estava viuva e livre, podia amar o poeta sem ser culpada!

— De aldeã tornou-se outra vez fidalga...

— E não é precisa muita imaginação... para adivinhar o resto!

Ella baixou os olhos.

— Malicioso! disse.

Esta vida tranquilla e pittoresca encheu de felicidade estas duas almas; felicidade doce e melancholica! Jantavam a uma mesa de pedra, no fim da fazenda, com garfos de estanho e colheres de cobre de Macau. Demoravam-se a ver jogar a malha, a uns trabalhadores do sitio, e se alguem que passasse pela estrada espreitasse aquelle par, sentado sobre a relva, não suspeitaria que fossem dois fidalgos.

— Que lhe pareceu a historia? perguntava Carlota.

— A historia é bonita!

— E verdadeira. Se eu fosse Henriqueta e o sr. Carlos o poeta, haver-me-hia reconhecido logo?

— Ao primeiro olhar!

— Quem sabe? dizia ella. Os disfarces transformam tanto!

— Não ha disfarce possivel para si!

— Parece-lhe isso?

— Tenho certeza!

— Certeza! pensava ella morta de riso.

Quando fazia luar voltavam para casa de noite, e Carlota, que tomava a serio o seu papel, despediase graciosamente do sr. Carlos, fechando-lhe, como usa dizer-se, a porta no nariz!

IX

Ciumes de dançarina

Tudo foi decorrendo n'uma serena e doce honestidade. O carnaval caíu cedo esse anno, e como chovia a cantaros não houve idéa se quer de se fallar em bailes de mascaras.

—Que triste entrudo! exclamou Claudina. Que triste entrudo este homem nos metteu em casa!

Mas ia chegando tempo mais proprio para se recrearem pessoas da indole virtuosa dos meus heroes, —a semana santa.

—A semana santa! A semana santa! dizia a menina Carlota, pulando de alegria!

—Havemos de ir visitar as egrejas! redarguiu com jubilo o sr. Carlos.

—Se Deus quizer! dizia ella.

—Se Deus quizer! repetiam ambos.

Quando a semana santa chegou, Lisboa que parecia dormir desde o carnaval, accordou, e saíu para a rua, a ver a mulher da veronica, com a mesma curiosidade com que sete semanas antes fôra ver as mascaras de domingo gordo!...

A proposito da mulher da veronica, disse Carlos, deixem que lhes conte alguma coisa d'esta respeitavel figura. Porque não!?

Ha em Lisboa, assim como em todas as grandes cidades, uma alluviam de creanças do povo, creadas

no abandono, educadas nas tabernas e na praça publica, que fogem ao pae quando teem seis annos, e ficam foreiras á providencia do grande segredo de não morrerem de fome!

Um pouco de sol e uma fumaça, basta-lhes para um dia. Á noite, Deus dará! O que elles precisam é ver render a guarda do Terreiro do Paço, e gosar aquelle quarto de hora de musica italiana, terem alguns amigos com quem conversem, ou com quem joguem o murro, encontrarem na rua uma ponta de cigarro, insultarem de *balão* uma *crinoline*, e verem um homem gordo cair n'um canno!

—Que edade tens tu, ó Zé?

—Está para me nascer o dente do sizo!

Eis o impreterivel marco da estrada d'esta descomposta infancia! Em lhe nascendo o dente do sizo, o *lazzaroni* tratará da sua vida ao ponto de vista dos interesses sociaes: mas, em quanto elle não nascer, para que ha de estar a consumir-se dando-se ares de ser uma creatura humana? O sol quando nasce, é para todos! Os grandes da terra, assim como os humildes, aspiram o mesmo ar, e bebem da mesma agua: no vinho é que vae a differença... infelizmente! Aos olhos do gaiato consciencioso, o gaiato sabio, as pompas humanas são puerilidades ephemeras, e uma partida de chinquilho vale coches dourados! Um dia chega, porém, em que toda a existencia toma uma face diversa: o horisonte dos destinos do homem povoa-se por vezes de nuvens escuras, e a con-

sciencia tem os seus janeiros que enchem a alma de frio!

O gaiato não nasceu para ser bom pae nem bom esposo, mas, com quanto se sinta destituido das condições de necrologio, aspira a ser *bom cidadão!* A ociosidade é mãe de todos os vicios, e elle, avistando n'esta maxima a perspectiva d'uma farda ás costas, resolve tomar occupação, e estabelece-se á porta do Marrare ou do Martinho, de dia; á porta de S. Carlos, ou do Gymnasio, á noite.

—A vender limonada? perguntou Claudina.

—Qual limonada! Aquelle, é o seu escriptorio. É d'ali que o vão chamar para segurar um cavallo, para ir buscar charutos, ou para levar um bilhete a casa de uma dançarina! É ali que o procuram para atirar uma corôa d'uma torrinha, distribuir as poesias nas varandas, ou vender um bilhete á porta. É finalmente ali que vão convidal-o... para fazer de mulher da veronica!

Quando o sr. Carlos contou tudo isto á menina Carlota, a titulo de o ter ouvido contar na vespera a um conhecido seu, a vincondessa cuidou morrer de riso e de pasmo.

—O que! Pois é um gaiato! E eu que nunca vi de perto essa procissão!

—Sempre de janella!

—De janella sempre! respondeu ella; ia para casa de uma tia minha que morreu, e que morava na rua...

— De S. Marçal! disse Claudina, que estava presente, e que quiz acudir á ama.

A fidalga repetiu:

— De S. Marçal; é isso! Ora! ora! Muito me conta! Com que é um garoto vestido de azul celeste, de sapato de setim branco, e cabelleira de canudos!

— Apparato, que no dia seguinte, retorquiu Claudina, lhe não tira o gosto de ir atraz do Judas de palha, segurando o rabo do burro enfeitado de loiro!

— Ah! Ah!

— Ah! Ah! Ah!

E riam os dois namorados, alegres, despreoccupados, ditosos.

— Quando fui eu mais feliz? perguntava á sua propria consciencia a viscondessa.

— Quando me diverti eu mais? pensava comsigo o conde d'Eyras.

E, durante este tempo, Rosinha que não tivera nunca resposta da sua carta, e que não conseguira mais encontrar-se com o seu difficil idolo, ia dançando aos tropeções, sem gosto, sem alegria, sem graça, não sendo já applaudida senão pelas pontas dos dedos de alguns addidos de legação, que lhe faziam a côrte na platéa superior. Como ella se enfastiava, a pobre rapariga! Fazia-lhe falta não ter um irmão feroz, um marido ciumento, um protector officioso, a quem amofinar. Era debalde que se enfeitava, porque não tinha, a seu ver, a quem parecer bonita; e todavia, cada noite, ao olhal-a, dizia

a gente que eram decerto fadas que haviam preparado com as suas mãos sublimes as frageis maravilhas do seu penteado, e haveriam architectado o seu elegante vestido com pétalas de flores, tão leve e vaporosa nos parecia!

Mas, com a raiva desesperadora da mulher que scisma, que espera, que se incendeia d'amor, ao sair da indifferença, dos desdens, e da insensibilidade, ella sentiu o desejo, a curiosidade, a necessidade mesmo para a sua alma, de indagar, averiguar, e conhecer a historia mysteriosa do conde. Porque desappareceu elle, porque não lhe dava noticias suas sequer, porque fugia da sociedade, porque dissera adeus ás alegres noites das ceias, e das conversações d'amor acompanhadas a Champagne!? Que dedo fatidico o arredára d'ella, que poder occulto o retinha na sombra? De quem gostava elle, e quem era á mulher que o amava?

Pobre Rosinha! Conseguiu saber tudo, á força de mandar espreitar o conde, mas a sua dôr augmentou então com toda a crueldade de uma agonia de morte.

—O conde?... perguntou ella ao espião.

—Disfarça-se em caixeiro de loja de modas, e faz a côrte a uma menina na rua de S. Boa Ventura!

—Moça?

—Vinte annos!

—Formosa?

—Uma estrella!

—Rica?

—Nos dedos. Costureira!

—Em casa de familia?

—Sósinha!

—E o conde precisa disfarçar-se...

—Com o nome de Carlos!

—Estou perdida! exclamou ella, desmaiando. Essa rapariga é amada!

X

Cae uma mascara

A lembrança da viscondessa de se disfarçar em Carlota devia por força desassocegar-lhe o coração. O sentimental droguista da rua Nova da Palma, que era nada menos do que o sr. Eusebio, morria de amores por ella, que nem sequer já se lembrava de similhante heroe; o caso é que não descançou sem saber a morada d'ella, e um bello dia foi bater-lhe á porta, pedindo-lhe que lhe desse ouvidos, com uma cara de tolo, banhado em suores frios!

Carlota teve dó do estado lastimoso em que se achava, e deixou-o entrar.

—A que feliz acaso devo a sua visita sr. Eusebio, disse ella.

—Passei pela sua porta, menina, e subi para saber da sua saude visto não a ter tornado a encontrar desde o baile!

—Agradeço tanta fineza, sr. Eusebio; graças a Deus estou boa.

A conversação acabaria n'isto, se o infeliz droguista não fizesse um esforço supremo, e lhe não dissesse incendiado :—Não, menina Carlota, não passei casualmente pela sua rua, creio lhe disse quando entrei, vim de proposito para a ver!! Tenho o coração perdido desde que topei com a sua pessoa, n'aquelle celebre baile. Até ahi tinha só tido alguns amores, como todos os rapazes, mas, desde que a vi, amo-a deveras; não como, não bebo, não durmo, a sua adorada imagem persegue-me em toda parte, até no fundo do almofariz onde piso as cores!!

—Sinto isso, sr. Eusebio, mas que culpa tenho eu?

—Quem fez o mal deve dar-lhe a cura, menina Carlota!

—Faça por me esquecer! eis o conselho que lhe dou.

—Então não gosta de mim?

—Não, sr. Eusebio! sou muito sincera, e não o quero enganar.

—Isto é que é ser infeliz, menina Carlota; eu que a amo tanto! Vinha cá para lhe offerecer a minha mão e a minha fortuna, apesar que os meus paes não haviam de gostar que eu casasse com uma simples costureira, mas a menina é tão bonita que tudo esqueceria para lhe chamar minha mulher. Olhe que tenho uma loja bem afreguesada, um predio na rua dos Canos, outro na calçada de Sant'Anna, e uma quintarolla na outra banda. Então que me responde a isso? Nada d'isto a tenta?

— Não, sr. Eusebio! mesmo se eu me deixasse levar de sympathia, não casava com o senhor contra vontade de seus paes.

— Vencerei esse obstaculo pelo amor que tenho á menina.

— Embora, sr. Eusebio; agradeço o seu offerecimento, tão lisongeiro e vantajoso para mim, mas não o aceito.

— Já sei o que é, menina, não sou tão tolo como pareço, é porque gosta d'outro.

— Pois então! não sou senhora da minha vontade.

— É o sr. Carlos de quem a menina gosta, um desgraçado caixeiro sem vintem! Na verdade faz um bonito casamento, dou-lhe os meus parabens!

Dizendo estas palavras levantou-se e saiu furioso, resmungando: «Deixa estar! hãode m'o pagar.»

Não ha nada mais vingativo do que um droguista offendido; é preciso cuidado com elles, e tractal-os com todo o melindre. A pobre senhora ignorava isto! Tem uma pessoa, por vezes, instrucção, experiencia, e instincto, mas não sabe avistar o perigo. A vida é semeada de ciladas. Ha tal, que conhece os livros, e não conhece os droguistas! quando Rosinha tornou a si depois do desmaio que teve ouvindo dizer que o conde d'Eyras gostava de uma costureira, teve logo a idéa de ir ver aquella Carlota que tinha feito uma tão profunda impressão no coração d'elle.

Logo fez idéa que a costureira devia ser bonita, encantadora mesmo, e virtuosa, visto ter sido preciso o conde disfarçar-se em caixeiro para ter entrada em sua casa. A bailarina mandou chamar uma sege e foi a casa da Carlota. A supposta costureira ficou admiradissima quando viu entrar uma senhora elegante que lhe perguntou com altivez:

— É a menina Carlota?

— Sim, minha senhora.

— É costureira?

— É verdade.

— Queria que me fizesse um mantelette, de seda preta, da ultima moda; quanto me poderá custar?

— Depende dos enfeites, que v. ex.ª quer que lhe ponha!

— Quero-o só com uma *ruche* de seda em roda.

— Pois bem, póde importar em cinco moedas.

— Eil-as adiantadas! disse Rosinha, examinando a sua rival com attenção, e vendo que era na realidade encantadora. Mas ella era mulher e... dançarina, e não queria admittir que a pudessem despresar por outra; por isso, disse a Carlota:

— Sejamos francas! a encommenda do mantelette foi apenas um pretexto para vir á sua casa, e fallar-lhe, porque tenho o maior interesse em certa historia que lhe diz respeito, e sobre esse assumpto queria ouvil-a!

— Não comprehendo, minha senhora; peço-lhe que se explique melhor!

A menina tem um amante!

A estas palavras tão inesperadas todo o sangue subiu á cara da viscondessa, que felizmente se lembrou a tempo que era uma simples costureira, o que lhe serviu para não responder a similhante pergunta.

— Talvez seja um pouco forte dizer um amante, proseguiu a bailarina, mas um namorado pelo menos.

— E que podem importar á senhora, os meus namoros?

— Muito, muitissimo! porque amo o conde d'Eyras!

— E eu gosto de um rapaz chamado Carlos!

— Pois é justamente esse, porque Carlos é o conde d'Eyras!

— Impossivel! A senhora quer-me apoquentar. Que loucura! Oh! mas eu não sou ciumenta é o que me vale! conde, conde, elle! Oh! deixe-me. Vejo que não é amada aliás não viria buscar um fidalgo a casa da costureira Carlota!

— Tem razão, menina, elle não me ama, e vejo-o bem; a sr.ª Carlota é linda, seductora, mais formosa do que eu; comtudo o amor que a menina aceita a Carlos, não deve aceital-o ao conde, que se disfarçou para abusar da sua candura e da sua innocencia! Que sentimento serio póde existir entre pessoas como são a menina e o conde? Nasceram em espheras extremamente diversas para que as suas existencias não se separem por si mesmas! Que papel

se propõe a representar na vida d'elle? Uma hora de prazer. Um capricho, como nós dizemos. Em breve, elle voltará ao mundo, em que por destinos figura, e a menina ficará na sombra, chorando a sua credulidade! Póde fazer-lhe presentes e trazel-a de carruagem, mas não é isso o que a menina quer, uma vez que é virtuosa! Dar-se-hia o caso, pobre pequena, que esteja á espera de que elle case comsigo?

— Quem sabe! respondeu Carlota, sorrindo o mais tranquillamente. Fallaremos d'isso, quando vier buscar o que me encommenda!

E Rosinha saiu, pensando:

— É capaz, talvez, de o conseguir! Porque gosto eu tanto d'elle, Deus meu?!

A revelação que ali se lhe fez, causou prazer ou magoa, á pessoa que a escutou? Não sei dizer. Se Carlota perdia com a noticia, a viscondessa ganhava decerto. Ella deu a si propria os parabens pela perspicacia da sua escolha, e estimou que o seu sangue não se houvesse enganado. Comquanto muito namorada do sr. Carlos, parecia-lhe este tratamento breve de mais, e pensou com alegria que certas distincções e delicadezas do mancebo, pasmosas n'um caixeiro, explicavam-se agora por si mesmas. Entregou-se então com mais firmeza ao seu amor, não temendo já os resultados d'elle, e podendo fazer uma ligação eterna do que não devia ser mais do que uma phantasia de momento. D'esta maneira, em

vez de Rosinha haver prejudicado os amores do conde, fez-lhe bem; verdade é, que ella não podia lembrar-se que a costureira fosse fidalga.

Quando Carlos se apresentou a fazer a sua visita do costume, recebeu-o Carlota com o modo mais cerimonioso e com todos os signaes de um respeito profundo.

— Viva! Que cortezias com que me recebe hoje! Tinha-me habituado a um acolhimento mais familiar, e antes queria um aperto de mão do que trinta mesuras!

—É porque eu ignorava que recebia em minha casa tão alta personagem!

—Que personagem? O que significa isso? Que vem isso a dizer? retorquiu o conde, já inquieto pelo tom que a conversação ia tomando.

—É realmente muita honra para a pobre Carlota!

—Acabemos com isso; que modos e dizeres são estes? Trata-se aqui porventura de algum de nós dar honra ao outro?

—Verdade é que sim; nem eu poderia ir a par com o sr. conde d'Eyras. A sua genealogia, sr. Carlos, — deixe-me chamar-lhe esta vez ainda pelo seu nome—vem lá de muito alto, e eu sou ninguem.

O conde sobresaltou-se ao receber este golpe, mas tomou logo animo, e, com um ar de extrema nobresa, disse:

—Qualquer que tenha sido a maneira pela qual

soube o meu nome, não o negarei: é verdade que sou o conde d'Eyras. Devo a meus avós o dizel-o quando m'o perguntam!

— Ah! sr. conde, como soube abusar da simplicidade de uma pobre rapariga! Que animo teve de me enganar!

— Enganar? Em quê? Olhe bem para mim! Não vê nos meus olhos a chamma e o amor? O que disse Carlos, agora o repete o conde!

— Mas sou eu que já não devo ouvil-o!

— Desdenhosa! Quer fazer-se altiva, por eu não ser mais do que um fidalgo? Não tive a fortuna de nascer sem titulo! Deve perdoar-m'o!

— E como succedeu estar o conde d'Eyras no baile da rua dos Jasmins?

— Uma tonteria de quem não tem que fazer; o fastio de divertimentos que aborrecem, o desejo do que não se sabe o que é, a esperança vaga do coração que vae em procura do que sonha, e que eu encontrei, graças ao meu disfarce; foi dando ouvidos ao caixeiro, e haveria despedido o conde, não é verdade? Oiça, Carlotinha, — continuou elle n'um tom mais sério, eu amo-a como nunca amei ninguem n'este mundo; póde fiar-se em mim. Longe de esconder o meu amor, desejo glorificar-me d'elle, e collocal-a no logar que lhe é proprio; tornal-a feliz, elegante, rica; dar-lhe a minha vida, o meu sangue, a minha fortuna, tudo!

— Tudo, sim, excepto esse annel, que Carlos ha-

veria passado ao dedo de Carlota, e que era apenas o que me permittiria aceitar os thesouros do conde d'Eyras! Adeus, pois; não devemos ver-nos mais, conde! Beije a minha mão pela ultima vez. Ah! sr. Carlos, que idéa teve de ir dançar á rua dos Jasmins!...

XI

Uma recita da Ristori

A situação complicava-se. A vincondessa soube, por lh'o contar Claudina, que as visitas de sua casa haviam estranhado a sua ausencia, e os mais intimos tinham partido para o Reguengo.

O que tinha sido um caso grave com o sr. Carlos, tornava-se mais facil para com o conde d'Eyras, mas a viscondessa antes de tirar a mascara de Carlota quiz levar a aventura até ao fim; capricho de mulher bonita!

Queria ser amada unicamente pelos seus encantos, pela sua belleza, e não pelo seu titulo, pela sua riqueza, pela sua posição.

O conde d'Eyras, cujo disfarce era inutil já, estava realmente namorado de Carlota e sentia que já não podia viver sem ella; um dia, finalmente, foi na sua carruagem, vestido com toda a elegancia, procural-a. Quando entrou, ella teve um movimento de verdadeira alegria e achou o conde muito mais elegante do que o caixeiro Carlos.

— Ah! sr. conde, disse ella, fingindo magoa e surpreza, acho pouco generoso da sua parte perseguir uma pobre rapariga, cuja existencia, cujo socego perturbou, e que se quer esquecer de v. ex.ª na sombra onde a foi buscar!

— Carlota! peço-lhe que continue a consagrar ao conde o mesmo amor que tinha dado a Carlos!

— Por Deus! Peço-lhe que me não recorde esse nome, com que me roubou um coração, que eu cuidei que se podia dar!

— Pois bem! Não fallemos mais do sr. Carlos, disse o conde, ajoelhando diante de Carlota. És uma creatura fria e virtuosa, que zomba da minha dôr, que já me não quer ver, por eu ser conde!

Tu, na tua humilde posição, és mais orgulhosa do que eu com toda a minha fidalguia. Eu, se tu fosses descendente em linha recta de D. Affonso Henriques, não te amava menos por isso! Não me faças um crime d'uma vantagem que não sollicitei! Esquiva-te, repelle-me, mas a minha vida pertence-te; é preciso que me ames: apesar de eu ser conde, has-de ser minha, e serás condessa!

— Santo Deus! Que diz?

— Digo-te que has-de ser minha mulher, porque para mim já não ha outra mulher no mundo!

— Que felicidade inesperada! disse Carlota. Mas sou eu que não posso aceitar. Que união tão pouco acertada! Casar um dos melhores fidalgos de Portugal com uma simplés costureira, cujo dote é ape-

nas a virtude! Olhar-me-hiam todos com desdem, a mim, pobre rapariga ignorante, que nada sabe do mundo.

—Todos hão de respeitar a mulher que tiver o meu nome! Dê-me a sua mão, e diga que consente em ser minha esposa!

Carlota que viu ser inutil maior resistencia, trocou com o conde o seu annel.

Deu-se o dia para celebrar as nupcias, que o impaciente conde desejava o mais breve possivel, e elle retirou-se levando o coração a trasbordar de alegria e de sonhos de felicidade, depois de haver o namorado roubado alguns simples osculos ao thesouro do esposo.

A viscondessa teve por instantes o desejo de dizer o seu verdadeiro nome ao conde, depois de haver recebido o seu annel de alliança; mas intendeu por melhor reservar sua surpresa para o dia das escripturas. Que inefavel felicidade inundou a sua alma quando adquiriu a certeza de ser amada sem nenhuma idéa de ambição, de vaidade, ou de interesse, por um homem nobre, rico, illustre, que a julgava pobre e obscura, simples filha do povo, ganhando a vida a trabalhar, e que a associava á sua elevação e á sua fortuna!

O papel de Carlotinha ia acabar, e a viscondessa acompanhada de Claudina regressou a palacio, com grande ruido, para que todos soubessem da sua chegada. O medico, o tio commendador, e o capellão

foram logo visital-a, e a viscondessa explicou-lhes que indo para o Reguengo se sentira gravemente indisposta, e que, para não se expôr ao incommodo de se demorar n'uma estalagem, voltára a Lisboa em vez de continuar jornada, para se encontrar mais proxima, em caso de recahida, dos sabios conselhos do doutor.

Esta historia de doença não ía de accordo com a physionomia da viscondessa, que era a mais radiante e florida do mundo; mas, por ser rigorosamente plausivel, tornou-se necessario aceital-a, visto ninguem ter o direito de a achar inverosimil.

Nos dias immediatos, a viscondessa teve o cuidado de se deixar ver em muitos sitios, para annunciar bem a sua presença em Lisboa. Estava n'esse tempo entre nós a Ristori, e movida do desejo de admirar a grande tragica, a viscondessa foi a S. Carlos na sua representação de despedida. O publico havia acudido a essa recita, avido de applausos, de corôas, de *bouquets*, de versos, de retratos, das mil pompas d'estas festas artisticas, que tiveram ao menos o condão de despertar pela optica este querido publico, que o nome da primeira tragica do mundo não havia tido o poder de accordar, e que se reservára para a noite em que lhe dessem pelo mesmo bilhete o espectaculo do palco, e o espectaculo da ovação. O theatro enchera-se completamente n'essa noite; não estava um só camarote vago, não estava vago um só logar de platea. Sentia-se na inquieta physio-

nomia do publico o prologo de um enthusiasmo certo. A orchestra de S. Carlos, que nunca assistira em corporação ás recitas dos italianos *fallantes,* desde que Medéa prescindira de musica, prestára-se a tocar n'essa noite. Nada faltava, como se vê, para que a festa fosse completa. Apenas se receiava, — lembram-se? — que o *avoccato* Arceri fizesse versos! A tragedia que se dava, era a *Mirra* de Alfieri, aquella obra admiravel, que é todavia uma obra feia, e impia; a historia d'aquella filha de Cyniro, que quiz ter amores com a pae, fabula que o Ovidio mesmo não conta sem fazer prologo ás virgens pudicas, desculpando-se de ter que fallar n'aquillo. A Ristori, n'essa noite, foi, mais que nunca, assustadora de genio. Quando o talento se eleva até comprehender as paixões que estão fóra da natureza, não admira só, amedronta. Ella dizia os versos com o fervor da paixão especial, nova, unica, da mulher incestuosa. Era preciso ouvil-a accusar sua mãe como causa primeira e eterna dos seus males!

Tu prima, tu sola,
Tu sempiterna cagione funesta
D'ogni miseria mia!

A viscondessa estremecia, e palpitava de terror. O publico, no fim da peça, despediu-se por muitas vezes da grande tragica, e as palmas, os bravos, os lenços agitados no ar, os gritos de adeus, emfim, bem pareciam dizer-lhe, que a arte fugia de nós com

ella! A viscondessa, a quem essa noite de theatro, ao que ella propria contou depois, produzira as impressões mais singulares, sahiu do seu camarote vivamente commovida.

Quando ella descia a escada, ia subindo o conde.

Ao ver aquella senhora com um *burnous* elegantissimo, e todo o explendor de uma *toilette* de côrte, o conde sobresaltou-se de uma singular maneira.

Decifrara nas feições da viscondessa uma similhança inacreditavel com as feições de Carlota. Apesar da differença de modo e de vestuario, a analogia era tal que elle não pôde deixar de se reter no degrau em que estava, e olhar fixamente a viscondessa d'Amoreira, exclamando:

—Deus meu, Carlota...

A viscondessa, que continuava a descer, despedia sobre elle um olhar admirado e ingenuo, como quem fica surprehendida de uma acção que não comprehende, e vendo o conde immovel, com os pés soldados á pedra pelo pasmo, continuou ligeiramente o seu caminho, acompanhada pelo tio commendador a quem por divertimento obrigava a andar depressa, por elle ser furiosamente gordo.

—Como a natureza é exotica nos seus planos! pensou o conde, continuando a subir, quando a visão se apagou. Entretem-se em tirar dois rostos pelo mesmo molde, um de fidalga, outro de costureira! Como se parecem, Deus piedoso! E, assim mesmo, Carlota é mais bonita ainda!

Não, conde, Carlota não é mais bonita, e bem depressa te convencerás d'isto; mas fazes o teu dever de namorado em achares a tua escolhida mais bella do que todas, — mais bella do que ella mesma!

XII

Cae outra mascara

Não é de crer que esquecessem, que o droguista sahira de casa de Carlota, profundamente offendido, de ver a sua illustre alliança desdenhada por uma humilde creatura, bonita sim, mas sem real.

Procurou vingar-se d'este desdem, e como era conhecido do caixeiro de mercearia que arrastava a aza a Claudina, a quem ella tivera a fraqueza de contar a mysteriosa aventura de sua ama, a pretexto da criadinha foi-lhe tirando as palavras do buxo, e ficou sabendo que a supposta costureira era a viscondessa da Amoreira, descoberta de que logo fez tenção de tirar partido.

Principiou a espalhar que a fidalga, já farta dos prazeres da côrte, tinha a mania de se fazer raptar por uns pobretões apaixonados, que seduzia. Não limitou a maldade a isto, conforme se vae ver, mas a estrella propicia que presidia a Carlos e Carlota, — deixem que lhes chame ainda por estes nomes — destruia em vantagens d'elles, tudo que se erguia para os perder.

No dia em que o conde foi buscar Carlota para assignar as escripturas, abriu-se a porta, e alguem atirou uma carta pela casa dentro.

A carta era dirigida ao conde, e continha estas palavras:

«Sr. Carlos.

«Tome cuidado em si. O senhor cahiu n'uma *arriosca;* hade ter ouvido contar, porque isto já não é novo, historia de fidalgas disfarçadas que queriam ver se a gente do povo provava bem; até não sei se assistiu áquella representação que se deu no theatro, em que havia umas figuronas da côrte que mandavam os rapazes para o outro mundo, depois de cearem todos n'uma torre, ou que demonio era; pois, trema vocemecê, porque a costureira é uma fidalga, Carlota é a viscondessa da Amoreira! Já o amigo percebe a sorte que o espera, quando a véneta d'este assassinio lhe passou do miolo. Se tem um bocado de coragem, dê-lhe cabo do credito, que é o que ella precisa para seu castigo, e vingue-se tornando-a conhecida ao mundo. Se está tolo d'amores, e se deixa ficar, não se queixe depois. Eu bem o aviso!»

O conde, que, não pensando senão na sua felicidade, tinha aberto descuidadosamente esta carta, escripta em papel almasso, ficou vivamente surprehendido do conteudo. quando correu os olhos por ella.

—Que quer isto dizer? exclamou com a voz alterada.

— Ah! Já vejo o que é, disse Carlota, percorrendo a epistola com o olhar mais tranquillo. A minha aia fallou!

— A sua aia! O que! Oh! Deus meu! Será verdade! Esclareça-me este mysterio, se não quer dar-me a morte!

— Carlota terminou a representação do seu papel!

— Era então uma comedia, tudo isto?

— Sr. Carlos, quem lhe deu o direito de arguir Carlota?

— É pois verdade o que se diz n'esta carta?

— Verdade inteira!

— A senhora viscondessa da Amoreira!

— O senhor conde d'Eyras!

— Perfida!

— Mentiroso!

— Ah! Como soube illudir-me!

— E, se não fosse Rosinha, não seria o conde ainda Carlos!

— Se esta carta não descobrisse tudo, guardaria silencio ainda?

— A minha assignatura nas escripturas haver-lhe-hia logo revelado o segredo! Vamos, conde, não se inquiete mais! Sou simplesmente uma viscondessa, é verdade; mas nem todas as mulheres teem a fortuna de nascerem costureiras. Porventura tornei-me feia, desde que não sou Carlota?

— Não! disse o conde beijando-lhe ardentemente a mão.

—E quando me encontrar nas escadarias do theatro de S. Carlos, hade reconhecer-me, e fallar-me?

—Era, pois, a viscondessa!?

—Era eu!

—Tem razão. Não póde haver duas Carlotas n'este mundo.

—Lisongeiro!

—Que singular cadeia de successos!

—Uma sympathia secreta nos guiou um para o outro. A minha historia é a sua. Um capricho me conduziu uma noite a tomar esse disfarce de Carlota, sob o qual tive a ventura de lhe agradar! No mundo dominados pela moda, e pela frivolidade, não haveriamos podido, entre o turbilhão das distracções, perceber os nossos verdadeiros genios. Passariamos ao lado um do outro sem nos comprehendermos? Foi a mascara, que nos tornou verdadeiros. Eu, que tenho reputação de mulher da moda, maneirada e preciosa, sou desaffectada e simples. E o conde, sem embargo da fama que tem de conquistador, é meigo e candido. Não contemos nada d'isto ao mundo, e sejamos sempre um para o outro Carlos e Carlota.

O casamento teve logar na capella do palacio, e, á noite, quando o doutor appareceu a informar-se da viscondessa, ficou pasmado de ver na sala uma cara nova, que lhe não pareceu de bom agoiro para a côrte medicinal, a que elle era dado com todas as doentes bonitas, porque o desconhecido era moço,

elegante, e sympathico. O medico ia principiando a fallar-lhe na «veiasinha azul» quando a fidalga lhe disse a meia voz:

—Tomei o remedio que me aconselhou, doutor! A viuvez pesava-me! Bem m'o disse!

—E então?

—Então... Apresento-lhe meu marido!

Algum tempo depois, Rosinha recebeu uma caixa de rendas de França, e um bracelete de diamantes grandes e de uma agua admiravel. Estas duas dadivas iam acompanhadas de um bilhete.

O bilhete dizia: Da parte de Carlos e Carlota.

TRES DIAS EM EVORA

TRES DIAS EM EVORA

I

Depois do classico chá das Vendas-Novas,—o unico e melhor dos dias n'esta planeta sublunar que habitamos!—deixei á mesa os passageiros da mala-posta, e parti com o meu amigo e excellente companheiro P. n'uma sege que não recordava a do Tolentino, nem na saude, nem na velocidade, correndo rapida como o pensamento nas azas... de dois machos.

Não ha ladrões pelo caminho, é uma vergonha e uma lastima não haver já ladrões senão nas cidades e nos melodrammas, mas a minha consciencia de chronista pede-me que declare esta observação sincera. A innocencia patriarchal dos tempos primittivos fugiu para o Alemtejo; anda um homem de noite por aquelles descampados com a inviolabilidade que a carta constitucional sonhou; é perfeita-

mente inutil a menor precaução; chega-se a ter desejos de ser roubado, por distracção, por aventura, por anecdota, mas nem sequer os almocreves se prestam a restituir ás estradas a sua antiga reputação de perigo; é tudo honesto e virtuoso de Vendas-Novas para diante; póde quem fôr prevenido deixar as armas na estação dos caminhos de ferro porque não precisa d'ellas... senão quando voltar para Lisboa!

A entrada d'Evora é festiva e elegante; os suburbios da cidade em duas legoas de redor não se compoem senão de quintas de uma frescura, de uma graça, de um bom tom extremo. Os olhos hesitam um instante, quando depois se fixam no interior da cidade, em aceitar o estylo desgracioso da maior parte dos predios, baixos, corcovados, com as suas informes sacadas vermelhas, ou a maneira exotica de algumas ruas em que se passa por baixo de arcos acanhados e desiguaes, que teem o ar de um *tunnel* de camara optica!

A par d'isto, e maior é o contraste, sobresaem alguns predios magnificos e sumptuosos, em que apenas se faz sentir, que as casas tenham de brilhar por si sós, porque ás janellas não se vê ninguem, e janellas sem senhoras, são como rostos sem olhos!

Um tom de solidão reina na cidade, que predispõe o viajante a enfastiar-se mortalmente; chega uma pessoa a suppôr que Evora desde os deuses nunca mais foi habitada, e cae-se n'um abatimento, n'uma prostração, n'uma melancholia toda mithologica!... Á

proporção que se encontra o solar de Garcia de Rezende, a casa da misericordia onde estiveram as freiras maltezas, a casa de Vimioso, em que apenas se adivinha nas janellas a ordem gothica, estando até os arabescos das cimalhas trocados por uns modernos bonitos, não se faz idéa alguma da epoca em que se está, e vem logo o desejo de procurar tambem a sepultura de Venus:

> Está n'esta sepultura
> A formosa Venus metida
> Que além da sua brandura,
> Morreu já muito madura,
> Tendo a espinhela cahida.

Todas as impressões desagradaveis desapparecem, desde que principiam a visitar-se os monumentos! A cathedral é uma coisa de que não se formaria idéa pelas descripções, por mais habeis e minuciosas que possam ser. Sente-se a riqueza n'este templo, — a riqueza em toda a sua grande expressão, em toda a sua expressão já hoje rara talvez. É uma consolação para o pobre, o ter a faculdade de entrar n'um logar que realisa todos os seus sonhos de opulencia, e ser n'este logar justamente que se resa a Deus! A riqueza no nosso tempo é tão falta de poesia e de prestigio! Os ricos que por ahi temos, não são ricos senão dentro de casa e no jardim! A fachada das suas casas, beliscada pela lama da rua, não tem sequer a apparencia architectoral; é uma parede,

eis tudo! São ricos lá por detraz, surdamente, estupidamente.

Pela rua, vestem-se como o leitor, como eu, como um advogado, como um poeta, como um pasteleiro, com este infernal traje moderno, dominó funebre inventado pela inveja e pela fealdade, sob o qual não se conhece quem é rico, nem quem é bonito, n'este grande baile de mascaras da existencia constitucional.

A cathedral, clara, imponente, magestosa, tem tres entradas; a porta principal, a porta do norte, e a porta do sul: a impressão não póde ser nem mais profunda, nem mais agradavel, á proporção que se caminha pelo templo, e se deixa perder a vista na sua vastidão. Alguns anachronismos, alguns erros de prespectiva e de gosto, se observam nos remoçamentos que teem dado á egreja; ha por exemplo uma capella a interromper a linha de columnas, que quebra a harmonia completamente, e uma porta lateral, ultimamente aberta, sem belleza, sem proporção, sem dignidade mesmo, uma especie de porta de escriptorio! Ainda que a capella-mór está em desaccordo com o estylo do templo, é todavia de uma riqueza, e de uma perfeição, que não ha remedio senão perdoar-lhe: o quadro da Invocação, os bustos dos apostolos, o prestigio dos ornatos, a sumptuosidade dos marmores,—é um prazer, um regalo, um encanto demorar a vista em tudo isto, e contemplar a riqueza traduzida em belleza e em explendor.

A galeria dos arcebispos compõe-se dos retratos de Fr. Miguel de Tavora; D. João da Cunha, da casa de S. Vicente; D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, da casa de S. Miguel, retratado depois de morto; Fr. Manuel do Cenaculo; Santa Clara; Fr. Patricio da Silva; Annes de Carvalho; falta apenas o de S. Boaventura, o que faz lembrar tristemente a exclusão de Marino Faliero da galeria dos doges, e o frio e simples distico no local do seu retrato: Aqui é o logar do retrato de Marino Faliero, traidor.

A casa das vestimentas é um sonho de opulencia; não ha numero para marcar a quantidade de vestes sacerdotaes que ali se encontra; e de que riqueza de bordado, de que maravilha de paciencia, de que elegancia de gosto! A encantadora obsequiosidade do sr. conego Faria proporcionou-me o poder admirar uma cruz de pedras preciosas, pela qual já se offereceram quatrocentos contos; é uma phantasia de poeta, um sonho de milionario; a gente, só de a olhar, participa d'aquella riqueza, e consola-se por ella! A vista é quasi uma posse. Uma pessoa que passeia n'um bello palacio, ou que admira um rico objecto, gosa tanto como o dono! Eu não possuo quadro nenhum, mas tenho todos os de Annunciação, Metrass, Rodrigues, Christino, na Academia ou ahi por casa de um e outro, e ninguem desfructa mais d'elles do que eu, mesmo os que os pagaram por muito bom dinheiro! Uma estatua, um monumento, uma cruz, um calice, não diminuem nem se gastam

pelos mil olhares que lhes fazem festa, e os que possuem coisas realmente admiraveis são criminosos se não as deixam ver.

O côro da egreja é notavel por admiraveis trabalhos de entalhadura; as cadeiras são cheias de arabescos, ornatos, figuras, emblemas profanos, e principalmente agricolas, como era o gosto da epoca.

Quando depois se sóbe á torre e se contempla do terrasso a cidade e os suburbios, passa-se um instante pelas sensações de Claudio Frollo, e volta-se insensivelmente a cabeça para um dos lados, na idéa de ver pendurado á grossa corda a figura informe de Quasimodo, revolvendo-se como um condemnado, e suffocando os gritos da paixão no estridor do monstruoso sino! D'ali se avista o convento das freiras de S. Bento, o aqueducto, a Cartuxa, o forte de Santo Antonio, o convento dos frades do Espinheiro, um ponto escuro que é Evora Monte; e depois Redondo, S. Miguel de Machede, a Serra de Alpedreira, a ermida de S. Pedro de Portel; a encosta e villa de Vianna, onde se deu a batalha de 1846, e a Serra de Montemór banhando-se nas nuvens! O olhar demora-se melancholicamente n'aquelle horisonte, e, ao baixal-o de novo para a cidade, nasce uma idéa envolvida n'uma lagrima:—Evora foi illustre!

Desde essa hora principia a gostar-se da terra e a desejar ver as antiguidades d'ella; mas antes de nos apartamos da torre ainda se espalha a vista uma vez por aquella vasta amplidão, e a nossa alma sente-se

humilde, hesitante, timida, enlevada, como o atomo que nos calores do estio se ergue e perde na atmosphera fluctuante!

II

Entramos na bibliotheca, e entramos com o bibliothecario, que é o sr. João Raphael de Lemos. Entre as fortunas que eu considero haver encontrado em Evora, é o conhecimento deste cavalheiro tido para mim como o melhor. A sua edade auctorisa tanto como a sua condição, a grande importancia que se lhe consagra n'aquella cidade. A Evora que ali se encontra, não se sabe ás vezes bem se é a moderna ou a antiga, tão confusamente se mescla a cor da nossa epoca ao estylo da velha architectura; — o sr. João Raphael de Lemos é que é a Evora antiga, tanto a conhece, a aprecia, a descreve, a commenta! Utilissimo seria, já que a sua modestia irremissivel se obstina a não metter hombros á obra, que algum dos moços eborenses, que mais estimam e cultivam as lettras, — Manuel Vianna, Lobo ou qualquer dos estudiosos redactores do *Scholastico* — se applicasse a aprender d'elle o muito e muito bom que sabe da historia da cidade, e a dar-nos um livro em que com interesse, verdade e critica, se apresentasse de Evora noticia escrupulosa e exacta, em mil coisas de que é preciso fallar-se, e que não estão referidas. Com isto prestavam um bello serviço á litteratura, á historia, á terra, e a si.

A bibliotheca publica d'Evora deve-se a fr. Manuel do Cenaculo, considerado como a flôr dos arcebispos eborenses, que colligiu trinta e tres mil quatrocentos e vinte quatro volumes, a que uniu avultada quantidade de manuscriptos e pinturas, offerta avaliada em trezentos mil crusados. Pela guerra da peninsula a livraria foi desbaratada, indo a melhor parte do museu nas garras das aguias francezas, que apenas deixaram muitos objectos valiosos por não os saberem conhecer, nem adivinhar a sua importancia.

A bibliotheca teve, na sua fundação, um perfeito, um vice-perfeito, tres bibliothecarios, um cartorario, e um continuo, que entraram em serviço em 1811, sendo a vontade do prelado na creação de tão util estabelecimento, confirmada por bulla expedida no Rio de Janeiro em data de 12 de dezembro de 1810, anno undecimo do pontificado do Pio VII assignada pelo nuncio Lourenço, arcebispo Nicibene, sendo precedida de licença regia de 21 de maio de 1807; e com o regio exequatur de 18 de janeiro de 1815. Hoje a bibliotheca tem por empregados... um continuo!

De livros modernos a bibliotheca d'Evora, é pobrissima; apenas ali encontrei as obras de Chateaubriand e de Garrett; quando voltei a Lisboa procurei á venda alguma das obras de Castilho, para as offerecer áquella livraria, mas infelizmente para ella não resta um unico exemplar de alguns dos livros do grande poeta, do que resulta que ella continuará, conforme poder, a passar sem elles como até aqui!

Lá encontrei o livro de Antonio Bocarro Barbosa, que contêm a planta de todas as fortalezas da India até Macau; — um livro arabe sobre agricultura, pelo dr. Abu Zacarie Sahie; um livro de pintura, habitos e vestuarios das ordens religiosas e cavallaria; grande numero de manuscriptos, e uma collecção avultada e curiosissima de livros dos primeiros tempos da imprensa. De quadros, recordo o da *Humildade de S. Pedro*, em que o santo figura entre dois guardas, um assoprando de colera, outro escarnecendo-o, e que exprime admiravelmente nas tres physionomias o escarneo, a ira, e a paciencia; — um pernoitar de bandidos do morgado de Setubal; — um cordeirinho, que é uma bellesa de proporção e de verdade; — uma estampa illuminada que o coronel White mandou fazer em Inglaterra ao arcediago da Sé d'Evora João Limpo Pimentel, offerta notavel de um calvinista a um catholico; — a disputa do Menino com os doutores, quadro de Vasco; — e um certo D. Affonso Henriques no meio do campo, esbogalhando os olhos, e estendendo os braços, n'um attitude, que lhe valeu a seguinte quadra de uma senhora:

> No vasto campo de Ourique
> Quando cinco reis vencia,
> Diz Affonso «Eu vejo! Eu vejo...»
> Sabe Deus o que elle via!

Tambem guardo memoria de um lindo trabalho de esculptura em marmore negro, que representa Moysés orando, e, ao fundo o exercito israelita ba-

tendo-se; uma imagem de Nossa Senhora, toda em lettras, documento da paciencia humana; — e um esmalte em oiro, a paixão do Christo, encontrado em Constantinopla no templo de Santa Sophia trasido d'ali para França, apanhado na batalha de Pavia por Carlos v, trasido para Portugal, roubado talvez, e comprado por Cenaculo, que nunca disse quanto deu por elle, mas que, a quem lh'o trouxe de Hespanha, doou de grandes alviçaras.

Eis do que me lembro; muito mais havia para dizer da bibliotheca e do museu... se tivessem mais que ver, e eu mais para contar; a leitora porém já está farta d'este assumpto, e pede-me que lhe falle agora de alguma coisa ligeira e galante, em que se não sintam os ratos das estantes, nem se veja o pó dos velhos livros! Vamos portanto ao theatro assistir ás representações de Santos e Emilia Letroublon, do Gymnasio de Lisboa, que se acham em Evora pelo melhor dos acasos, e que vão dar-nos um espectaculo de peças sem enredo, o que dá logar aos actores... de os deixarem ter espirito!

Quando estou longe de Lisboa, o meu maior prazer, tão depressa chego a qualquer terra, é assistir a uma representação de theatro. Ali se encontra, se estuda, e se fica conhecendo o beijinho da população. As senhoras da sociedade mais escolhida, adornam os camarotes de primeira ordem, nas frisas estão os fidalgos da localidade, e na galeria as honestas burguesinhas com os seus papás ao lado. É

um quadro cheio de originalidade para quem vive habituado aos espectaculos da capital, em que a platea não tem caracter, e os camarotes não teem feição, graças ao talento das modistas e dos alfaiates, cuja arte no nosso tempo é a igualdade politica... posta em obra!...

Na provincia não é assim. Tudo ali está marcado e definido por limites irremissiveis. Cada um representa-se a si, e ainda representa seu pae e seu avô. Não é por lá janota quem quer. De um elegante homem de espirito, que voltou um dia á sua provincia, depois de haver ganho o seu nome e a sua celebridade na capital se refere um caso que prova bem quanto nas terras pequenas se attende á geração de cada um. Tracta-se do filho de um rachador, que conseguiu pelo talento elevar os seus destinos, mas que perante os seus conterranos não póde nunca fazer-se perdoar em ter a nobreza de seu nome principiado n'elle, em vez de, como infelizmente em muitos, n'elle haver terminado. Um dia, cheio de alegria e de gloria, quiz tornar a ver a terra em que passara os primeiros annos da sua existencia, quando scismou tristemente na obscuridade da sua condição, dando-se por esta fórma o prazer exclusivo dos grandes espiritos que guardam sempre amor aos logares em que soffreram. Chega, abraçam-o uns, outros interrogam-o, todos o miram, mas ninguem lhe diz com o phrenesi do enthusiasmo: — És grande e admiro-te! — No fundo

da sua consciencia e da sua alma cada um o admirava e o achava grande, mas dizer-lh'o a elle, que era filho do rachador! a elle, que todos ali haviam conhecido em pequeno a brincar á porta da estancia, e ir com uma bilha buscar agua á fonte, seria no seu conceito rebaixarem-se excessivamente e darem triste idea de si! Alguem da terra teve menos escrupulo, e quiz festejal-o por um jantar a que foi convidada a fidalguia do sitio. Á mesa um dos *cavalheiros* querendo metter o rapaz á bulha, logo depois de uma saude, em que se havia feito grandes comprimentos ao seu merecimento, atirou-lhe esta pergunta:

—Então que tal achou seu pae?

O nosso homem olhou fixamente o seu interlocutor, e respondeu apenas:

—Oh! não o achei morto por um triz!

Uma impressão de terror circulou em todos os convivas.

—Morto?!

—Sim! Imaginem, que cheguei á hora do jantar, e surprehendi-o a comer arroz, mas de que fórma, pobre homem sem educação! Mettendo a faca na boca! Já quasi degolando-se, se não lhe acudo!...

É inutil explicar, que o *cavalheiro* que o interpellara, estava n'esse mesmo instante, a comer o arroz com a faca.

Os espectaculos na provincia definem excellentemente, e á primeira vista a esphera social a que per-

tencem os diversos espectadores. O ar grave e sizudo d'aquelle sujeito que tem o nariz encarnado, bem indica, de accordo com o magnifico brilhante que lhe adorna a gravata, que é um rico e respeitado proprietario; o de casaco de pelles e grilhão de oiro por cima, não tem que ver, que é um lavrador abastado, que até no pino do verão prefere vestir-se de pelles, a vestir-se de ganga; os dos primeiros bancos da platéa são os janotas, mancebos que estão com o fogo na guelra, e que teem imminente uma respeitavel herança, por morte do seu não menos respeitavel pae; distinguem-se não só pela abundancia de gomma do colleirinho, que os guilhotina lentamente, mas por serem cheios de attenções e de attitudes; um pintor, que se désse ao trabalho de os desenhar, tinha obra para muitos cadernos; são mil maneiras de pôr o pé, de estender a perna, de inclinar a cabeça, de atirar com os braços, em que se sente o trabalho e a tradição; tudo isto é acompanhado de um ruido infernal durante os entreactos, em que batem desapiedadamente nos bancos com a bengalla, dando-se por esta fórma o ar de extravagantes *perigosissimos*.

Em chegando uma companhia de theatro á provincia, as damas teem uma das mais sinceras alegrias da sua existencia. Uma menina conheci eu, que já estava promettida ao seu namorado, com quem ficara mal *para sempre* na vespera de uma representação em que eu tive o prazer de encontral-a.

—Que! É v. ex.ª! disse eu maravilhado ao apertar-lhe a mão.

Ella sorriu-se melancholicamente.

—Já sabe então?

—Sim, já sei. Meu Deus, não esperava encontral-a hoje aqui. Suppunha-a em casa, fechada no seu quarto, entre saudades e lagrimas!

—Ah! respondeu ella n'um tom pathetico, hontem é que o sr. Machado havia de ver-me. Mas hoje havia theatro!

Quando eu vi em Evora os cartazes annunciando as

SOIRÉES DANÇANTES

da actriz Emilia Letroublon e do actor Santos *que fizeram parte da companhia do Gymnasio, e hoje artistas de primeira classe do theatro normal.* Avistei logo o enthusiasmo com que os eborenses iam acceder a estas récitas. Á hora de principiar o espectaculo vi chegar ranchos e ranchos... de homens, e irem para os camarotes. Entrei, e vi em cada camarote, um homem só, um homem ao todo, um meio homem, *solus totus, et meus!...* Depois, lá ao longe, uma senhora; lá mais adiante duas senhoras, lá no fim tres creanças, e disse! Somma: Tres creanças, tres senhoras, muitos homens.

O enthusiasmo, foi o que valeu, saiu maior do que a concorrencia, Santos foi victoriado, em cada

peça, em cada scena, em cada phrase. Esteve delicioso de veia comica, esteve encantador de graça e *d'aplomb!*

Na seguinte récita, duas noites depois, cheguei ao theatro um pouco mais tarde; entrei, esbogalhei os olhos como D. Affonso Henriques, e um grito de pasmo se me exhalou do peito, — estava tudo cheio! Os camarotes recamados de senhoras, a platéa apinhada de homens, leques a agitarem-se, oculos assestados, movimento, bulicio, calor, e a Letroublon a mudar de *toilettes*, e Santos a mudar de cabelleira, e toda a gente alegre a sorrir, a olhar, a applaudir, a dizer: Porque era isto, de que nascia isto, a que vinha isto? A explicação foi-me dada em duas palavras, — em Evora, á primeira representação vão só os homens; se é má, não volta lá ninguem: se é boa, levam as familias á segunda récita! Ah! Como os artistas estavam contentes n'essa noite! Santos foi brazileiro, janota, estroina e ancião; a Letroublon fez as thias e as sobrinhas; Francisco Fernandes, que os acompanhava, era os criados, as criadas, os velhos, as velhas, este mundo e o outro! Que differença da primeira noite em que para acreditar a empreza eu dizia a um espectador meu amigo que acabava de comprar bilhete:

—Deixa ver se te posso arranjar logar?

E entravamos cautelosamente pela platéa como receiando de pisar alguem.

—Mas ha immensos logares vagos! dizia-me elle.

— O theatro está cheio, meu amigo! Não posso saber onde esta gente se metteu.

Digne-se o leitor entrar comigo na lindissima egreja de S. Francisco. Já de fóra mesmo, que belleza! O frontespicio é gothico, e a portada no gosto Manuelino; por baixo das armas, do lado direito, refere-se a D. João II, que foi o que principiou a obra; do lado esquerdo, a D. Manuel, em cujo reinado se concluiu: é historico por ter pertencido aos templarios, por haver sido freguezia em que foi prior André de Rezende, e por instituir n'ella D. Manuel a irmandade da misericordia de Evora, que é a segunda do reino. É uma egreja alegre, clara, elegante, elevadissima, de columnas graciosas, paredes finissimas, um tom geral cheio de variedade, de grandeza e de côr. A capella mór tem outro anachronismo como a da sé; era gothica como o resto do templo, mas pelos modos, um conego encarregou-se de a remoçar! Ali se encontra o jazigo dos Cogominhos, companheiro um d'elles de Giraldo sem pavor: ali está enterrado tambem, mas ignora-se o sitio, o nosso grande Gil Vicente. Cada capella tem quatro quadros, dois bustos, e duas figuras. Um quadro notei, de que não devo deixar de dar noticia. É um anjo a acutelar uma nuvem. Uma nuvem?! Acutelar uma nuvem porque? Acutelar uma nuvem para que? Acutelar uma nuvem como? Eis a historia: pintava o grão-Vasco este quadro, quando viu n'uma das capellas certa dama a rir-se d'elle. Os artistas são na-

turalmente fogosos e temerarios, e o homem esteve á uma e ás duas para erguer a voz na egreja, e prégar um sermão pouco edificante á formosa caçoista. Continuou trabalhando, e, quando outra vez levantou a vista, o seu olhar encontrou o sorriso ironico da senhora que o contemplava. Ella era bella, Deus santissimo; bella, ao que se affirma, como um anjo: o Vasco estava n'essa occasião a pintar o diabo, e deu-lhe a cabeça d'ella. Da terceira vez que se olharam, sorriram-se ambos um para o outro: mal sonhava a dama todavia a excentrica vingança do pintor. Os demonios são bonitos ás vezes, se não mentem os que os teem visto; são airosos, elegantes, tentadores, fatalmente tentadores mesmo! Ha demonio que tem o pé pequenino, demonio que tem olhos meigos, demonio cuja boquinha a sorrir parece uma rosa enfeitada de perolas; dos demonios é que a gente deve ter medo, que os anjos não fazem mal! O certo é, que prompto o quadro, ficou obra de tal perfeição, que cada um ia admirar o magnifico trabalho de Vasco, exclamando sempre em extase:

—Que belleza! que belleza!—Dizem que uns se referiam n'isto á perfeição da pintura, e outros... á formosura do diabo. Um padre principalmente, parecia experimentar por este quadro tão irresistivel sympathia, que não havia forças, que lhe fizessem despregar os olhos d'elle. O prior via isto com magoa, porque já começava a rosnar-se em sentido menos edificante sobre a pasmaceira em que o clerigo

andava; mas a cabeça do demonio era em verdade tão seductora, que logo se pretendeu encontrar na sua belleza a explicação de tudo isto, attribuindo-lhe similhança com alguem, que o reverendo houvesse conhecido. A belleza eborense tem os seus caracteristicos, como se sabe: d'aquella famosa Miraguarda tão celebrada nas chronicas de Palmeirim, — Miraguarda chamada, porque, depois de a encontrarem nas guardas de um curral, a deram a crear a uma mulher dizendo-lhe: «*Esta menina guarda!*» se conservou por muito a cantiga:

Dentro de uma capa parda
N'estas guardas do curral,
Foi achada Miraguarda,
Formosa, discreta, e sarda
Pois foi d'Evora natural.

Estas condições de sarda, discreta, e formosa, teem sido sempre companheiras effectuosas das bellezas eborenses, que no nosso tempo, ao que me parece, ainda mais valor teem... por serem raras. O certo do caso, porém, é que o demonio do painel era sardento... como um anjo, — e provado está, não haver coisa mais irresistivel e provocante do que um rosto levemente pallido, de beiço languido, e pintas de sarda, distribuidas com recato e graça pela voluptuosa mão da natureza! O peior de tudo foi que o padre sentiu-se namorado como um louco, e se já soffria cruelmente pelo seu erro em quanto o

julgava entre o céo e elle, outra coisa foi ao entrever o pensamento d'outrem a seguir os traços do seu crime, expondo-o a que fizessem d'isto uma questão humana. Luctou ainda contra os seus receios, e contra os seus remorsos, mas a toda a gente que tem facilidade em se lançar na estrada do mal, custa muito a achar depois o caminho para voltar ao sitio de onde partiu. Em redor d'elle, os outros conegos riam ou censuravam; as damas, a quem a historieta já constara fugiam de se fazer ouvir d'elle em confissão, o povo apontava-o a dedo, — e no meio d'isto tudo a cabeça do demonio sorria de malicia e de tentação. Uma manhã, quando o padre entrou na egreja, foi como um homem, que tendo adormecido na vespera entre os pensamentos alegres do vinho e do amor, sentisse de manhã a cabeça pesada, o espirito fatigado, e o coração triste e doente. O quadro estava ainda no mesmo sitio, — mas o demonio já não! Uma nuvem o cobria, e a espada do anjo descarregava agora sobre essa nuvem, que apagára para sempre aquella cabeça encantadora e bella!

Uma das notaveis curiosidades d'esta egreja, é a capella da casa dos ossos. Imagine a leitora paredes informes, construidas de ossos amontoados, com um aspecto horrivel e triste, que faz frio e medo. Por cima de um grande esqueleto lêem-se estas palavras:

Nós ossos que aqui estamos
Pelos vossos esperamos.

Os frades havendo encontrado um cadaver inconsumpto, deram-se ao appetite de lhe conservar a mumia, e á temeridade de lhe comporem um soneto, que só o que não tem... é versos: Eil-o:

Aonde vaes, caminhante acelerado?
Pára aqui, não prosigas mais adiante,
Que negocio não tens mais importante
Que este, que aqui vês pendurado.

Quantos d'esta vida tem passado!
Olha que a tua ha de ter fim similhante
Que é para meditar causa bastante
Terem todos os mais n'esta parado

Pondéra que influindo d'essa sorte
Entre negociações do mundo tantas
Tão pouco consideras na da morte.

Porém se o pensamento aqui levantas
Pára, porque em negocio d'este porte
Quanto mais tu parares, mais adiantas.

O povo tem uma devoção immensa com esta capella, e ali concorre ás sextas feiras com a mesma avidez e fervor com que a população devota de Lisboa, afflue á egreja do Senhor dos Passos. A capella infunde um sentimento de pavor que o resultante anachronismo do tecto tenta adoçar por diversos emblemas tirados do antigo e novo testamento, dando apenas em resultado ficar uma coisa sem idéa e sem razão. O que vale é que se volta á egreja, e renas-

cem no animo as consoladoras impressões que a grandeza desperta. Ah! em quanto se está em templos como o de S. Francisco, desapparece o sentimento das pequenas coisas, e ergue-se n'alma a aspiração ás sublimidades da terra; cada um scisma então no que ha de ridiculo em ser pobre, e diz a si mesmo que se a civilisação continuar a sua marcha, dentro de um seculo, ninguem quererá viver, e as populações irão em bandos deitar-se ao mar, ou atirarem-se á lua por intervenção da palavra! Toda a gente terá quatro contos de réis de renda, uma casaca preta e um predio em que habite. A maior parte dos templos de Lisboa, servirão de sachristia á egreja que se lhe addicionar, e tudo será soberbo e bello, magestoso e rico; tudo será de marmore, que é a grandeza! de purpura, que é a força! de oiro que é a vida!

Ao sair de S. Francisco, o silencio d'Evora pareceu-me mais solemne do que nunca; praças desertas, jardins abandonados, ruas silenciosas como os corredores dos hypogens de Thebas. Dir-se-hia aquella cidade morta dos contos arabes, em que o viajante peregrinava entre os simulacros da vida sem accordar outra voz senão o echo. Oh! Evora! Evora! Tu que és tão bella e tão illustre, tão senhoril e tão nobre, como é que pódes conservar-te n'essa melancholia que toca o phantastico; e porque é que as tuas casas não teem senão fachadas cegas, em que as palpebras de taboinhas se conservam sempre triste-

mente descidas? D'este mesmo silencio, bem o sei, podia eu fazer obra se fôra poeta, mas a prosa dos chronistas é por vezes rebelde á phantasia. Horacio passou uma occasião pela via Appia, e fez d'isto uma pagina immortal; as explicações dos *touristes*, e todas as viagens em redor do mundo, hão de estar já esquecidas, e ainda se conservarão nos labios os versos do romano. Esse é o privilegio dos poetas, que em quanto houver homens e civilisação, hão de saber todos que um dia o filho de um liberto do tempo d'Augusto teve a lembrança de ir de Roma não sei onde pela via Appia; é verdade que esse passeante chamava-se Horacio, e ia em companhia de Vario e de Virgilio; d'isto é que Evora precisava, e isto é o que a salvava ainda, se Castilho tivesse a phantasia de deitar um dia até lá; o silencio de Evora mesmo ficaria eloquente então; a arte torna eterno tudo em que toca!

UNHOS E CATHOJAL

UNHOS E CATHOJAL

I

Entram alguns amigos no meu quarto; trem de caça, e espingarda ao hombro.

—Que lindo dia!

—É verdade! Que lindo dia!

— Amigo Julio, propomos-te um passeio ao campo!

—Um jantar buccolico?

—Horas e horas de poesia! Não adoras os encantos ruraes?

—Muito! Voltamos esta noite?

—Esta noite, impio! Voltar na noite de S. Pedro, e desdenhar as festas innocentes dos camponezes em honra do santo chaveiro! Que te atreves a dizer! Passaremos estes dois dias santos na solemne tranquillidade que acompanhou a existencia de Tityre! Ah! Não sejas homem da cidade, deixando

transparecer os defeitos da falsa civilisação! Onde encontras um prazer comparavel ao de jantar sobre a relva, — prazer partilhado pelas moscas, pelas borboletas, pelas formigas e pelas melgas, que veem familiarmente banhar-se no nosso copo, ou comer o que temos no prato?

— Ah! meu caro amigo! dizia-me outro. Os prazeres do campo são incomparaveis!... Aquelles passeios ao sol posto, por exemplo, em que a gente vae infileirada, a um por um, n'algum caminho tão estreito que não permitte ir-se aos pares! Como é commodo e suave! Adiante de nós vae uma senhora, que nos dirige continuamente a palavra, sem voltar nunca a cabeça, em quanto a brisa sopra tão graciosa que leva comsigo todas as syllabas! Vê-se uma pessoa obrigada a fazer-lhe repetir as coisas vinte vezes, o que a enfastia mortalmente, e nos faz passar a seus olhos por um ser injuriosamente estupido!

Um terceiro mettia os dedos pelos cabellos e arregalava os olhos, attitude eternamente propria de um poeta que se extasia:

Oh!... exclamou. E a vantagem de dormir tão pacificamente... apenas despertado, a cada instante pelos latidos dos cães de fila e pelo canto dos galos do logar!...

Pois se encaramos esta questão pelo lado solido? Como havemos de esquecer as infinitas vantagens de qualidade e de economia, de bebermos leite sem

agua, comermos fructos tirados da arvore bem madurinhos, legumes frescos, etc., apesar de não se poder obter senão mais caro, tudo que já foi julgado inferior de mais para mandar para a cidade!...

Pois uma tarde na eira! Sentados todos no chão, em galhofa, cantigas, ditos graciosos, — quando vem de repente uma pancada d'agua! Que alegria uma pessoa sente, por haver tido a cautela de levar o seu chapéo de chuva!... Abre-o, applaudindo-se; e immediatamente o dito chapéo de chuva, debaixo de um furioso furacão, vira-se, quebra-se, e vae um pedaço para cada lado!...

— Ah! o campo!

— Ah! o campo!

— Ah! o campo!

Não havia que responder. A eloquencia e a razão teem uma só voz! Metti roupa branca no sacco de viagem, um livro de lembranças n'uma algibeira, charutos n'outra, muita paciencia n'alma, e ahi vamos nós!...

Vamos nós, mas para onde vamos? pergunta naturalissima de um homem não precipitado. Vamos para Cintra, vamos para a Durruivos, vamos para Badajoz, vamos para a Outra-Banda, para Southampton, e para Carriche?

— Vamos para o caminho de ferro.

— Bom pensamento! Compramos bilhete para onde?

— Para o Carregado. Escolhemos d'aqui até lá o

sitio que mais nos agrade, e apear-nos-hemos ahi!

— Excellente!

Parte o camboio. Grande calor. Immensa sêde. Ao parar no Poço do Bispo, dirijo a um dos guardas esta allocução:

— Cortez empregado! Sinto-me tão quente como o sol da Africa, e peço-vos um copo d'agua, se possuis um coração compassivo!

O dito guarda responde-me com a maior delicadeza, — uma das condições, segundo o programma, para ser empregado no caminho de ferro; porém o seu estylo, extremamente adjectivado, leva tanto tempo, que, mesmo no momento de partir de novo o camboio, é que eu o vejo ao pé de mim, com um copo d'agua na mão!...

Chegamos a Sacavem com alegria... e sêde. Soltase o grito de: Fiquemos aqui!...

Apeámo-nos. Penetrámos na villa debaixo d'um sol carrascão. Os meus companheiros, que são d'estes mancebos cheios de gosto, que se divertem sempre em desaccordo com a sua natureza, logo no principio do passeio começam a bocejar como se escutassem um melodrama. De cada hora fazem um seculo. A vida no campo é longa e lenta, e elles, que nasceram tanto para aquellas festas, como eu para menino de côro, exclamam a todo o instante; — Oh! que calor! Oh! que mau piso!...

A gente de Lisboa em a tirando do Passeio Publico roubaram-lhe o seu mundo.

Os nossos janotas, que, para sermos sinceros, são umas creaturas mediocremente agradaveis, riem-se todo o anno da chamada gente de fóra da terra, mas de junho em diante, a gente de fóra da terra principia a rir-se d'elles, que andam pelas estradas de bota de polimento, calça á *cossaco*, e chibatinha de Imberton; os cavadores d'enxada tomam-os por arlequins, as vaqueiras param para olhar para elles, e, se não fosse a boa conta em que se teem, esses adoraveis janotas reconheceriam que estão a rir-se todos á sua custa!...

Estavam uns patos á entrada. Um dos meus companheiros exclama na sua mais candida fé:

—Como estes patos estão sujos! Não os lavam nunca?

Para mim, que sou filho da aldêa, um janota no campo é o supremo pitêo. O melhor de tudo todavia, é ouvil-os a fallar de caça—elles, que no fundo da sua alma, chegam a admirar-se muito de que se possa matar uma perdiz sem matar ao mesmo tempo um ou dois amigos!...

—Rapaz? dissemos nós a um laponio que encontramos na estrada. Isto então é que é Sacavem?

—Sim senhor.

—É bonito! que ha aqui que mereça mais a pena de se vêr?

O rapaz encolheu-se.

—De se vêr? repetiu elle.

—Sim! coisas do sitio, monumentos, curiosidades, quintas, pontos de vista...

O rapaz, a quem o patriotismo não abafava a voz, respondeu-nos no tom mais natural:

—Não ha nada.

—Nada, nada?

—Ha muita sesão!...

Senti-me entristecer. Os meus companheiros porém exclamaram com o entono decisivo de homens que teem ingresso no Marrare:

—Não te dê cuidado! Temos duas espingardas e vamos fazer uma caçada magnifica!...

—Uma caçada! Nós!... querem vocês que eu lhes conte a historia do coelho assassino?

—O coelho assassino!

—Esse mesmo!

—Conta-nos essa historia... se é instructiva!

—Era uma vez, principiei eu, um rico lavrador, dono de uma excellente casa de campo, que reunira alguns amigos do seu sitio, e um janota de Lisboa, que nunca fizera mais do que dar uns passeiosinhos pelo Chiado, e ir algumas vezes no seu tilbury fazer uma viajata até Sete-Rios ou Campo Grande. Uma occasião que o janota ficára retido em casa por uma violenta dôr de cabeça—uma doença de Lisboa! o rancho dos outros hospedes foi a uma villa ali perto, onde havia festa, feira, arlequins, curiosidades de toda a especie; entre outros muitos phenomenos, viram elles n'uma barraca um coelho sabio que atirava á pistola. Este espectaculo despertou a idéa de fazerem, em termos de rapaz, uma

troça ao janota—ajustaram-se com o empresario do coelho, depois foram para casa e a *troça* principiou. Durante dois dias a *troça* consistiu em dialogos a que o janota assistia sem que os outros parecessem reparar n'elle.

«Ora deixa-me, com as tuas historias da carochinha! dizia um.

«Mas eu não te digo que acredito, digo-te só que é um facto attestado por testemunhas respeitaveis.

«Ó rapazes! É preciso metter este F. em Rilhafolles! Pois não quer que eu engula, que se encontraram no campo coelhos armados!...

E toda a gente desatou a rir.

«Mas, charos amigos, replicava então gravemente um dos caçadores—eu tambem ri como vocês, mas já que se trata d'essa questão, não sei como lhes hei de dizer... não vão chamar-me doido... Entretanto, estou prompto a ceder do meu logar no paraiso se não é certo eu ter sido atacado por um coelho!

Gargalhada geral. Disseram a meia voz uns aos outros que aquelle bom rapaz estava transtornado da cabeça, que era preciso escrever á sua familia. O janota escutava tudo isto com o ar pasmado de quem não percebe.

Dispostas assim as coisas, ajustou-se uma caçada para o dia immediato, o janota d'esta vez não lhe doia a cabeça, e estava impaciente por se estreiar. Depois de uma hora de marcha, viu-se um coelho á beira de uma fossula.

«Aqui está uma boa occasião! exclamaram todos.

E deram ao janota uma espingarda pequena.

«Ajuste... olho firme... Bom! Atire!...

Parte o tiro, e o coelho cae na fossula.

«Morto! gritava o janota. Matei-o!...

«Vá-o apanhar! Ande! Vá-o apanhar!...

O janota corre á fossula, mas no momento em que suppõe agarrar a sua presa, o coelho endireita-se e dispara-lhe um tiro de pistola sem mais tir-te nem guard'-te!...

O janota volta pallido, azafamado...

«Então? que é do coelho?

«Ah! meus senhores! Isto não é brincadeira! Os coelhos defendem-se... Estou vivo aqui por um milagre. Por um triz não me assassina!...

—Eis, disse eu concluindo a historia veridica e famosa do coelho sabio, o que deve formar o melhor capitulo do cathecismo do janota! Deem-lhe a explicação!...

Os meus companheiros escutavam-me caminhando em silencio, arqueando o braço, e dando-se ares que faziam sobresahir o seu vestuario pittoresco e gracioso. De vez em quando paravam, examinavam o terreno e os ares... dir-se-hiam que hiam atirar. Qual! Continuavam a andar.

Assim fomos seguindo a beira do rio, aquelle bonito rio que era navegavel d'antes até Frielas, mas que hoje o é apenas até ao Tojal; eu como não sou caçador ia demorando-me a olhar para Sacavem. Na

baixa ha um excellente convento, o de Nossa Senhora dos Martyres, mandado edificar por Miguel de Moura, secretario de estado de el-rei D. Sebastião, no sitio de uma capellinha construida a voto de D. Affonso Henriques. É um convento de freiras cartuxas, que tem hoje uma freira apenas. Pelos modos esta freirinha, que é prioreza... de si propria, tem um geniosito seccante, que fez fugir quatro irmãs da mesma ordem, duas para a Madre Deus e duas para a Castanheira!... A villa tem um grande castello, que está hoje arruinado, e umas poucas de ermidinhas, de que uma, a de Nossa Senhora da Saude, se encontra renovada e burnida... *Vide* candidatos a eleições!

—Olha aquella perdiz! dizia um dos meus companheiros.

—É muito pequenita ainda. Deixa-a ficar!

—Deixemol-a ficar.

O sol estava tão ardente, que iamos todos da côr do medronho. A poder de andarmos, como haviamos de chegar a alguma parte, chegámos a Unhos. Ahi, estiramo-nos á sombra de uma arvore.

Porque é que Unhos, se chama Unhos?

Esta pergunta, delicada e de responsabilidade promettia uma certa gloria, a quem a resolvesse; seduzido por esta idéa, principiei a fazer estudos do sitio, e duas horas depois, comparecendo de novo diante dos meus companheiros, disse-lhes assim:

—Illustrados amigos; é com um vivo prazer

chronologico que levo ao vosso conhecimento a historia do nome d'este importante sitio. Na occasião em que D. Affonso Henriques marchava á conquista de Lisboa, foi atacado junto do rio de Sacavem pelos mouros dos logares visinhos, aos quaes venceu em batalha; perseguindo-os, porém na retirada, travou-se n'este sitio uma tão dura peleja, que faltando já a muitos as armas, houve o grito de á unha! á unha! e á unha vieram até este sitio!... O nome, que d'antes tinha, infelizmente se ignora. Vê-se apenas que era logar de importancia no tempo da dominação dos romanos, por uma pedra de sepultura que ha na egreja, e que diz:

Julius Munii
Bitalicus
Augustae H. S.

O que traduzido significa: *Aqui está sepultado Julio Bitalico, filho de Munio, sacerdote Augustae.* Este Julio, meu respeitavel homonymo, e um dos meus avós talvez! era um homem de distincção, não só qualificado de ter o direito italico, mas de o ter duplicado, que é o mais, como se vê da expressão *Bitalico!...*

Quando eu esperava um hurrah a este discurso cheio de erudição, observei maravilhado que os caçadores estavam a dormir.

Caçadores! disse-lhes eu. Que termos são estes? São horas de procurarmos alguma coisa de comer.

Essa arvore dá sombra, mas não dá de jantar, e está fóra de duvida que não era a este sitio que se referia Camões quando disse:

> Contam certos auctores
> Que junto da clara fonte
> Do Nilo, os moradores
> Vivem do cheiro das flores
> Que nascem n'aquelle monte.

Elles levantaram-se, esfregando os olhos.

—Que calor!

—Que calor!

—Uma idéa, disse-lhes eu, uma idéa!

—Qual é?

—Vamos jantar a Lisboa.

—Approvado unanimemente!... A caminho!... A caminho!...

E partimos sem demora de um segundo, orgulhosos d'esta memoravel caçada, em que não matámos senão... o tempo.

II

Em quanto a ida ao Cathojal, isso foi outra historia.

Eu estava a dizer, um dia, conversando em casa do sr. dr. Abranches, o distincto advogado e illustre homem de lettras, que depois de suscitar tantas lagrimas no theatro pelo *Captivo de Fez*, tem suscitado tantas bençãos no tribunal,—onde ben-

ções são os melhores applausos,—que era o meu gosto predilecto o passar um dia no campo, mas que era infelizmente raro encontrar campo com as condições, que eu não dispenso.

Perguntou-se-me que condições eram essas.

—Chegar de madrugada, e partir á noite; não haver na casa em que queira hospedar-me nem filha para casar, nem filho que toque flauta; nem deputados, nem beatas, nem agricultores pedantes, nem o regedor, nem agiotas ruraes, nem apostolos de qualquer religião que sejam, nem militares velhos que contem proezas, nem assignantes do *Gratis!*

—Nada mais exige excluido, além d'isso? perguntou-me um cavalheiro, que se achava ali.

—Nada mais do que isto!

—E não se oppõe aos caminhos de ferro, para conduzir rapido até um certo ponto?

—Não me opponho!

—E se fôr indispensavel ir n'um burro d'esse ponto em diante?

—Se fôr indispensavel ir n'um burro, irei a pé.

—Que distancia se atreve a vencer a pé?

—Os filhos das aldeas, quando mesmo a côrte procure desnatural-os, resentem-se dos seus habitos d'infancia. Ando a pé quatro legoas.

—E n'um burro?

—Atrevo-me a cair durante meia legoa.

—Virá n'um burro, e não cahirá. Os caminhos

serão excellentes, e o burro ainda melhor do que os caminhos. Quer, domingo, jantar comnosco no campo?

—Da melhor vontade!

—Haverá liberdade inteira; jantar ao ar livre, senhoras em vez de livros, musica em logar de politica, homens alegres e tolerantes, vinhos generosos e visinhos tranquillos; não se jogará o loto, nem o voltarete; haverá charutos bons ao caffé, e laternas para a retirada!

Ficou a festa ajustada para o Cathojal, logarejo que, por uma casualidade, romantica n'esta occasião, tem o mais estreito parentesco com o sitio de Unhos pertencendo ambos á mesma freguezia. Dê-se já noticia d'elle. É um sitio alto e vistoso, lavado d'ares, com boas agoas, e que foi outr'ora um povoado de fama; hoje, porém,—decadencia sensivel!—tem poucos habitantes, e as casas estão pela maior parte demolidas. O nome julga-se mourisco, e acha-se escripto antigamente por diversas fórmas, taes como—Cacojal,—Cachojal,—Cachijal, etc; o que está fóra de duvida, é que existiu ao tempo dos moiros, que tinham ali o seu cemiterio n'um terreno hoje incluido na quinta pertencente ao amavel hospedeiro, que tão gracioso convite me fizera, o sr. Francisco Affonso do Nascimento, e denominado Almocavar, que vem a dizer «cemiterio dos moiros.»— *Vide* Diccionario portuguez de Moraes... tomo 1.º—(Erudição, até aqui!)

Seria talvez caso para censura, se se não dissesse, ainda que de leve, duas palavras ácerca da egreja parochial de S. Silvestre, situada em um largo no centro da povoação, obra antiquissima, cujas paredes exteriores são tão grossas, que me assegurou o prior que poderiam rodar sobre ellas dois carros de bois emparelhados, sem perigo algum! O tecto, que era de cantaria, abriu todo pelo terramoto de 1755, conservou-se assim por muitos annos, até que abateu um dia, e é hoje de madeira. O templo é espaçoso, alto, e alegre; tem seis altares, alem da capella mór, e o baptisterio; por cima do arco do cruzeiro da capella mór ha outra capella de invocação de Jesus: a primeira capella do lado da epistola, entrando na egreja, é da invocação de Nossa Senhora da Piedade, e tem na cantaria, ao lado do evangelho, a seguinte inscripção:—*Esta capella de Nossa Senhora da Piedade é do padre Leonardo Annes, tem missa quotidianna por sua alma.* Ha na egreja uma devota reliquia authentica do glorioso S. Silvestre papa, n'uma pequena custodia de prata doirada, a que o povo consagra grande fé; e existe tambem uma especie de poço, hoje sem uso, onde vinha ter a agua do poço do concelho d'este logar, que a gente de differentes sitios vinha procurar em romarias de muita nomeada, como agua de grande virtude para as molestias de pelle!

Desçamos, porém,—isto é, subamos—até propriamente ao Cathejal; o Cathejal tem apenas uma

ermida da invocação de Jesus, onde existe uma imagem da Senhora de Nazareth, que foi fundada pelo povo d'esse logar em 1583, segundo se observa do alvará de licença para levantar altar e dizer missa, passado em nome do arcebispo de Lisboa D. Jorge d'Almeida. Gosa de fama n'esta ermidinha um ferro bento que ahi existe, para com elle quente ferrar os animaes damnados. Se o leitor por lá tiver algum, envie-m'o quanto antes, que eu o recommendarei ao sachristão de lá, homem que me merece a melhor consideração!

Em seguida a estas prudentes e eruditas descripções, necessarias para dar ao passeio certa côr de investigação historica, devo dizer-lhes que, ás seis horas e meia da manhã de um bello dia, parti pelos caminhos de ferro, n'uma carruagem que levava duas senhoras e um cavalheiro; não troquei palavra com elles, que é o meu costume, por prudencia: não ha quesilia maior do que encontrar em viagem um companheiro attencioso, delicado, que se desfaz em amabilidades para comnosco,—mas que vem a converter-se n'um mortal inimigo nosso, por nunca lhe escrevermos, nem o procurarmos para lhe agradecer, e isto por um motivo apenas... por havermos esquecido como elle se chama!

De Sacavem ao Cathejal são tres quartos de legoa: o caminho é ingreme e fastidioso, mas o que vale é não haver nada que admirar. Ah! Quando ha que admirar, então é melhor morrer! Ir um po-

bre diabo a pé, com o saco ás costas, por umas estradas infernaes, e ver-se obrigado de instante a instante, ou a deter-se para olhar para um lado e outro, ou a perder o effeito do que está vendo pelas descripções absurdas que lhe faz o guia, é um supplicio de semsaboria.

—Admire isto, d'aqui, ó senhor!

—Estou admirando!

—Agora admire isto, d'acolá!

—Já admirei!

—Mas admire aqui mais debaixo!

—Então heide tornar a descer?

—Tenha paciencia; d'aqui é o melhor ponto de vista!

Quando, porém, se vae só, e eu ía só, o divertimento varía. Perguntava a cada viandante que encontrei:

—O caminho para o Cathojal?

—Por ahi adeante!

—É longe?

—Logo ali!

As respostas d'estes generosos desconhecidos, comquanto um pouco obscuras, eram unicamente claras n'uma coisa,—e é que o ultimo a quem eu perguntava apresentava-me sempre o termo da jornada como mais longe do que o antecedente, de onde cheguei a concluir que, em vez de andar, ía a recuar!

Finalmente, porém, o Cathojal deixou-se ver, e, chegado áquella doce elevação, receei apenas o trium-

pho trivial de todos os viajantes que trepam a uma grande altura para gosarem dos pontos de vista, que é metter-se-lhe um argueiro n'um olho, e não verem nada! Graças á sorte, não me succedeu assim, e a primeira coisa que eu vi foi a amavel familia que me obsequeiava, e um rancho de senhoras e homens que ali passavam tambem o dia. Eu tinha o prazer de conhecer uma grande parte dos convidados, e ao encontrar a familia Abranches, a familia Guerra, e a familia Gallo, vi logo que a festa se preparava de uma alegria extrema.

O sol n'esse dia esteve de accordo com as nossas intenções, e deixou-nos passear toda a manhã, na mais regalada serenidade. Cantou-se em pleno campo, recitaram-se versos, contaram-se historias, sentados n'um monte; depois, ao pé da fonte, fizeram-se ramilhetes, discutiu-se a linguagem das flôres, brincou-se, riu-se, divertiu-se a gente com a innocente alegria campestre, sem fallar em nenhum ministro, sem maldizer de nenhum governo, de nenhuma instituição, e, o que é mais raro, de nenhum amigo.

A uma hora rasoavel, — a hora rasoavel de jantar no campo, é ás tres horas — ouviu-se tocar uma sineta, soltou-se um grito de satisfação, ergueram-se todos, deu-se o braço ás senhoras, abriram-se os chapéos de sol — no campo, de manhã, faz-se sempre isto, ainda que não haja sol! — e lentamente, festivamente, ruidosamente, encaminhou-se a linda romaria até ao paço do Cathojal.

Era tudo gente moça, a melhor gente do mundo, não para amar, mas para viver: a edade das paixões, como costumam chamar-lhe, não é senão a edade das phantasias; é a epoca dos namoros, mas não do amor; o amor vem mais tarde; quasi sempre o conduz a tristeza, e a aspiração de almas que principiam a dispensar as vaidades d'este mundo e as folias d'elle, e que ambicionam um sentimento que não tenha o vôo tão rapido, que não fuja como a primavera, andorinha mais inconstante ainda do que as que traz comsigo! Não deseja ninguem o amor: é um funesto mal; a sua força, a sua seriedade, perde-nos: a andorinha deixa-nos com as flores, elle fica sempre!

Por isso, o melhor para passar a vida, é ser alegre, ameno, attencioso, agradavel, ligeiro, tudo menos apaixonado. Ahi está por que se passou tão bem aquelle dia do Cathejal! Todos se estimavam, e não havia ciumes de ninguem! Isso sim, que foi dia!

Ao entrarmos na quinta, tivemos uma surpresa encantadora. Estava posta, ali mesmo, uma extensa mesa, — uma d'aquellas mesas sem fim, de que nos falla a descripção da ceia com que Asuero obsequiou Esther! — refulgente de crystaes, de flores, de fructas, de porcelanas; uma scena encantada, um conto de Archim de Arnim, uma pagina de Galland, uma hora do Oriente! E rompemos em vivas, e em acclamações formidaveis, ao passo que, ao sentarmonos, subiu aos ares uma girandola de foguetes, que

as bandeiras de todas as nações,—que estavam em estylo de toldo sobre as nossas cabeças!—pareceram querer acompanhar, tremulando á flor da brisa! O jantar principiou como um capricho, e proseguiu como um sonho; via-se o que se estava a ouvir, ouvia-se o que se estava a ver, n'um sonho melodioso; dir-se-hia terem-nos dado opio, ou algum elixir sonoro, que perfume as almas! O serviço, que era mais que admiravel para um jantar de Lisboa, era um absurdo sublime no Cathejal! Cem pratos, uma tempestade de Champagne, florestas de charutos havanos, licores que valiam poemas, café que valia o mundo!

Aquelle monte do Cathejal tornou-se um Eden; aquella casa parecia o navio da salvação, que olhava do alto se a terra podia receber e conservar todos os bens que ali havia! Dir-se-hia, no fim do jantar, quando desceu o piano para a quinta, e as senhoras passaram correndo debruçadas sobre o seu par, dir-se-hia que era a arca de Noé, parada sobre as montanhas deixando fugir em bandos as suas aladas embaixadas, em procura do mundo!

Sentia-se abril n'aquella festa; abril, que é o mez da esperança e das promessas; abril, a que os antigos deram a invocação de Venus! Uma seiva de alegria circulava nas veias das plantas, e no coração das pessoas: o luar prateava a quinta: todos se procuravam, e iam uns para os outros: estar contente um dia não é porventura muito, n'um mundo em

que não se vivem mais que dois? Era um hymno, visivel e melodíoso, á mocidade, que se attestava por flores e cantos! Plinio o antigo não chegou nunca a dizer-nos onde nasce e como se cultiva uma flôr de que, diz elle, se serviam os magos para fazer coroas, que tinha a côr do oiro e do sol, e desabrochava no principio da primavera; coroas eram ellas, que tinham o poder de dar felicidade a quem as trazia. Eu pensei n'essa flôr, em quanto olhava as nossas lindas companheiras d'esse dia, e quasi julguei, pelo seu jubilo, que houvessem encontrado a flôr de condão. Mas, não. Era simplesmente a coroa da innocencia e da esperança, a sua aureola; ainda bem, ao menos: quantas fazem da esperança um enfeite que lhes cobre os olhos; ellas, fizeram apenas um diadema! oh! felizes, felizes, dançae, sorri, brincae! A felicidade é isso; a felicidade... é julgar que a ha!

Á meia noite, acenderam-se os archotes, apparelharam-se os burrinhos, e despedimo-nos cheios de saudades d'aquella casa, d'aquella familia, e d'aquella festa: á proporção que nos affastavamos do Cathejal, o tempo parecia callar-se, tudo era silencio n'aquelles campos; e o silencio depois d'uma festa é horrivel, — parece a voz do esquecimento! Não o era em nós; todavia, não o será jámais, que nos recordaremos sempre d'aquelle sitio, e d'aquelle dia!...

QUANDO VOLTEI Á NAZARETH

QUANDO VOLTEI Á NAZARETH

I

Não tenho experimentado n'este mundo quasi nenhumas coisas boas, mas, em compensação, ufano-me de ter provado de quasi todas as más. Pois bem! De todas as coisas causticas, tolas, prejudiciaes, e ruins, que eu conheço, nenhuma chega a um desgraçado, que, por ter horror á solidão, viage com um companheiro de gostos diametralmente oppostos aos seus, que lhe cante ao ouvido bocadinhos do *Trovador*, vá na diligencia a cortar as unhas, fume cigarro, e lhe queime o fato, faça gala de dizer mal das senhoras, e o affaste a todo o momento da paisagem e estudo de costumes, para andar a correr atraz da relva, dos mineraes, e das borboletas!...

Um companheiro de viagem! Mas, sabeis o que isso é? No primeiro dia, como vem folgado de pales-

tra, dá-nos uma furiosa massada a narrar os ultimos acontecimentos da sua curiosa existencia, pondera as mais leves bagatellas, aperta-nos o braço para nos consultar, e cobre-nos de perdigotos nas passagens da sua conversa, em que figura dialogo, o que o obriga... a fallar por dois! No segundo dia, principia a sacar da sua erudição as joias mais acreditadas, e ahi o temos a recitar *o Veterano*, de Palmeirim; a *Minha Patria*, de João de Lemos; e o *Ave-Cesar*, de Mendes Leal! Á noite, faz-nos ceiar á hora que lhe parece, e quando acabamos de escrever uma carta extensa, elle proprio nos offerece a areia, com o simples inconveniente de se enganar... e vasar o tinteiro por cima do papel! Depois do chá, agarra um homem no seu livro para se entreter um pedaço antes de dormir, mas o companheiro tem a mania de espevitar a vella, ou de mecher no candieiro, e está sempre a apagar a luz! Vae o infeliz deitar-se, mas o outro gosta de passear de noite pela casa, tossir, assoar-se, cantar os trechos seus predilectos, imitar a voz do sr. Theodorico n'uma tirada pathetica, e roncar desaforadamente tão depressa pega no somno! Depois, de madrugada, o companheiro põe-se a pé, abre a vidraça para gosar da manhã, lava os dentes com a nossa escova, e para se entreter põe-se a ler as cartas que nos são dirigidas, e que deixamos á cabeceira!...

Até ao nosso tempo, os companheiros de viagem eram todos assim, e nenhum se dava á singularidade

de abrir excepção: veio porém ao mundo um homem destinado a salvar a reputação d'estes individuos, dotado das qualidades amaveis de um caracter condescendente e delicado, e a sorte reservou-o para mim, offerecendo-m'o para socio de viagem, e consentindo que partissemos juntos *bras dessus bras dessous*, sem outra bagagem senão uns alforges, a nossa amisade, e um frasco de genebra!...

Entramos na diligencia do Carregado ás Caldas com uma sociedade talvez das mais pittorescas; infelizmente, como fazia vento, estavamos todos com argueiros nos olhos, o que nos impediu quasi toda a jornada... de nos vermos uns aos outros!...

—Que tristeza! exclamavamos todos. Que infelicidade! Fataes argueiros!...

—Fataes argueiros! tornavamos em seguida a exclamar. Que infelicidade! Que tristeza!...

—Que tristeza! exclamavamos depois. Que infelicidade! Fataes argueiros!!!

De repente, porém, serenou o vento, e a natureza apresentou o aspecto mais risonho. Já não havia argueiros, já não havia exclamações, já não havia senão esperança e jubilo.

O meu companheiro disse-me:

—Que lindo dia! Vê como o campo parece sorrir para nós!...

É verdade, meu amigo! repliquei eu, acabando de esgravatar os olhos. Como o campo parece sorrir para nós!

—Observemos a natureza!

—Observemos!

N'esta occasião, a diligencia parou, e um sugeito que se apeou de um burrinho, veio para a nossa estimavel companhia, depois de agarrar das mãos de um laponio, que o acompanhava, um saco de chita escarlate e uma grande almofada de vento. A diligencia proseguiu regularmente no seu caminho, e o nosso homem, que era um velho, alto, magro, amarellento, e esquipatico, principiou por sua conta e risco a fechar os postigos, sem outra cerimonia que a d'estas palavras:

—Hão de me dar licença!

Fechou todos.

O meu companheiro empallideceu, e perguntou-lhe cheio de veneração:

—O senhor não gosta de admirar a natureza?

—Muito!

—Então para que fecha as janellas?

Uma pausa.

—Para que fecha o senhor os postigos?

—Os meus padecimentos!

—O senhor padece... de postigos?

—Sou cachetico!

—Que?

—Sou cacochymo!

—Hein?

—Nada mais.

Ficámos silenciosos todos. Elle principiou a asso-

prar, na escuridão, a almofada de vento. Um pequeno, que ia na diligencia, achou curiosa esta invenção, e puchava pela almofada, fazendo-lhe perder o ar á medida que o velho se esforçava por ter força de a encher. A mãe, que era uma dama de bochecha espreguiçada e nariz espansivo, olhava com enternecimento para a diabrura do menino, e acompanhava os gestos de impaciencia do esgalgado ancião com ponderações amantissimas sobre os encantos da innocencia e a fraqueza das edades curtas! O velho já estava roxo de assoprar debalde, e a extremosa mãe tudo era querer convencel-o de que em consequencia dos costumes modernos, já não havia fórma de ver a natureza senão na infancia! O velhusco viajante, n'uma attitude derrengada, não pôde conter-se sem um furibundo gesto de arrancar ao rapaz a melhor das suas orelhas.

— O senhor, pelo que estou vendo, não acha encanto nestes brinquedos infantis?

— Nenhum!

— Mas, que póde ter contra as creanças?!

— Acho-as... muito pequenas!...

— Pois olhe, meu querido senhor, estou certissima que se alguem fosse perguntar a quantos facinorosos, estão presos nas cadeias do Limoeiro pelos seus crimes, se gostam de creanças... todos me responderiam immediatamente que não, como o senhor!...

Não se descreve a cara de tolo com que ficou o

caduco heroe da almofada, resmungando por entre dentes:

—Facinoroso! Eu! facinoroso!...

Chégámos ás Caldas da Rainha, quasi tão cachecticos como o provecto inimigo das creanças.

Já tudo estava em alvoroço, e em attitude de partida. Ranchos e ranchos, cavalgando em seus burrinhos, seguiam pela estrada real. Eram familias que queriam chegar á Nazareth a horas de ouvirem ainda estalar o primeiro foguete!

Eu fiz como elles; montei n'um burrinho, e continuei jornada.

A romaria ia alegre: eu, não. Á proporção que nos aproximavamos da Nazareth, arrependia-me eu de lá ter voltado. Que differença, para mim, do outro anno! Porque me pareceu tudo triste, desta vez!? Diz Shakspeare que os rochedos são eloquentes. É bem verdade! Que de tristes coisas encontrei escriptas com o musgo naquelles cadernos de pedra! Hiam diante de meus olhos as esperanças, as alegrias, e os confortos, de uns certos dias, que nunca mais voltarão; que é de tudo isto agora? Porque motivo, á medida que a gente passa, vem a experiencia seccar o rio de joias, que a nossa illusão creára? Sorte dos sonhos! sorte da felicidade! sorte da vida!...

Era de madrugada, quando eu cheguei... Lá em cima, no chamado *sitio,* com que tanto gracejei da outra vez, já principiavam a atirar-se os foguetes,

apesar da manhã ir apenas ainda a romper. A areia redemoinhava deante de mim, capaz de se erguer como um povo, tomar vòz, e revelar-me os segredos e tristezas novas daquelle logar! Insensivelmente, humedeceram-se-me os olhos de lagrimas, e perguntei á solidão:

—Que é delle?

Nenhum ecco me respondeu: apenas o mar parecia entoar grandes lições nas suas ondas, e o orvalho da aurora caía em perolas sobre a rocha... Oh! pobre Malhão, como eu estremeci nesse instante, e como a minha alma perguntou inquieta a Deus:

—Mas, o que é o orvalho, Senhor?

É da terra que elle sobe? É do céo que desce? Se fosse a alma do morto... que fugisse, de noite, das suas estrellas... para visitar as praias... e os valles... de que houvessem gostado outr'ora? Se fosse... Elle?...

E as girandolas de foguetes subiam aos ares, deslumbrantes e ruidosas. Já a musica principiava, a tocar e as vozes festivas de centenares de romeiros vinham rolando com o vento do alto dos rochedos até á baixa da praia.

De que lhe serviu, a elle, a gloria?—dizia eu. Em que póde ella consolal-o depois de morto, se não soube consolal-o em vida,—flor de cemiterio, que não tem perfume se não para a noite!?

E fui repetindo a traducção dos versiculos do psalmo *Domine, quid multiplicati sunt, qui tribu-*

lent me? que elle nunca chegou a publicar, mas que eu possuo:

Por que fim se multiplicam
Os que me querem tragar?
Tantos se armam contra mim,
Que sem vida irei ficar.

. . . .

. . . .
A ti clamei: minha voz
Desatei entre gemidos;
Desde os cumes de Sião
Meus rogos foram ouvidos.

Descançado em ti, ao somno
Os meus olhos se entregaram
Do fundo somno accordei;
Teu braço ali respeitaram.

De aguerridos esquadrões
O furor não me intimida:
Eia, Senhor, tu me ampára
E a turba será vencida.
. . . .

Vencido n'este mundo, foste-o tu, poeta! A gloria e a felicidade são inimigas; é preciso escolher uma, ou outra; ter ambas não póde ser. Ha livros, que contam, haver existido nos campos uma planta consagrada aos encantamentos de Medéa; os cães do rebanho morriam d'esse veneno, e os lobos pu-

lavam de contentes; era, pelos modos, uma flor elegante, mas sem perfume, nem verdura em redor da haste; contam que tinha a côr da primavera, e que presagiava o outono, e accusam de tão subtil o veneno que continha, que até fazia mal estar ao pé d'ella... É assim, tambem a gloria; felizes os que não a teem!

Subi triste toda a enorme ladeira que conduz á villa. Com que alegria a trepára eu o anno antecedente, por ir vel-o: era a amisade, o jubilo, o anceio, a esperança; folhas que crescem: depois, quando me apartára, e lhe ouvira dizer ao abraçar-me: — «Tenho o presentimento de que este é o ultimo anno que virei á Nazareth!» veio logo o susto, a melancholia, o agoiro; folhas que murcham: e agora, ao lembrar-me que elle já partiu da terra, saindo d'este relampago da vida, que se accende entre duas nuvens egualmente sombrias, o nada de onde se chega, e o nada para onde se vae, senti a saudade, o pranto, a angustia; folhas que caem!...

Lá em cima, no *sitio*, tudo era festa! A mesma multidão, a mesma impaciencia, os mesmos cyrios; o da Prata Grande, com a simples differença de ir o padre a cavallo em vez de ir de sege, como é de uso; o de Obidos, o das Caldas, o da Ericeira, que sei eu?! E depois, os jogadores de pau, as mulheres do adro, os padres a negociarem missas, e as romeiras mais tafulas com uns chapéos em estylo de jarra de flores, todos cheios de rosas, jasmins,

perpetuas, dhalias; e na praça de toiros uma mulher a farpear mettida n'uma dorna, e o publico em medonha vozearia, a gritar-lhe que se puzesse a pé; atira o boi com a dorna pelos ares, rebola a mulher pelo chão, levantam-a e lhe sacodem o seu corpete de veludilho, mais a sáia curta e vermelha do seu traje de pastora de leque, e como ella não estivesse já resolvida a ir de novo ao encontro do toiro, o publico, n'uma ferocidade digna do circo romano, desaba às trincheiras com os varapaus e os ouvidos com a gritaria, e um dos homens de forcado agarra-a como se fosse um boneco, segurando-a pela cintura, e, por mais que a mulher esperneie, principia a mettel-a á cara do boi, como se ella propria fosse... uma farpa!... Depois no theatro, o mesmo D. Fuas Roupinho em dois actos, em vez de um só! Fuas Roupinho, crescido, augmentado, Fuas Roupinho... com cugulo! de mais a mais, para maior raridade, não se deu á peça epilogo, mas prologo! o acto novo é o primeiro! d'onde se prova evidentemente que se póde accrescentar uma coisa... pelo principio! Depois, ao acabar o theatro, ahi correm para a praça aquellas trinta mil creaturas avidas de rodinhas de fogo, em quanto as banhistas da praia ou as forasteiras elegantes, com o seu traje á Garibaldi e os seus chapéos de peregrinas, voam para a varanda da grande casa da Nazareth. Ali se conversa, se observa, se admira, e se ama, em presença de um foguete de lagrimas, symbolo talvez

da condição caprichosa, ora festiva, ora triste, da existencia humana, que toda passa entre lagrimas e foguetes!

No centro de toda esta multidão, de todo este *mare magnum*, um homem, um só homem, apartado, desamparado, isolado, atreveu-se a um grande crime, um d'estes crimes que opprimem a imaginação, e a consciencia, a devoção, e a alma; — roubou a Senhora de Nazareth!

Era um homem velho, esse homem; um homem de sessenta annos. Tinha mulher, tinha filhos, tinha amigos, e, por occasião das festas, separou-se dos amigos e da familia, montou n'um macho, e partiu. Um dia inteiro, um longo e interminavel dia de anciedade, de sobresaltos, de expectativa, conservou-se na egreja, atraz do orgão, onde permaneceu escondido: quando acabou a festa, o povo sahiu, o sachristão revistou o templo, e as portas se fecharam. Depois, roubando a prata e as joias pouco a pouco, ia subindo á torre, descia por uma corda sobre um telhado, tornava a subir depois, tornava depois a descer, e não hesitou, e não se assustou, e não tremeu, ao que elle proprio confessou depois, senão quando a sua mão sacrilega arrancou da cabeça da virgem o seu diadema explendido!

Um macho o esperava; o mesmo macho em que elle viera da sua terra, quando, já montado, deitára a benção a sua filha, e dissera adeus á sua casa! Um macho renitente e esquivo, que viera rebelde

todo o caminho, e que esperava pelo dono n'uma impaciencia agoureira. Hia carregar-lhe o roubo, — os castiçaes, as joias, o resplendor, o calix, mas pareceu-lhe tarde para partir, e escondendo o roubo na areia, reservou a marcha para a outra noite.

A noticia espalhou-se logo. A Nazareth agita-se em gritos de horror e de castigo. Pedia-se a vida do sacrilego, como primeira expiação do sacrilegio. Elle andava perdido entre as turbas, a ouvir em redor os clamores da vingança terrestre. Mas, não tinha medo, porque a noite protegera-o, e á hora em que elle puzera em acção o pensamento horrivel que o levára ali, toda aquella gente fatigada de dançar, cantar, resar, jogar o pau, e beber, estava dormindo nas estalagens, nas tascas, nas barracas, nas casas de romagem; ninguem o vira, ninguem o adivinhára, não o suspeitára ninguem; apenas o seu macho parecia arguil-o, e querer fugir-lhe, o pobre animal! Aquella multidão que o cercava, murmurando, exprobrando, invocando a punição de Deus, e dispondo á colera e á vingança a justiça da terra; aquella multidão via-a elle pisar a areia debaixo da qual estava escondido o roubo!

N'essa noite, quando tudo se aquietou e toda a gente desappareceu, o criminoso foi-se á areia, desenterrou a prata, carregou o seu macho, e poz-se de partida. Ha um sitio, ao sair da villa, onde se encontram duas estradas; elle quiz seguir por uma, o macho insistiu pela outra; debalde o incitou, de-

balde puchou pela arreiata, debalde lhe bateu, — o macho teimou pela estrada real, e não houve forças que o affastassem d'ella. O homem confessou depois, que tivera o impeto de o matar. O povo, mais tarde, viu na insistencia do pobre animal um milagre da Virgem.

Haveriam feito duzentos passos, quando dois homens que estavam escondidos atraz de um vallado, esperando e espionando, disseram entre si:

— Vem um homem pela estrada, com uma besta carregada!

— Deixa-o chegar!

O homem chegou: elles saltaram-lhe ao caminho, e perguntaram-lhe d'onde vinha.

— Da Nazareth! disse elle.

— Ouviste que roubaram a egreja?

— Ouvi.

— O que levas ahi n'esse macho?

— O que não te importa! respondeu continuando a andar.

N'este momento pareceu-lhes ouvir o tenir de prata; lançou-se um dos homens sobre o macho, e descobriu os alforges; ambos depois se arremeçaram a elle, que lhes disse apenas:

— Matem-me antes!

O criminoso foi conduzido para a cadêa de Alcobaça, e enviado depois para Lisboa, d'onde embarcou a seguir degredo. Quando vinha pela estrada real acompanhado pelos soldados, houve uma occa-

são em que se deteve fixando o olhar sobre um ponto que ficava ao longe.

—Que é? perguntaram-lhe os soldados. Ande para deante!

—Ali, n'aquelle cabeço, disse elle indicando um logar em que se avistavam umas casinhas brancas cercadas de verdura, ali é a minha terra, é a minha casa, onde nunca mais entrarei!

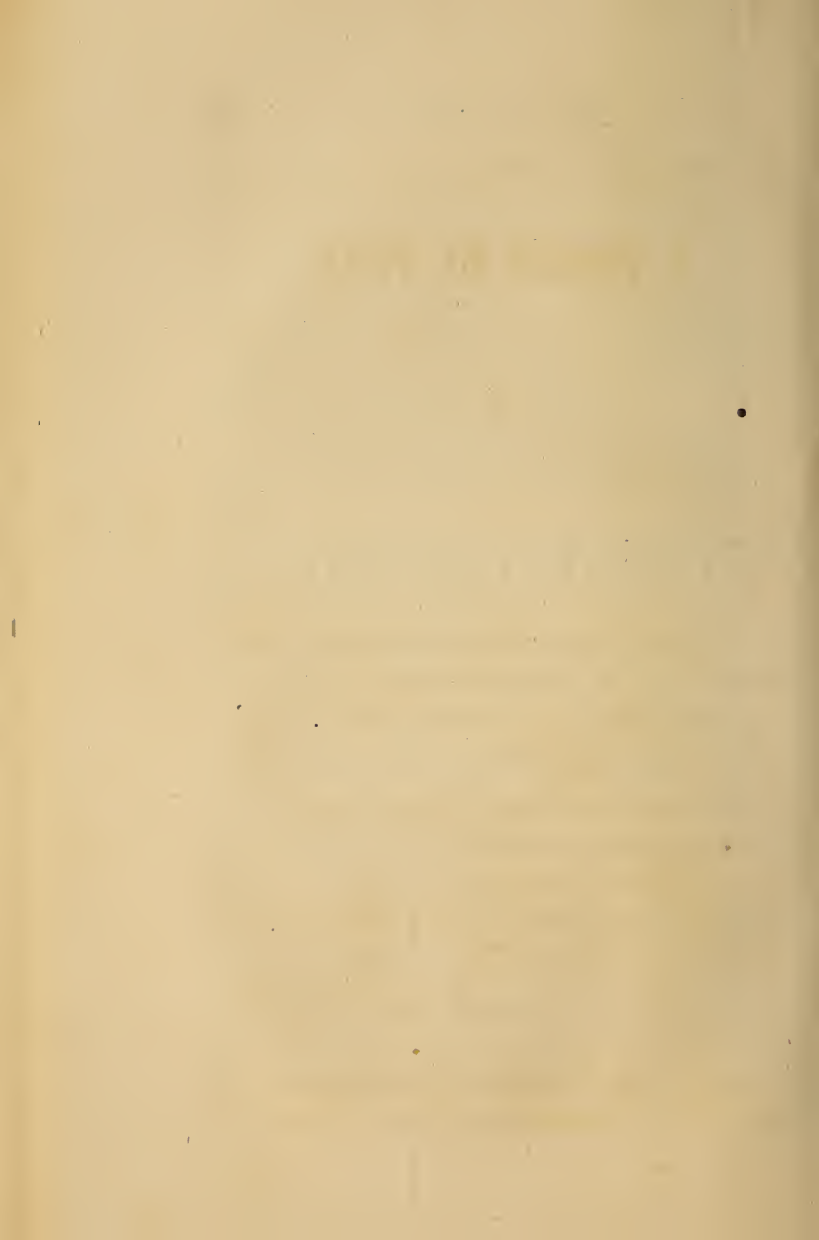
—Caminhemos! disseram os soldados. Como póde você, só, e n'essa edade, aventurar-se a tamanho crime?

Elle olhava ainda para as casinhas brancas do cabeço, e respondeu apenas:

—Desgraças!

Emquanto ás romarias, tão depressa chegou a noticia de estar capturado o criminoso, foi um jubilo supremo! Não se ouvia senão o grito religioso que proclamava o milagre! A voz popular resoava em clamores de alegria! Nunca tantos foguetes se cruzaram nos ares! Todos corriam ao templo a louvarem a Virgem; e um perfume de religião e de amor divino se elevava ao céo!

Depois, no fim de tres dias, toda aquella multidão que chegára nas vesporas cheia de bulicio e de goso, como um bando d'aves em procura dos climas da vida, partiu melancholica e scismatica, como andorinhas que se ausentam por entre os nevoeiros dos primeiros dias de inverno!

O PEQUENO DA PRAIA

O PEQUENO DA PRAIA

I

. . . .
. . . .

—O que? O que!... dizia eu admirado. Pedrico não é filho do sr. Xavier da Fonseca?!

—Não, senhor! respondeu com orgulho o camponez. Pedrico é meu filho.

—Oh!

—É uma historia muito comprida, essa!

—Porque não m'a conta?

—De muito boa vontade!

Sentámo-nos á sombra de uma maceira; e elle começou assim a sua narrativa:

II

Ha doze annos, Giraldes era simplesmente uma pobre terra de pescadores, onde quasi ninguem vi-

nha tomar banhos do mar. As estradas eram ainda peiores, a móda levava o madamismo para a Nazareth, e as pessoas que iam a Peniche não se lembravam nunca d'esta humilde praia. A casa de azulejo, que é como aqui se costuma chamar a habitação do fidalgo, estava sem gente desde a morte do seu ultimo proprietario; e os habitantes do logar não tinham visto nunca um senhor fino, e ainda menos uma dama da côrte.

Inesperadamente, uma tarde de julho, entrou em Giraldes um carro armado. Julgará o senhor da admiração de cada um! Estava todo o povo ás portas; as creanças gritavam como selvagens; o proprio regedor escancarava os olhos, e imaginava pelo menos, que era a pessoa do rei que vinha ver o sitio!...

Dentro do carro vinha um sujeito dos seus cincoenta annos, e uma senhora que tinha ares de ser sua esposa; mais duas meninas, uma das quaes, a mais moça e bonita, vinha pallida como morta.

N'outro carro atraz vinham as criadas sentadas nas bagagens, e a cavallo os criados de libré. Um d'elles, n'uma occasião em que serenou a chiadeira dos carros, perguntou á multidão onde era o caminho para a casa de azulejo; todas as vozes responderam ao mesmo tempo, todas as mãos fizeram o mesmo signal, e os cavallos partiram a galope, deixando toda a gente preza de uma curiosidade, de uma admiração, como não se torna de certo a dar o caso novamente!...

Mas, um pescador, que desde o principio da scena parecia querer reunir as suas reminiscencias, exclamou de repente.

—Ah! já sei! Ah! que já sei! Ai! agora é que eu sei!...

E como era o qual lhe havia dirigir mais perguntas, elle proseguiu:

—É o sr. Xavier da Fonseca, negociante que enriqueceu no Brazil, e que voltou ha dois annos a Portugal.

—E a senhora que ia sentada ao lado d'elle?

—Vem a ser a mulher.

—E a menina pallida?

—É a filha, chama-se... ora esperem, assim á moda de Eugenia... é isto mesmo! Chama-se Eugenia!

—E a outra... a outra menina?

—É como quem diz mestra, mas d'ella só.

—Mas para que veem elles para aqui? Mas que veem elles cá fazer? Mas como? Mas por via de que?

Desta vez, não foi já o pescador que respondeu; foi o velho jardineiro da casa, que passava apressurado pela praia, e que, por vontade ou não, teve de dar as mais amplas explicações: que o sr. Xavier da Fonseca era grande amigo do conde, e que o conde lhe havia cedido até ao outono a sua casa de Giraldes; que a menina hia tomar banhos do mar; que se resolvera isto por ordem dos medicos; que estava extremamente doente, etc. etc.

Apesar d'estas noticias, o povo de Giraldes conservou-se em grupos até deshoras. Já aqui tem chegado de Peniche o rumor de duas revoluções, e, póde acreditar-me, nunca foi peior do que isto!

Em quanto a mim, assisti ao parar do carro, e estive a ver tudo com o meu Pedrico pela mão. Elle tinha então nove annos, e sem ser para nos gabarmos, minha mulher e eu, mas sempre aquillo era a mais bonita creança que tem visto o sol!

Tinha os cabellos da côr do oiro quando é novo; uns olhos azues em que se via o céo; a pelle tão branca que fazia gosto encostar-lhe um dedo para fazer brotar ali uma rosa vermelha; e depois o ar tão terno, o sorriso tão meigo a cavar-lhe nas faces umas covinhas proprias para encher de beijos!

Era um anjinho! Não lhe faltava senão azas! Não se vira nunca n'aquella idade um juiso assim; e depois, tinha no coração d'estas coisas que as creanças não teem nunca, e os homens raras vezes: sabia recordar-se! sabia estimar!

Haviamos tido o infortunio de perder uma filha aos dezeseis annos; Pedrico tivera tanta pena como nós. É verdade, que segundo o costume no campo, era a sua pobre irmã, que a maior parte das vezes andava com elle ao collo, quando era pequeno, e nós hiamos para o trabalho; tinha sido ella que havia guiado os seus passos, cuidado da sua infancia, adormecido as suas dores, e dado estimulo ás suas alegrias; tinha sido para elle uma verdadeira mãe, sem-

pre prompta para brincar e para sorrir; mas acontece o mesmo com todos os irmãos, e todavia ia apostar que nenhum seria capaz de se portar depois como o Pedrico. Desde os primeiros dias da doença da nossa querida Catharina, elle desertou dos prazeres da sua idade, para estar sempre á cabeceira da irmã; tentámos debalde afastal-o quando a mãe peiorou. Contar-lhe como elle fallava, como lhe dava animo, como a consolava, seria impossivel. Quando ella nos faltou receiamos que elle morresse tambem. Chamava por sua irmã com uma vozinha afflicta, e quando se fechou o esquife pediu para tornar a ver Catharina, supplicou isto de tal fórma, que fez entreabrir o lençol. Ajoelhou então em silencio, e com a cabeça inclinada e os olhitos extremamente abertos, olhou para ella muito tempo, como se quizesse firmar para sempre na memoria a pallida imagem da defunta. Depois ergueu-se de repente, e d'um tom de voz que ainda sinto ao ouvido.

—Minha irmã!—disse: Nunca me hei-de esquecer de ti! Vamos ao cemiterio agora!

Se as lagrimas podessem contar-se,—e talvez os anjos de Deus as contem lá em cima!—ter-se-hia facilmente a prova de que a creança chorou tanto como o pae e a mãe! Veio depois uma longa doença e Pedrico esteve a ponto de ir reunir-se a Catharina. O céo fez-nos presente d'elle; mas, uma poderosa tristeza parecia haver ficado gravada no seu olhar, na sua voz, no seu sorriso. Todas as noites

antes de adormecer, não deixava nunca de lembrar na sua reza o nome de Catharina. Durante o dia e a proposito de tudo, dava-se ao prazer amargo de m'a recordar a cada instante. Era uma doce melancolia que tinha na alma.

Tornava-se preciso narrar-lhe tudo isto, senhor, para intender bem o que vae passar-se:

Quando chegou a Giraldes o sr. Xavier da Fonseca, creio que já lhe disse, Pedrico estava a meu lado entre a multidão. Para dizer o que é certo, a curiosidade geral tinha-se apoderado de mim, e havia já um instante que eu não prestava attenção ao meu pequeno. De repente, puz os olhos n'elle. Parecia enleado n'uma commoção extraordinaria, e pelas faces de assustadora pallidez lhe rolavam grossas lagrimas.

—Oh! meu Deus! exclamei: que tens tu Pedrico?

Pareceu não me ouvir, e ficou immovel, com o olhar fixo, e o pescoço a alongar-se na direcção em que acabava de desapparecer o carro.

—Pedrico! repeti eu, cada vez mais inquieto; mas que tens tu?

—Não viu aquella menina, pae? disse elle emfim?

—Vi, e então?

—Viu, reparou que se parecia com alguem?...

—Com quem?

—Quando a vi, cuidei que era minha irmã Catharina que voltava.

E a creança, como tomada de uma commoção su-

bita, principiou a tremer; depois soluçando, caiu-me nos braços.

Levei-o para casa, chamei Margarida,—é o nome de minha mulher—deitámol-o na sua caminha e como não ha medico no logar, puzemo-nos a tractal-o o melhor que podémos.

Não tardou muito que socegasse: fez-nos signal para o deixarmos em socego, e pareceu adormecer, mas um sonho estranho, com a bocca entreaberta e os olhos fixos no tecto.

—Catharina! murmurava de vez em quando, e em tom tão baixo, que dir-se-hia fallar a um phantasma: Catharina... ainda és tão branca como a ultima vez que te vi no teu lençol? És tu Catharina? És realmente tu, minha irmã?

E parecia feliz, sereno, encantado como se estivesse olhando por uma janella do paraiso.

—Deixa-o, disse Margarida, levando-me do quarto. Está a sonhar!

—Que importa! retorqui eu. Tudo isto me inquieta, e vou chamar um medico!

Parti a correr para o logar de Santa Quiteria, onde morava um facultativo. Em quanto a Margarida, ouvia-a murmurar com ar pensativo:

—Diz-me o coração que para a doença de Pedrico só Deus póde valer-lhe; vou rezar ao pé do tumulo da nossa filha.

Quando trouxe o medico—e mais eu seguira, se é que não precedêra o trote largo do seu cavallo—

encontrámos Margarida louca de desespero e de terror. Ao voltar do cemiterio subira ao quarto em que tinhamos deixado a creança; o quarto não tinha ninguem.

—Perdemol-o para sempre! suspirava a pobre mãe afflicta. Sua irmã Catharina estava aqui ainda ha pouco... Elle bem a via! Tel-o-ha levado comsigo!

Pouco faltou para eu participar da supersticiosa afflicção de Margarida. Felizmente o medico fez-me observar que a janella estava aberta, e que por baixo da janella, onde trepava uma pereira, havia signaes de pés pequenos na terra revolvida de fresco de um dos alegretes.—Socegue, bom homem! dizia-me elle. Aqui está vendo que a creança tem pé leve, e que até se encontrar ou voltar nada tenho que fazer aqui. Eu estava já no jardim, com a cara encostada á terra, para ver se ia na pista de Pedrico. Margarida corria para um lado e outro. Duas horas depois voltavamos ambos, mas de cabeça baixa e olhar aterrado. Nenhum de nós havia encontrado a creança, e não pensavamos sequer, o que era feito d'ella. Esperamos toda a tarde entre angustias e temores que não se podem descrever. Ia saindo a noite... e nada, ainda nada! De repente ao dar das Ave-Marias abriu-se a porta devagarinho e Pedrico entrou! Já vinha outra vez com a côr e o olhar vivissimo que lhe eram proprios: simples, sereno, alegre; dir-se-hia que nunca houvera tido melhor saude, que n'aquella noite:

—Ó rapaz da fortuna! exclamamos nós, Margarida e eu. D'onde vens tu? que fostes tu fazer?

Poz um dedo sobre os labios, e respondeu:

—Fui dar as boas noites a Catharina!

—A Catharina?

—Á menina pallida, que mora na casa de azulejo. Escondi-me atraz da latada das hortensias. Ninguem podia dar por mim. Ninguem! Esperei muito tempo, até que ella chegou á janella... Continuei escondido, e principiei a olhar, a olhar com um prazer tão intenso, que não reparei que chegava a noite. Apenas quando já não via senão o vestido branco, é que me lembrei de voltar para casa. De mais a mais ella recolheu-se e fechou a janella.—«Boa noite, murmurei eu então em voz baixa. Boa noite, Catharina!» Depois voltei. Eis tudo. Perdoe-me meu pae. Minha mãe perdoe! Dei-lhe cuidados, mas fui tão feliz!

Pobre creança! Nenhum de nós teve animo de lhe ralhar. Minutos depois, estava já adormecido, tranquillo e angelico. Um sorriso fresco e suave lhe voltejava nos entreabertos labios. Apenas ao canto das palpebras fechadas havia uma lagrima, similhante áquellas gotas d'agua que tremeleam sobre as flores depois da chuva. Margarida e eu, sem saber porque, choravamos tambem.

N'este ponto da sua narração, Rodrigo—era este o nome do pae de Pedrico—fez uma pausa.

Havia já alguns minutos que a commoção, que lhe opprimia a voz, pareceu extinguir-se de todo.

Examinei demoradamente o meu rustico narrador.

Devia andar perto dos sessenta annos, mas não tinha ainda os indicios da velhice; apenas alguns cabellos brancos; algumas rugas ao canto dos olhos apenas. A sua figura, alta e bella, curvava-se um pouco, mas o rosto conservava ainda uma frescura quasi juvenil. Tinha a fronte intelligente, o sorriso de uma grande bondade; o olhar malicioso ás vezes. O que principalmente agradava n'elle, era o tom simples, sereno, e sensivel do seu todo. Ao confiar-me as suas mais santas impressões de pae, soubera encontrar phrases, acentuações, imagens, de uma distincção original, de uma poesia ingenua e caracteristica. Por baixo d'aquella casca grossa, batia evidentemente um grande coração.

Quanto a mim, aquella narrativa simples e interessante commovera-me. E depois, era á beira do mar que eu o escutava, no seio da mais encantadora natureza que se possa imaginar, e á sombra das maceiras, que, agitando-se ao sopro da brisa, pareciam querer peneirar cada raio de sol n'um scintillante pó de diamantes! O insectos perdidos na relva, as aves esvoaçando nas sebes, tudo brincava, tudo gorgeiava em redor de nós, mas suavemente, e como que em surdina. Era meio dia, á hora em que dormitam todas as creaturas livres, e em que até a vegetação faz a sesta. Por cima das nossas cabeças, no céo azul, corriam milhares de

nuvens, aqui brancas de neve, ali docemente rosadas pelo ardor do dia. Estavamos rodeados de todos os lados por horisontes admiraveis, cheios de murmurios longinquos. Por traz de nós estavam pittorescas e verdejantes collinas; diante de nós, a prespectiva infinita do mar, que scintillava levemente agitado sob ondas de luz. E tudo se espalhava em roda da arvore, a cuja sombra estavamos sentados, uma maceira em que parecia haver-se dado entrevista todas as tutinegras e pintasilgos do sitio.

Parece que estou a ouvir-vos dizer—o que! o que!

Relva alta, á beira mar! Maceiras e sebes, postas ali de proposito para servirem de leque ás banhistas!

É impossivel! A isto, responderia apenas:—Ha só um cantinho na terra, em que possa gosar-se de todas estas maravilhas, e d'este oasis abençoado por Deus—é Giraldes!...

Tornemos, porém á nossa historia.

Havia já alguns instantes que com o cotovello encostado ao joelho, e a fronte na mão, Rodrigo parecia meditar. Ergue de repente a cabeça, e espalhando em redor um olhar humido ainda, proseguiu:

—Foi n'este mesmo sitio, que o meu Pedrico teve a honra de fazer conhecimento com a familia do sr. Xavier da Fonseca, que escolhera este local como o mais solitario da aldeia. Todas as creanças do sitio seguiram esta familia no dia em que veio

ver a barraca que mandára levantar na praia; na primeira fila dos curiosos estava Pedrico, mas como receiava que elle me fugisse outra vez, acompanhara-o eu. Conforme o senhor já haverá supposto, o pequeno não ia ali para mais nada senão para ver... a menina. Aproximara-se d'ella o mais possivel, e com o corpito meio escondido, pelo tronco de uma arvore, a cabeça estendida, e o sorriso nos labios, parecia não viver senão pelos olhos. Seguro de que elle não fugiria d'ali, segui a direcção do seu olhar.

A menina tinha effectivamente parecenças com a nossa pobre Catharina, pelo menos tal como nós a viramos nos ultimos dias da sua doença, e admirei-me até de que esta similhança não me houvesse impressionado na vespera. Era, sobretudo, a mesma magreza, a mesma pallidez. Pobre menina! Dir-se-hia que estava para deixar a terra. Nunca vi creatura mais debil e doente. Mal podia suster-se em pé. A mestra e a mãe é que a amparavam. As suas longas mãos, tão brancas que eram quasi transparentes, caiam languidamente com as pregas direitas do seu vestido. Em quanto ao rosto, não se lhe via senão uma coisa, os olhos, os olhos enormes e brilhantes, rodeados de um grande circulo escuro, suavissimo, cheios de ternura e de meiguice. Tenho ouvido contar que quando nos bosques se mata uma corça, ella tem no ultimo olhar, febril e choroso, tanta tristeza, tanta saudade da vida, que ao dar-

lhe o ultimo golpe, volta-se a cara para o lado e sente uma pessoa vontade de chorar tambem; os olhos da menina eram assim. Não pense, comtudo, que era feia; longe d'isso, nada mais bonito e mais gracioso do que o seu rosto, coroado por cabellos de uma côr tão negra, que fixava ali como reflexos do sol. Olhava a gente para ella, e achava-se a pensar nos anjos.

Viu finalmente Pedrico, e olhou-o durante um instante. Elle tornou-se immovel como uma estatua, susteve a respiração, e caiu como que em extasi.

—Oh! que bonita creança! murmurou ella emfim com uma voz tão suave que parecia musica.

E deu um passo para a maceira.

No logar de Pedrico, qualquer outra creança de aldeia haver-se-hia logo assustado; mas elle, ao contrario, andou mais para diante ainda.

—Dás-me um abraço, pequenito? perguntou-lhe a menina, estendendo os braços.

Elle não se fez rogar, e saltou-lhe ao pescoço, cobrindo-lhe a cara de beijos a rir e a chorar.

—Ah! Eu bem sabia que eras tu, minha irmã... minha querida irmã Catharina!

Este impeto havia sido tão espontâneo, que a pobre menina ficara suffocada, e cambaleou como se estivesse á morte. Juntaram-se todos em roda d'elles, mas quizeram tiral-a dos braços de Pedrico, e o negocio foi mais serio.

—Não! gritava elle entre gemidos misturados de

gritos de alegria. Não! Encontrei-a, emfim, e não quero separar-me d'ella nunca mais!

A pobre menina pôde finalmente ter voz, e foi para pedir que não contrariassem mais a creança. Depois, fazendo-o sentar ao seu lado, na relva, interrogou-o sorrindo. Pedrico então disse coisas... Ih Jesus, senhor, só de me lembrar d'isso já estou com as lagrimas nos olhos! Elle persistia na sua illusão, e ralhava com ella por haver estado tanto tempo ausente, depois, quisilando-se por ella não querer recordar-se, contava-lhe a doença de Catharina, a sua ultima hora, o enterro, a magoa que todos haviamos tido. E dizia tudo tão gentilmente, tão palpitante de ternura e alegria, que a donzella, ainda que sem comprehender, pareceu commovida.

Consegui fazer-me ouvir, e ali se explicou tudo.

—Pobre anjinho! disse a donzella no fim, com a physionomia enternecida.

E tomando nas brancas mãos a loira cabeça de meu filho, abraçou-o ella tambem.

—Ah! disse Pedrico com um ar de triumpho.

Ah! bem vêem que sou seu irmão!

E agarrando-se-lhe ao pescoço, acrescentou como louco de prazer:

—Morro por ti!

Correram lagrimas pelo rosto pallido da donzella, e conchegando Pedrico ao coração, disse-lhe:

—Tambem eu te adoro, pequenino! E, prometto-te serei tua irmã.

IV

Depois de uma nova pausa, Rodrigo proseguiu assim:

N'esse mesmo dia, Pedrico jantava em casa do fidalgo, não com os criados na cosinha, mas á propria mesa da familia.

No dia immediato a senhora D. Eugenia, passando por nossa casa, dignou-se entrar.

—Deixem que eu vá passear com o meu manosinho? perguntou-nos, com um tão doce sorriso no seu branco semblante, que parecia um raio de sol sobre a neve.

Já poderá pensar que aceitamos com alegria, e se nos sentimos orgulhosos de tanta honra.

Durante a tarde, Margarida pareceu-me singularmente triste, e, como eu lhe perguntasse a causa respondeu-me:

Um dia inteiro sem abraçar meu filho! É tão comprído um dia assim!

Foi a menina, que á noite nos trouxe o Pedrico a casa. A creança correu a lançar-se ao pescoço da mãe, que lhe estendia os braços. A donzella contemplou este quadro durante um instante, deu-nos as boas noites, caminhou na direcção da porta, parou outra vez, pareceu hesitar, e finalmente disse-nos:

Ainda me atrevia a pedir-lhe o Pedrico para ir hoje jantar comnosco, se não receiasse prival-os...

Ia responder quando Margarida me cortou a palavra.

— Francamente... sim... isso ia amofinar-me muito! teve ella a coragem de replicar. E depois, minha menina, bem vê que não é bom que filhos de gente pobre, como nós somos, se costumem ao pão alvo!

— Tem razão. Boa noite, Pedrico... e até amanhã?

Abraçou a creança e saiu... mas com um suspiro de saudade que me cortou o coração.

— Foste cruel para com esta menina! disse eu a minha mulher, assim que se fechou a porta.

Póde ser! respondeu ella. Tenho tanta pena d'isso como tu... Mas que queres? Sou sua mãe!

Para reparar o tempo perdido, poz-se a cobrir o pequeno de caricias. Depois metade por curiosidade e metade por ciume, desafogou em perguntas sobre os mais leves incidentes do dia e do jantar da vespera. Pobre mulher! Tudo aquillo era martellar para se convencer bem de que o filho não se havia esquecido d'ella, e que a amisade nova pela menina não prejudicava a sua affeição por nós, nem lhe deixava saudades a mesa da fidalga. Oh! as mulheres!... Bem vê o senhor... as mulheres sempre hão de ser mulheres!

Felizmente Pedrico não tem nada de ingrato... nem mesmo o estomago. Não só nos fez festa a nós, mas ao nosso feijão com couve. Que coraçãosinho de pomba! Não foi capaz de se esquecer tão pouco da menina D. Eugenia, e, durante a noite, repetiu-nos umas poucas de vezes:

—Eu bem sei que não é a Catharina, mas da mesma fórma que ella, tem ar de doente... e tenho medo que, como ella tambem, nos fuja um dia, e não volte!

Margarida, que ficou socegada, disse emfim a seu filho:

Está bom... Está bom! Deixar-te-hei ir em companhia d'ella ámanhã, mas não ha de ser o dia todo; quero tambem o meu quinhão!

Á hora em que a menina D. Eugenia tinha vindo na vespera, Pedrico esperou-a debalde na rua, e o sino do meio-dia deu as tres badaladas sem ninguem da familia haver descido ainda á praia. Fomos para a mesa, tristes todos tres. A creança sentiu-se vagamente inquieta; eu tinha no coração como que uma saudade; Margarida, pelos modos, tinha como que um remorso.

De repente abriu-se a porta, e o sr. Xavier da Fonseca appareceu. Tinha o ar desesperado e abatido; sem nos saudar, nem mesmo parecer que nos via, veio lentamente sentar-se n'uma cadeira baixa, e deixando cahir a fronte sobre a mão, murmurou n'um tom de voz que agoniava ouvir-se:

—Minha filha está peior hoje... está hoje bem mal, a minha pobre filha!

Acercamo-nos em redor d'elle todos tres, mas elle não pareceu vêr senão Pedrico e, pondo-lhe a mão na cabeça:

—A companhia d'este menino fez-lhe bem! pro-

seguiu. Antes de hontem, jantára com bom appetite, hontem á noite não comeu nada... e esta manhã sentiu-se fraca de mais para ir ao banho, e respirar este ar, que, dizem, lhe ha de dar a vida! O que sobretudo me inquieta é vêl-a triste. Consintam que eu lhe leve esta creança, que parece ter o dom de lhe accordar o coração e de a fazer sorrir. Dar-lhes-hei em troca tudo que possam pedir-me. Sou rico, muito rico... e muito infeliz, creiam: vamos, digam, que pedem?

Minha mulher e eu quizemos protestar o nosso desinteresse, ainda que, para fallar verdade, tivemos, assim como quem diz, um palpite de fortuna. E depois, o que se arranja e o que se ganha, tudo serve para os nossos.

O sr. Fonseca interrompeu-nos:

—Ouçam... quero terminar já este negocio. Não é um capricho, é uma amisade duradoura e sincera que minha filha concebeu por Pedrico. Hontem á noite, afflicta por não o ter a seu lado, disse-nos ella:—O pequenino toma-me por uma irmã que lhe morreu; eu tomo-o por um anjinho de Deus, que vem dizer-me da sua parte: Viverás! Preciso d'elle; é a minha felicidade, é a minha saude!» É esta a crença de Eugenia, e succede justamente que está hoje peior. Espiritos fortes acoimariam isto de creancice; eu quero antes vêr n'estas coisas o dedo da Providencia. Accresce, que julgo n'esta occasião um dever o prevenir todas as phantasias de minha fi-

lha, e obedecer cegamente a todas as suas vontades, porque, a cada uma, digo eu sempre a mim proprio: — « Quem sabe se será esta a ultima, e se em breve já não terei que fazer despezas, senão com o tumulo!... » Peçam-me o que quizerem, repito. Ha neste logarejo uma porção de terreno que desejem? Se esta casa em que habitam não é propriedade sua, querem que a compre para si? Digam... Não receiem ser exigentes! Mas preciso de Pedrico, preciso d'elle todos os dias! Demais, seu filho tem tudo a ganhar n'isto; Eugenia dá-lhe lições, a mestra ajudal-a-ha, e eu proprio completarei a sua obra. Faremos d'elle coisa maior do que um aldeão, prometto-lhes; e longe de me ficarem obrigados, guardarão direitos eternos ao reconhecimento d'um pobre pae, cuja filha haverão salvo talvez! Consentem, não é verdade? Onde está Pedrico?

Dizer o que havia de sensação, de bondade, de dolorosa esperança n'esta longa supplica, seria impossivel.

Durante um instante, olhamo-nos em silencio, Margarida e eu. Nos olhos cheios de lagrimas da mãe lia-se um violento combate. Oh! É que ella presentia já que não era apenas para em quanto estavam em Giraldes, que era para Lisboa tambem, que era para sempre que se lhe pedia seu filho.

—Mulher, disse eu emfim, é preciso responder. O sr. Fonséca tem razão, deves pensar n'isto — é para bem de nosso filho.

— Cala-te! exclamou Margarida. Se me separo d'elle, é porque já perdi minha filha, e não posso dizer que não a um pae, que espera que eu lhe salve a sua!

— Obrigado! disse elle n'um impeto d'alegria, oh! obrigado, senhora! É uma boa alma!...

Enxugou os olhos, e proseguiu sorrindo:

— Mas, agora me lembra, isto não é tudo; precisamos ainda do consentimento de mais alguem...

— De quem pois?

— Oh! É claro... o de Pedrico!

Só então reparámos todos que a creança já ali não estava. Foi debalde que se chamou por elle e o procuramos por todos os cantos da casa. Para onde haveria ido, sem nos pedir licença, e sem o termos visto sair?

— Ah! meu rico senhor. Para que hei de estar mais tempo sem lh'o dizer? Elle correra de seu motu proprio á casa de azulejo, assim que ouviu que a menina soffria pela sua ausencia e se achava peior n'aquelle momento; não escutava senão o seu coração, e ao tempo em que nós estavamos discutindo ainda, já elle se achava ao lado d'ella.

V

Desde aquelle dia Pedrico viveu mais em casa d'essa familia, do que na nossa. Todas as manhãs um criado de farda, que tinha para mais de um galão em cada

costura, vinha buscal-o, e á noite apenas, muito tarde ás vezes, levava-o a casa.

Era esse para Margarida o momento feliz do dia. Com que impaciencia esperava o regresso do filho! Como o abraçava, como o obrigava a fallar! Depois, cada vez mais persuadido de que, se elle se prendia progressivamente de affeição á menina Eugenia, não nos estimava menos do que n'outro tempo, adormecia contente!

Não devemos esquecer as pequeninas satisfações de orgulho, que contribuiam docemente para a consolar; nosso filho andava magnificamente vestido de veludo, de setim, de tafetá, sapatinhos finos, chapelinho com pluma; ao domingo, na missa, parecia um principe!...

Por isso tinham que ouvir os comprimentos invejosos da gente da terra:

—Viva! Viva! Como está taful o seu Pedrico, sôra Margarida! Nem você s'ajuisa que os filhos do mestre de meninos até me estão a parecer nus ao pé d'elle. E que inda isto não é dizer tudo, porque já consta que elle anda a aprender como o que diz ao desenho e á musica. Verá vocemecê que lhe fazem d'elle um homem sabio. Talvez que inda venha á dizer missa em Santa Quiteria. Teem-se visto fortunas, mas olhe que o seu rapaz sempre nasceu n'uma hora feliz!...

Ao ouvir estes ditos como Margarida se emproava! como parecia satisfeita!

Porque tudo isto, senhor, era a pura da verdade. Pedrico, que apenas conhecia as lettras ao tempo que chegou a familia do fidalgo, já principiava, agora a ler correntemente; escrevia, contava, e dizia fabulas de cór. Todos d'aquella casa o cobriam d'elogios. Uma occasião chamaram-nos lá, mandaram-nos entrar para a sala, sentamo-nos ambos em duas cadeiras estofadas, e o pequeno poz-se ao piano. D'esta vez quem foi que ficou encantado que parecia doido? Fui eu, eu e minha mulher, que desatámos a chorar.

—Margarida! disse-lhe, chamando-a de parte, assim que cessou a musica, bem estás vendo que Deus te recompensa do teu sacrificio! Estás contente?

—Estou! respondeu-me ella; mas o que mais me encanta não é vêr o fato e as prendas do Pedrico!

—Ah!

—É outra coisa de mais valia ainda!

—O que é então!

—Olha para a menina..

O certo é que a menina parecia outra. O seu lindo rosto ganhára côr; os seus olhos negros brilhavam ainda muito, mas de um clarão doce e alegre, e o circulo sinistro que d'antes os rodeava, extinguia-se cada dia mais, como os nevoeiros do inverno perseguidos pela volta da primavera. A sua primavera era a mocidade, que lhe florescia de novo nas feições, no sorriso, nas fórmas menos debeis já, e até nos seus menores movimentos. Sentia-se que um

sangue mais generoso lhe circulava nas veias, e ia dando vigor á sua preciosa pessoa, parecia á gente vel-a correr atravez da pelle transparente e rosada.

Era uma metamorphose, uma resurreição!

—Não ha outra terra senão Giraldes, para fazer milagres d'estes! disse eu em voz baixa a Margarida.

Ella respondeu:

—Giraldes... e Pedrico! Vê tu a côr fresca e sadia do nosso filho! Aquillo tem contagio, meu homem. Basta abraçal-o todo o dia, para ella já ter respirado vida!...

VI

Estava-se em agosto então. O tempo foi magnifico todo esse anno, e o sol pareceu amadurecer, como um bello fructo, a renascente saude da donzella. Deu-lhe ao rosto um tisne de bom agouro, e acabou por tornal-a forte e alegre. Já não precisava de ninguem para a amparar, e andava que era um regalo vel-a, correndo, brincando, e fazendo resoar sobre as maceiras o seu rir claro e argentino. A primeira vez que foi á nossa casa á hora de comida, dissera-nos: «Dêem-me cá do seu pão... Deve ser bom esse pão trigueirinho!» Emfim, via-se que era tudo um prazer para ella, e que se sentia feliz por viver!

Havia comtudo alguem mais feliz ainda... era Pedrico. Tinha que ver, como elle pulava em redor d'ella, como o seu olhar era cheio de alegria, e como a accentuação da sua voz, parecia um canto de triumpho!

Ao contrario d'isto, Margarida ia entristecendo cada vez mais. Visto ter-se realisado a salvação da menina, e Pedrico não ser já essencial em casa dos fidalgos, queria ella vel-o voltar para a cabana, e o ciume materno, que a dominava, pozera-lhe um nevoeiro na alma!

Todavia, tudo isto valia pouco ainda. O momento mais terrivel aproximava-se; a familia do sr. Fonseca ia deixar Giraldes, e, segundo todas as probabilidades, queria levar Pedrico.

Effectivamente, pelo meiado do outono, appareceu-nos outra vez em casa o sr. Fonseca, mas já com o ar alegre e satisfeito.

—Venho provar-lhes que não sou ingrato! disse elle. Encarrego-me da educação de Pedrico, de o estabelecer, e de lhe dar futuro. Mas é preciso ir comnosco, e entrar para um collegio. A separação será cruel, comprehendo-o bem; mas se estimam verdadeiramente o seu filho, não tem que hesitar. Já não é por minha filha que lhes peço isto; é por elle!

E, como ficámos sem saber o que responder, accrescentou:

—Reflexionem á sua vontade; não partimos senão d'aqui a tres dias. Lisboa, de mais a mais, não é muito longe de Giraldes, e serão ali mui bem recebidos sempre que queiram ir ver o menino. Emquanto á maneira por que será tractado em nossa casa, basta lembrar-se quanto gostamos d'elle; pelo que diz res-

peito ao seu futuro, respeito-o, e dou-lhes a minha palavra de homem de bem, que hei de fazer por elle o que faria por um filho!

Depois, em seguida a algumas boas palavras saiu.

Apenas então me atrevi a olhar para Margarida.

Estava branca como a cal, e erguia para mim os olhos carregados de lagrimas.

Eu ia para fallar, mas fez-me ella signal para que me calasse, e, caminhando até mim, veio cair-me nos braços a soluçar.

—Mulher... murmurei brandamente; vamos, mulher, animo!

—Oh! exclamou ella de repente. Se choro assim, é porque já consenti! Talvez isto me mate, mas o meu filho virá a ser instruido, rico, feliz... Partirá!

—Bem! disse eu abraçando-a. Sabes ser mãe, Margarida!

N'esta occasião entrou Pedrico.

—Schiu! balbuciou ella. Enxuguem-se estas lagrimas, e tractemos de sorrir. A creança levaria o coração opprimido ao afastar-se, se soubesse que a sua separação nos causa tanta dôr.

Os tres dias que se seguiram foram bem crueis para Margarida, e devem contar-se-lhe no céo. Mas fez por mostrar boa cara, e, a não fallarmos n'umas scenas de ternura de que Pedrico não podia affligir-se, para todos, excepto para mim, pareceu resignada.

Chegou a vespera da partida.

Até á noite, a pobre ficou suffocada n'uma atonia incrivel. Depois, de repente, poz-se a correr pela casa, com uma especie de actividade febril. Tractava-se de arranjar a mala de Pedrico.

De bocado em bocado interrompia-se na sua lide, e com uma voz cheia de amargura:

—Adeus! dizia, dirigindo-se a cada objecto que mettia na mala. Adeus, preguinhas de lã, que eu fiz o inverno passado com tanta alegria; aqueçam bem aquelles pezinhos, este inverno que vem. Ai! camisinhas de panno patente, já não serei eu que as lave pelas minhas mãos. Adeus, adeus, reliquias adoradas do meu filho! Com as minhas lagrimas as cubro e com meus beijos, que isto as fade bem!

Quando chegou a occasião de fechar a mala, como estava cheia de mais, debalde Margarida fez força com as suas duas mãos, foi preciso encostar-lhe eu o joelho: encontraram-se as nossas cabeças, e, sem dizermos nada, caimos nos braços um do outro com tanto desespero, como se a caixa collocada entre nós fosse o esquife para o nosso filho.

Durante toda a noite, Margarida teimou em ficar ao pé da caminha do pequeño, e cada vez que eu lhe dizia que viesse descançar um pedaço, respondia-me ella:

—Deixa: É a ultima vez que o vejo dormir.

Ás sete horas parou o carro á porta. Margarida estava serena e forte então; sorria atravez das lagrimas, e ninguem suspeitaria o que ella havia soffrido.

Mas Pedrico adivinhou-o, e no ultimo abraço:

—Bem sei, que isto lhe custa muito! disse-lhe ao ouvido. Minha rica mãesinha! Aqui estou eu, que vou triste por ter de os deixar! Mas paciencia e esperança! Não tornaremos a separar-nos mais, quando eu os houver enriquecido a ambos, e que já estiver um homem!

O sr. Fonseca e a senhora renovaram os seus protestos de amisade; a menina D. Eugenia quiz abraçar Margarida, e, subindo para a carruagem, fez sentar a creança a seu lado, e disse-nos este ultimo adeus:

—Sou Catharina! Sou a sua irmã!...

Em quanto o carro trepou a ladeira do logar, a cabeça da donzella e a da creança mostraram-se constantemente por entre os fueiros, a sorrirem para nós.

Escusado é dizer, que iamos atraz a pé. Margarida punha a mão no carro, como querendo segural-o.

No fim da ladeira, os bois seguiram mais depressa: nós ficamos no meio da estrada, com os braços estendidos para diante, e o olhar fixo no carro em que fluctuava um lenço branco.

O carro desappareceu emfim.

—Ah! exclamou Margarida n'um gemido, caindo desfallecida nos meus braços. Ah! É o meu coração que vae ali!

VII

Houve um novo silencio na narrativa, e não se ficou ouvindo senão o canto dos passaros, que pulavam nas maceiras, e o murmurio harmonioso da maré que enchia.

Ao fim de alguns minutos o pae de Pedrico proseguiu:

—Tenho-me dado a particularidades de mais, meu senhor: bem o conheço; queira perdoar-me. Todas estas pequenas coisas são grandes acontecimentos para nós outros, filhos da aldeia. Além de tudo, a nossa vida ia ser d'ahi por diante bem pallida e muda; a creança já ali não estava! Eu, ao menos, tinha occasião de o vêr; como estava na minha mão ir vender o peixe para onde me parecia, aproveitava ás vezes algum barco que se fazia de vela para Lisboa, e, quando havia bom vento, era um regalo para a companha levarem-me ali, por ser tanta a minha alegria, que dava alegria aos mais. O senhor Fonseca tinha-me dado licença para o visitar, e eu, como é facil de crer, não me fazia rogar. Pedrico acolhia-me com transportes de alegria, assim como a sua familia nova; elle vivia ali como um passarinho no ninho. Cada vez gostavam mais do seu genio, e cada vez admiravam mais os progressos no collegio. Sim, senhor, no collegio, porque lá o tinham posto com os filhos dos primeiros da cidade...

que nos seus estudos o meu pequeno parecia exceder! Julgue o senhor se eu ficaria contente com isto, e se, quando voltava por terra, tocaria ou não a minha jumenta parda por aquella estrada fóra, galgando a serra d'El-Rei, como quem salta um vallado, tudo para vir depressa dar noticias á pobre mãe que anciava por ellas! Coitada! era dia grande para ella, o dia em que eu voltava; mas uma occasião, teve ciumes da minha fortuna, e disse-me:

—Quero tambem conduzir o peixe até á cidade, com tanto que abrace o meu pequeno: ouviste, meu homem?

—Quando queiras, Margarida, não hei de ser eu que me opponha.

—Pois quero amanhã! exclamou, quero amanhã.

Estava-se em dezembro; a neve cobria a terra, as estradas em barrancos, e o vento, que voltára ao norte, parecia annunciar para a noite um frio de rapar tudo. Nada importou. Por mais que eu arrazoasse, pedisse, e explicasse que não só para mim, mas tambem para a jumenta, estava um tempo de castigar judeus, não houve mais remedio senão partir.

Ponha na sua idéa uma noite sombria e de nevoeiro, uma ventania de levar moinhos, e um frio de perder a paciencia; os caminhos intransitaveis, legoas e legoas sem povoação, e um carro pequeno e desengonçado, abrigado unicamente por um boccado de panno, atormentado pelos furacões.

E Margarida não se queixava! qual! Ao contrario,

parecia contentissima da jornada, e quando eu lhe perguntava:—Mulher, tu não tens frio? respondia-me sorrindo:—Não penso senão na minha alegria d'amanhã, que já me aquece como se fôra o sol!

Chegámos em fim. Em quanto á scena que se seguiu, são coisas que não podem dizer-se com palavras.

Depois, duas vezes durante o inverno, reuniu a mãe e o filho, mas está escripto que as mulheres nunca estão contentes. E Margarida, que devia considerar-se feliz, principiou a emprehender n'outra idéa.

—Sim, me dizia em certa occasião ao entrarmos em Lisboa; o nosso filho está bonito, bem educado, e acolhe-nos bem. Mas, se nos encontrasse assim, eu na jumenta, com o meu capotinho, e tu de bota de simonte e camiza de lã, se nos encontrasse assim na rua, com o seu fatinho rico, e se por acaso os outros meninos seus companheiros de collegio estivessem com elle, quem sabe se não terá vergonha de nós, se se atreverá a reconhecer-nos.

No momento mesmo em que Margarida terminava as suas supposições, iamos nós pelo Terreiro do Trigo. Era dia de festa em S. Vicente, e entre a multidão que ia ao officio distinguia-se a extensa linha dos collegiaes a dois e dois. Toquei a jumenta, e ao passarmos pelo ranchinho, assim que vi o meu Pedrico gritei por elle.

Oh! certo d'isso estava eu. A creança não hesitou.

Mal que nos viu tirou-se das alas, e sem lhe importar mesmo que os seus companheiros o vissem, atirou-se aos braços da mãe como um louquinho.

—Vês? disse eu a Margarida.

—Tem bom coraçãosinho! respondeu-me ella, depois de eu o abraçar tambem, e de o deixar ir juntar-se aos condiscipulos. Mas fizeste mal, meu homem, quem adivinha se deixarão agora de fazer caso d'elle por o terem visto fallar comnosco?

D'esta vez a mulher tinha a sua razão, e se tornasse a dar-se o caso, eu havia de reflectir melhor. Mas consolei-me por pensar que este mesmo encontro me dera occasião de conhecer o bom natural do pequeno, e que, no caso de quererem os seus camaradas gracejar com elle, havia de saber defender-se.

Passou a primavera sem nenhum outro incidente notavel. A familia do sr. Fonseca voltou a Giraldes, mas infelizmente, sem Pedrico.

—Vejam que tambem eu sei sacrificar-me por elle! disse graciosamente a menina D. Eugenia.

Pozemol-o interno no collegio até ás ferias.

—E quando são as ferias?

—No meado d'agosto.

A quatorze d'agosto, senhor, o nosso Pedrico voltou carregado de livros e de premios. Pense por um instante na alegria suprema de o vermos de novo ali.

Infelizmente essa alegria tinha de ser de pouca duração. A menina D. Eugenia recaiu doente, e desta

vez por uma fórma terrivel. Pobre menina, que no fim do outono precedente havia ido a sorrir tão contentinha! As rosas da sua tez murcharam ao sopro do inverno, como as ultimas flores dos campos. O ar da cidade tambem tivera influencia n'aquella saude delicada. Já, quando voltou, a encontramos mais magra, fraca e pallida. D'esta vez o campo e o mar não tiveram poder. Susteve-se na vida até chegar Pedrico, a alegria de tornar a vêl-o deu-lhe o ultimo esforço da lampada que está a apagar-se. Durante dois ou tres dias ainda passeou na praia. Uma manhã, porém, quiz sair, e cambaleou a tremer toda. Sentou-se um momento para ganhar forças, procurou levantar-se, caiu desfallecida, moribunda...

Foi então uma afflicção, um desespero em toda a aldeia, porque não havia uma pessoa só que não gostasse d'aquella menina, tão caridosa e angelica!

Mas o que mais lhe queria, senhor, mais que o pae, mais até que a mãe... era Pedrico!

—Ah! murmurava elle entre lagrimas, bem dizia eu que era outra Catharina! Deus não nol-a tinha dado senão de emprestimo, era boa, era bonita de mais para ficar na terra; no céo é que é o seu logar!

Todavia escrevera-se immediatamente para as Caldas e para Lisboa! chegaram medicos, e houve uma consulta. O sr. Fonseca que fazia idéa de que a sciencia não poderia dar a sua decisão diante da doente, nem diante de sua mãe, como se sentisse

com coragem de saber tudo, disse aos doutores para se reunirem em minha casa.

Quando chegaram, como já estavamos prevenidos, mandamol-os sentar e retiramo-nos respeitosamente.

O pobre pae não tardou em chegar.

— Senhores, disse elle entrando, fallem-me como se deve fallar a um homem!

Ah! a resposta foi terrivel. A menina não podia ser salva senão por milagre. O mais que poderia conseguir-se era prolongar-lhe a vida por alguns mezes, durante um anno talvez. Mas para obter este resultado era preciso sair de Portugal, e ir á Madeira.

— Imagine a fórma de transportar a menina com todos os cuidados que o seu estado exige, concluiu o mais velho dos medicos, que fallava em nome dos outros, mas partam sem perda de tempo, e sobre tudo que ella não suspeite nada; a verdade matal-a-hia. Não tome, porém as nossas palavras como uma irrevogavel decisão — ainda lhe restam duas esperanças: Deus e o sol.

Passou-se mais de uma semana sem que a febre a deixasse, e sem que ella podesse completamente recobrar a razão.

Mas já não parecia a mesma, aquella doce innocente! Á sua bella confiança de outr'ora, á sua serenidade ingenua, succedia subitamente uma sombria apprehensão, um triste e continuo terror do futuro. Tanto se mostrara credula, tão desconfiada

era agora! E já se lia no seu olhar esta pesada idéa: —Escondem-me a verdade!—Tomou em fim a resolução de fazer perguntas aos seus parentes, e disse a si propria com uma vontade energica:—quero conhecer a minha sorte, seja ella qual fôr!

Era á noite. Toda a gente se achava reunida no terraço. Ella principiou francamente a conversação, declarando que bem conhecia estar condemnada; mas cada um conservou toda a prudencia precisa, e fingiu pasmar de similhante lembrança. Debalde deu ella ares de indifferente; debalde tambem chorou depois, supplicou, insistiu, armando mil laços a todas as affeições que se lhe agruparam em redor; ninguem se deixou vencer, nem lhe permittiu adivinhar as lagrimas que heroicamente se resguardavam no coração. Todavia, ella olhava ainda mais para os olhos das pessoas, do que prestava attenção ao que ellas diziam.

—Tu nunca estiveste seriamente doente, respondeu-lhe sua mãe. Isso é apenas fraqueza, irritação, simples febre de accesso. Ahi tens os resultados de querer crescer depressa!

E tinha a coragem de sorrir.

—Ah! respondia a donzella, cada vez scismando mais.

—Não estejas a emprehender n'isso! accrescentava o pae. Dentro de um mez levar-te-hemos para casa, já boa, saudavel e alegre. Has de correr como ha dois annos, nos teus queridos pomares de Giraldes.

—Promette?

—Prometto.

—D'essa fórma, já não tem susto pela minha saude?

—Nenhum.

—E estão contentes, felizes?

—Perfeitamente felizes e contentes!

—Ah!

Houve um silencio, durante o qual Aquelle que tudo ouve, de certo ouviu bater todos os corações.

Depois, de repente, e como que perfeitamente socegada a esse respeito, a donzella sorriu tambem, mas com singular expressão de semblante.

O seu olhar acabava de encontrar Pedrico, e reanimada por uma inspiração, dizia a si propria:

—Este ainda é creança, e quando estivermos sósinhos obrigal-o-hei a fallar!

Pobre Pedrico! Dolorosas experiencias tinham de principiar para elle! A menina logo na manhã seguinte chamou-o ao seu quarto, e, como quem não pensa sequer no que vae dizer, fechou-se a sós com elle.

Depois, dissimulando sempre o seu proposito, foi olhar a todas as janellas, escutar a todas as portas, voltou a sentar-se no meio do quarto, chamou o pequeno para ao pé de si, e principiou, como se nada fosse, a brincar com elle.

Mas, apesar de pequenito, o meu Pedrico não era tolo: percebeu ao que ella queria chegar, e disse com os seus botões:—Prudencia!

Depois de por alguns minutos gracejar de uma coisa e outra, a donzella disse de repente, e com um arzinho mais natural do mundo:

—Então, meu Pedrico! já estou quasi boa, sabes? Já me dão por salva.

—Salva de que? perguntou o pequeno, com um olhar tão claro, que ella ficou indecisa, e por momentos afastou a vista.

Mas, voltando logo á sua idéa fixa:

—Salva da doença! replicou. Salva da morte!

—A morte! exclamou Pedrico! quem é que pensou n'isso? Pois na edade da menina morre-se?

—Tua irmã Catharina tinha dezesete annos como eu. Já te esqueceste d'ella então?

—Oh! Não de certo! Mas era uma pobre aldeã, que nunca foi tractada como a menina, nem a trouxeram para esta terra, nem nada!

—Ah! Percebes, visto isso, que se houvesse ficado lá em Giraldes, tinha morrido!

—Não é isso que eu digo!

—Mas, os medicos, os medicos, que lá me viram, disseram isso—eu bem ouvi!

—Como póde a menina sabel-o, se não houve tal coisa!?

Vejamos, Pedrico, vejamos! Pois que já não ha perigo, e que eu estou quasi boa, porque eu estou quasi boa, Pedrico!—pódes confessar-me o que disseram lá em Giraldes: que mal receias tu que isso me possa fazer? Vamos, sê franco, peço-t'o eu! Meu

amiguinho, meu rico amiguinho, confessa-me a verdade, anda. Dar-me-has com isso uma grande alegria!

—Parece que a menina quer que eu minta!

—Ensinaram-te a lição, bem se conhece! Prometteste não fallar. Mas eu quero que falles, ouves? quero eu!

—Nunca lhe desobedeci. Que póde querer que eu lhe diga?

—Tudo que observaste, tudo que ouviste.

—Em Giraldes?

—Sim; primeiro. Dize lá!

—Ouvi... que a menina já ia melhor, e que estes ares d'aqui deviam restabelecel-a de todo. E depois partimos de lá, e ahi está tudo!

—Tudo? Pois sim! Mas quando eu aqui cheguei achei-me peior, e chamaram-se outros medicos.

—Pudéra! O das Caldas, mais o de Peniche, nem mesmo os de Lisboa, não estariam resolvidos a vir até cá!

—Estás um doutor. E dize lá o que disseram estes?

—Sabe-o tão bem como eu, porque nunca os vi senão quando a menina estava presente.

—Mas quando eu não estou presente conversam a meu respeito, com toda a liberdade, e estás tu presente. De uma creança não se desconfia... Deves ter ouvido muitas coisas!

—Nada mais que eu já lhe disse, menina.

—Percebo! É em segredo, e com mysterio que os facultativos fallam a meu pae.

—Nada! Nada!

—E depois de partirem, meu pae fica mais triste ainda.

—Ao contrario.

—Minha mãe esconde-se para chorar.

—Nunca! Nunca!

—Mentes, Pedrico!

—Eu!

—Affirma-me que tudo isso é verdade!

—Minha menina...

—Jura-me pela memoria de tua irmã Catharina.

—Pela memoria de minha irmã Catharina, que está no céo, e que nos ouve, juro!

Perante esta affirmativa, a donzella teve uma primeira hesitação. Uma lagrima lhe acudiu aos olhos. Encostou-se a Pedrico, abrindo os braços; dir-se-hia ir abraçal-o.

Mas, erguendo-se de repente, e com um impeto de despeito e de colera:

—Não! exclamou imperiosamente, ella que de ordinario era tão suave e tão boa. Não! Enganas-me; tu, tu tambem! Da tua parte é odiosa! Vae-te! Não passas de um ingrato!

Eu! gritou a creança exasperada. Eu! que a estimo tanto!

—Mentes! Mentes! Bem o vês, estás a fazer-te corado!

—Corado, porque me chama ingrato!

—Choras! Estás a chorar, tu?

—Estarei. Porque parece que já não gosta de mim! É má, é má! E eu não lhe mereço isso!

E o pobre pequeno, encitado por este longo martyrio, rompeu em soluços e em lagrimas.

D'esta vez a menina D. Eugenia não se pôde conter. A sua natureza excellente venceu-lhe a suggestão do medo, deixou-se cahir de joelhos, apertou Pedrico ao peito, cobriu-o de beijos, e pediu-lhe perdão mil vezes, chamando-lhe sempre irmão.

E parecia não duvidar já; feliz, e sorrindo abraçára-se confiante á esperança de viver.

No dia immediato, e nos outros, os terrores e a incredulidade voltaram-lhe com o soffrimento e a febre. Interrogou outra vez Pedrico, fez-lhe mil perguntas. Pobre creança! A sua vida tornára-se-lhe um supplicio.

Elle conservava-se firme, todavia; perseverava com energia no seu generoso silencio, e por vezes a poder de discrição e de lagrimas, conseguiu fazer-se acreditar da menina D. Eugenia, levar aos seus labios o sorriso, e ao seu coração a esperança.

Depois de uma d'essas scenas terriveis, em que o seu pobre coraçãosinho devia ser despedaçado, nem mais nem menos que um batel de encontro á rocha durante a tormenta, escrevia-nos elle:

«Tudo isto me custa muito, meus queridos paes; mas se a menina morrer será ao menos sem dar por tal!»

Infelizmente, era bom tempo, mas devia ir cada vez a tornar-se mais raro. Muitas vezes, em logar de se animar como a flor ao sol, a infeliz donzella dobrava-se, murcha e gelada, como a pobre planta perdida debaixo de um céo de inverno. A cabeça pendia-lhe para traz, sòbre a longa cadeira em que estáva sentada, ou, para melhor dizer, deitada. O seu olhar ia-se occultando nas palpebras já azuladas. Cahiu n'um desfallecimento profundo, parecia dormir.

A creança respirava então em liberdade; juntava as mãosinhas para orar a Deus, agradecendo-lhe o dar-lhe força e coragem; aproximava-se devagarinho de sua irmã Eugenia, e contemplava-a em silencio com um olhar de ternura e piedade.

Mas por vezes, quando elle se expandia assim abria ella de repente os olhos. Aquelle somno não era mais que um laço. Tinha d'essas astucias, imaginando mil meios de suprehender um segredo seguido com tanto empenho, e que a cada instante lhe fugia!

Assim se alterava o seu caracter cada vez mais. Affligiu-se, irritou-se, e, o que parecia impossivel, tornou-se má.

Toda a gente se affligiu por isso, e principalmente Pedrico. Era a cada hora interrogatorios mysteriosos, e scenas de fazerem perder a cabeça; um supplicio moral, um verdadeiro martyrio!

E já depois não faziam as pazes como ao principio. Ella offendia-se da sua obstinação, e arredava-o

para se retrair no seu mau humor, queixando-se elle em vão, e em vão supplicando e chorando, porque ella o repellia da sua presença.

—Fallarás, ou nunca mais te abraço, nunca mais gosto de ti, nunca mais me vês...

Oh! Pedrico! pobre Pedrico, então é que tu deves ter sido infeliz! então sim!

E todavia, senhor, elle permanecia callado ainda.

Mas as ameaças de Eugenia, de sua irmã Eugenia, pareceram realisar-se. Ella chegou a tomar-lhe antipathia, aversão, odio. Um dia em fim, não o deixou entrar no seu quarto.

Oh! pobre menina, já fôra preciso que ella padecesse bastante n'esse dia!

D'essa vez, Pedrico sentiu que já não podia suster-se por mais tempo, e que ia revelar tudo.

Teve elle proprio esta idéa, e poz-se a caminho para a executar: subiu a escada que conduzia ao quarto da doente e entreabriu a porta...

Mas, quando ia mesmo a entrar, recordou-se do seu juramento, e principalmente das palavras do doutor.—«A verdade iria matal-a!»

E fugiu dizendo:

—Morra eu, mil vezes, antes, mas não hei de fallar!

Desde este momento evitou a donzella, e não a viu mais senão diante dos parentes, diante de todos.

O resto do tempo, as horas que passava d'antes

ao pé d'ella, ia para o fim do jardim, e lá, sosinho, chorava e resava.

Eis, porém, que o sr. Fonseca e a senhora se offendem pela mudança do seu comportamento, e accusam-no a elle!

—Pedrico, tu és ingrato para com aquella que te chamava irmão! Isso é feio, menino, muito feio. Não te seria de uma difficuldade infinita teres mais um pouco de paciencia.

Taes foram as crueis palavras que lhe disse a mãe.

Em quanto ao pae, acrescentou:

—Se não te sentes com coragem para esperar, não te contrafaças pequeno; falla claro. Mandar-te-hei outra vez para Giraldes. Eugenia não precisa de ti para morrer!

Pedrico, que ao principio ficara indeciso, quiz protestar a sua dedicação, e dizer toda a verdade. Mas a commoção não lhe permittiu senão um soluço, e, quando encontrou de novo a palavra, o sr. Fonseca e a senhora já ali não estavam.

De mais a mais, poderiam èlles comprehendel-o e principalmente acredital-o? Chegava-se áquelle ultimo periodo em que, n'uma familia, já não ha ouvidos, nem olhar, nem raciocinio, nem alma... triste estado, mais terrivel cem vezes do que o lucto, em que a morte não chegou ainda, mas em que cada um a sente já em casa! O pae e a mãe estavam desesperados. A donzella não fallava, não se mexia, não respirava quasi. Lentamente, insensivelmente, á

similhança de um clarão quasi extincto, agonisava a pobresinha, na sua longa cadeira, porque não tinha querido que a deitassem na cama, dizendo que o seu leito era um tumulo. A cada instante esperava-se ouvir no quarto o subito grito de desespero que acompanha sempre uma alma querida que voa para Deus.

Quando alguem de lá saía, entrava elle depois cheio de medo, perguntando a todos com o olhar: — « Já se acabou? » É preciso haver tido d'estas horas na vida, para saber o que são!

A pobre chamma todavia, ainda brilhava; mas desde os ultimos dias, extinguira-se a esperança. A ultima phrase da agonisante havia sido: — « Nunca mais quero ver medicos! » Por consequencia despediram-nos immediatamente, e o peior foi, que nem elles mesmos fizeram resistencia. Emquanto aos estranhos e ás pessoas de amisade, já ninguem se atrevia a lá ir.

Grande foi a surpreza de Pedrico, de quem, de mais a mais, pareciam todos não fazer caso, quando viu entrar na alcova um personagem desconhecido, com um traje exotico, e uma physionomia mais exotica ainda.

Era um arabe todo vestido de branco, roupeta e albernoz. O seu rosto, amarello como um pergaminho, annunciava já edade avançada; mas seus grandes olhos pretos conservavam um brilho tal, que pareciam ler até ao fundo do coração. Emquanto á

sua fronte, que recordava o lustro e o polimento do marfim antigo, era enorme.

O sr. Fonseca fez entrar este estrangeiro como um velho negociante de Tunes, que offerecia joias raras e estofos preciosos. Na vespera, exactamente, capricho d'expirante, a donzella havia desejado vestidos novos. Ao aproximar-se o tunesino, ella manifestou todavia uma especie de repulsão. Mas seu pae disse-lhe, e com uma certa insistencia que impressionou Pedrico:

— Olha minha filha, examina a tua vontade, e escolhe qualquer coisa! Dar-nos-has com isso muito gosto, á tua mãe e a mim. Não tenhas tanta pressa, vê com toda a tua paciencia!

Já, como tendo antecipadamente a certeza de ser ouvido, o estrangeiro desdobrava as fazendas, que realmente eram curiosas e bonitas. Mas percebia-se que o homem não estava exercitado n'este mister, além mesmo de não arredar a vista do rosto da doente, que, por sua parte, o considerava friamente; presa de crescente commoção.

Ou porque essa commoção exercesse n'ella uma secreta influencia, ou por simples curiosidade de menina, conseguiu sentar-se, e principiou a examinar as fazendas, sem deixar todavia de examinar o africano.

Elle tambem olhava-a sempre.

Mais ainda: ao passo que gabava os objectos de venda, ia fazendo perguntas ácerca da doença; até

que encontrou maneira de lhe pegár da mão, e conserval-a entre as suas.

Todavia, depois de haver feito negocio retirou-se.

O sr. Fonseca e a senhora seguiram-no.

Immediatamente, a menina D. Eugenia chamou Pedrico com a vista, e perguntou-lhe em voz baixa:

—É um medico disfarçado, não é?

—O que! dar-se-ha o caso que cuide...

—É um medico... responde.

A creança affirmou que era um vendilhão.

—Vae-te, disse ella, deixando cair a cabeça sobre as costas da cadeira.

—Minha menina...

—Vae-te!

E repellindo-o no instante mesmo em que elle ia abraçal-a, acrescentou:

—Não quero que voltes aqui nunca mais?

Assim que chegou ao jardim, Pedrico teve um um violento ataque de tristeza.

—Não posso supportar o seu odio! dizia elle, mal contendo os seus soluços. A minha presença incommoda-a, está visto: quero ir-me embora d'aqui. E, de mais a mais, a idéa que teve o pae da menina; e já que hontem m'o disse... assim será, que tornem a pôr-me em Giraldes!

Pobre pequeno! quando o seu pesar acabasse, já de certo não quereria partir. Mas n'aquelle momento já sem força para resistir mais, perdido de desesperação, correu immediatamente a despedir-se.

O sr. Fonseca morava n'um quarto retirado da casa, e ia-se ao seu gabinete de trabalho, tanto pela escada grande, como por uma escada particular.

Pedrico habituára-se a este ultimo caminho, e n'essa noite tomou por elle.

Já estava luz na janella, por consequencia é que lá estava já o sr. Fonseca. Pedrico subiu rapidamente os degraus, abriu sem bater, e levantou o reposteiro; mas de repente a sua mãosita suspendeu-se.

Acabára de ver o tal negociante tunesiano, sentado entre o sr. Fonseca e a senhora, que se conservavam de pé, e o escutavam em attitude de ancioso respeito.

—Que! pensou Pedrico, será possivel que a Eugeniasinha adivinhasse a verdade!

E sem bulir, como uma estatua, retendo a respiração, olhou, e escutou.

IX

—Dir-me-ha, senhor,—perguntava o africano—se nunca habitou o Senegal?

—Durante quatro annos; foi lá que nasceu minha filha.

—Não me resta duvida!

E deixando cair a cabeça, ficou pensativo.

—Que ha, pois? perguntaram, depois de algum silencio, as duas vozes reunidas do pae e da mãe.

Elle levantou para elles um olhar commovido, e respondeu em fim:

— Os seus medicos enganaram-se ácerca do estado d'essa menina. Tractaram-na como tysica, e nunca o esteve. Direi mais: para haver por tanto tempo resistido, é preciso que os seus orgãos sejam de forte tempera.

O mal que a devora, que a mata, é o flagello dos climas ardentes; tem a febre do Senegal!

— A febre do Senegal! Effectivamente... recordo-me.

— Ah! Porque me chamaram tão tarde!?

— Não resta pois nenhuma esperança?

— Uma só, o supremo recurso n'um caso similhante; mas duvido que se atreva a ter a coragem precisa.

— De que se trata então, Deus meu?

— De um veneno terrivel, de que eu apenas tenho o segredo, e que é o unico que corta esta febre, ás vezes. N'este caso a cura é quasi immediata, e o restabelecimento opera-se com uma rapidez que toca ao milagre.

— Mas responde o senhor por ella ao menos?

— Eu disse « ás vezes. » Outras vezes, mais frequentemente mesmo, é a morte, instantanea, destruidora!

— Oh! meu Deus! balbuciaram ao mesmo tempo o pae e a mãe, tremendo.

Houve silencio; depois o africano replicou:

—Eu estou a bordo com um lord, em companhia de quem viajo; prevenido já que aceitasse a minha proposta, trouxe o que me era preciso, mas não posso completar os preparativos senão no meu barco, volto ao mar, e até ao sair da lua esperarei ali; passado este tempo, se ninguem me apparecer, largaremos vel-a, porque devemos partir, e atirarei o frasco ás ondas!

—O frasco?

—Sim. Contém uma porção de dez colheres, que a doente tomará de hora em hora. De hora em hora, ouçam? Pensem bem!

—E, grave, insensivel como um homem de marmore, disponha-se a sair. Parando de repente todavia, e tirando do dedo um annel negro, o depoz lentamente.

—Se o senhor mesmo não fôr—accrescentou—entregue esse annel á pessoa, que enviar.

—Mas, exclamou o sr. Fonseca com voz tremula, mas se formos matal-a!

—Não está ella perdida já para os seus? redarguiu o impassivel medico; perdida sem remedio!

—Quem o sabe? murmurou a pobre mãe, cujo olhar melancolico se elevou ao céo.

—Só Allah! tem poder sobre a morte! Concluiu o africano. Só Allah póde tudo!

E desappareceu.

Durante alguns minutos a senhora Fonseca e seu marido ficaram silenciosos, immoveis, e com os olhos

fixos no annel que parecia ora attrail-os, ora repulsal-os.

Depois, o pae, mais audicioso de certo, deu um passo para a mesa, e lentamente estendeu a mão; a mãe, porém, reteve-lhe o braço!

—Mas, disse elle, se fosse para ella a vida?

—E se fosse a morte para ella?

Depois de um novo silencio, tão profundo d'esta vez, que Pedrico ouvia as pulsações d'aquelles dois corações afflictos, houve uma terrivel scena de hesitação, de combate, de angustias. Parecia que diante d'elles, n'aquella mesa, esse annel era um dado fatal, sobre o qual devessem jogar a vida de sua filha.

O sr. Fonseca pareceu resolver-se emfim; ia agarrar o annel e partir.

N'esta occasião, assim de noite, e no centro do silencio, ergueu-se subitamente longiquo toque de sinos, soando as Ave-Marias.

—Escuta! exclamou a mãe, n'uma exaltação subita. É a voz de Deus que nos chama, e nos prohibe tentar este impio acaso. Esse homem é o demonio. Fallou de Allah, bem ouviste. O seu Deus não salvaria Eugenia. Não! O nosso é todo poderoso. Chamam-nos para nos salvar. Vem á egreja.

O sr. Fonseca curvou a cabeça, fez o signal da cruz, e deixou-se conduzir por sua mulher.

Por um instante o quarto ficou sem gente. Tudo parecia profundamente adormecido, menos a alampada que continuava a arder sobre a mesa, e o an-

nel que continuava a brilhar ao pé da alampada.

Depois a cabeça de Pedrico afastou as cortinas; a creança caminhou em seguida, silenciosamente, até á mesa, e ahi parou, fixando os olhos no annel.

Finalmente com a hesitação de quem receia queimar-se, tocou-lhe com o dedo.

A este contacto — seria uma inspiração do céo que de subito se accendeu no seu cerebro, ou um accesso de loucura? Mas Pedrico mesmo nunca me pôde dizer o que o impelliu! — agarrou o annel, saiu, correu até á praia, metteu-se n'um batel, fez-se conduzir ao hyate do lord viajante, e lépido como um gamo, trepou até á tolda.

O africano estava ahi:

— Um instante mais tarde, disse elle, e em saindo a lua partiriamos!

— Eis o annel! disse a creança.

— Eis o frasco! disse o arabe.

Feita a troca, Pedrico immediatamente voltou na canôa.

Alguns minutos depois, já ia galgando a praia. Ahi, ficou por um instante indeciso, aturdido, extatico!

Parecia não ter consciencia de coisa alguma, nada saber, e de nada se lembrar.

Mas o frasco recordou-lhe tudo, o frasco que lhe queimava a mão, e que parecia brilhar no meio da noite como uma brasa.

Além d'isso, uma força desconhecida, irresistivel,

se apoderara d'elle, conduzindo-o, precipitando-o.

Mais rapido do que uma corça, chegou a casa, trepou a escada, e entrou no quarto do doente.

Nem o sr. Fonseca nem sua mulher haviam voltado ainda da egreja.

A governante porém estava ali.

A creança não teve duvida em se ver livre d'ella.

—Chame o sr. Fonseca! disse.

E, immediatamente, ficou só com a sua pobre e querida Eugenia.

Ao ruido da porta, que por duas vezes se havia aberto e fechado, erguêra ella um pouco a cabeça. Viu Pedrico, que caminhava com ar desusado; alongou mais a cabecinha, e durante alguns segundos, sem se fallarem, a creança e a donzella estiveram a olhar-se.

—Ah! disse ella, rompendo o silencio. Mas que tens tu? Dir-se-hia estares com vontade de fallar!

—Sim! Sim! replicou elle com os olhos, mais ainda do que com os labios. Sim! Dir-lhe-hei tudo agora!

—Vou eu morrer? exclamou ella amedrontada.

—Não! É a vida que lhe trago! é a vida que está aqui!

Pedrico indicava o frasco.

Indecisa, tremula, não comprehendendo ainda, interrogou-o com o gesto e com o olhar.

Então com uma voz febril, ancioso, precipitado, mas ensurdecido pelo receio de ser escutado de fóra,

contou a visita do africano, as devoradoras hesitações do sr. Fonseca e da senhora, a audaciosa iniciativa d'elle, a sua louca correria até ao mar, e o seu regresso triumphante.

Não terminara ainda, e já a donzella estava de pé, e com mão resoluta se apoderava do frasco.

—Que importa o perigo? Pois se esta é a minha unica taboa de salvação! exclamou ella na maior exaltação. Quero viver! Oh! Sim! Quero viver!

E dispunha-se já a tomar o veneno.

Mas, parando de repente, e como em piedoso extase:

—Irmão, disse ella. Resemos primeiro, resemos!

A donzella e a creança ajoelharam, e nunca mais fervorosa oração, nunca supplica mais pura se elevou ao céo.

Já invisiveis anjos pairavam na alcova, á espera de levarem comsigo a alma de uma nova irmã: talvez, sensibilisados e vencidos, iam sorrindo, retomar seu vôo.

Corajosa e resignada, a doente fazia comtudo um esforço para se erguer, e aproximava o frasco dos labios.

Então é que Pedrico se lembrou das palavras do africano:—«Uma colher por hora, e não mais!» Saltou de um pulo, tentou fallar... mas, era tarde já. O frasco estava vasio!

A donzella levou vivamente as mãos ao seio, como para d'elle derramar uma viva dôr: agitou convulsa-

mente os labios sem conseguir articular um som; abriu desmedidamente os olhos, estendeu as mãos, oscillou sobre si propria, e quasi immediatamente como ferida do raio, caiu.

Pedrico soltou um grito, e recuou, com a vista espantada e os cabellos erguidos.

O que em seguida se passou, foi como um sonho para elle, um sonho horrivel! O quarto encheu-se de repente; o pae e a mãe precipitaram-se como loucos sobre a filha, e procuraram em vão que ella tornasse a si. Depois, viram o frasco no chão, adivinharam tudo pela perturbação de Pedrico, e, a final, este anathema terrivel caiu sobre elle:

—Desgraçada! Está morta! E foste tu... que a mataste! Tu!

A creança não ouviu mais; perdido de espanto, de desespero, de remorso, fugiu.

X

Algum tempo depois, quando iamos para a mesa ceiar tranquillamente, Margarida e eu, vimos entrar de repente o nosso filho pallido, magro, attonito, com os cabellos em desordem, e o fato em farrapos.

Admirados, hesitando ainda em o reconhecer, corremos para elle, fizemol-o sentar, perguntámos-lhe mil coisas.

—Está morta! respondia elle insensivelmente, e

com um olhar fixo, com uma accentuação estranha: Está morta, e fui eu que a matei!

Depois, caiam-lhe grossas lagrimas pela carita abaixo.

Nós, o mais que entendiamos d'isto, é que nos chegára uma grande desgraça.

Teve logar n'essa mesma noite uma longa explicação.

Advertido pelos rumores da aldêa o regedor appareceu-nos em casa, e disse-nos ter recebido uma carta, que para nós deveria ter ficado em segredo, se o menino não tivesse voltado. O sr. Fonseca advertia-o que Pedrico havia desapparecido de casa d'elle, que o estavam procurando activamente por toda a parte, e que lhe pedia o prevenisse immediatamente, no caso de ali apparecer em Giraldes.

—Escreverei amanhã! concluiu o regedor, e logo que chegue a carta, lhes virei dar uma explicação completa.

Ficamos esperando, mas com a morte n'alma.

Por mais que fizessemos, era impossivel obter de Pedrico outra coisa que não fossem estas palavras, pelas quaes nos saudára ao voltar, e que sem cessar repetia no mesmo espasmo:

—Está morta! A minha irmã Eugenia! E fui eu... que a matei!

O que de tudo isto se deixava perceber melhor, era que o nosso filho estava doido...

Finalmente, a resposta annunciada contou-nos tudo.

Mas, o que não teriamos supposto é que a menina D. Eugenia estivesse viva, bem viva. Ella tinha sido salva, principalmente porque bebera de um só trago tudo o que continha o frasco, e o bom Deus dos christãos, o nosso bom Deus, tinha sido servido de operar por este meio um milagre.

Eu não sou medico, senhor, portanto, não poderia explicar-lhe isto; pelos modos a violencia mesma do remedio tinha deitado fóra á doente toda a parte mortal, e a parte salutar, ficando só, cortára radicalmente a febre. Depois de uma crise terrivel, mas curta, a cura immediatamente se fizera sentir, e no dizer do africano a saude voltava com uma rapidez maravilhosa; em pouco tempo, nós mesmos poderiamos julgar das suas melhoras; vendo-as, o sr. Fonseca assegurava-nos o seu reconhecimento. — Tenham esperança tambem de que Deus salvará o seu Pedrico! Quando nós perdiamos a coragem, serviu-se Deus d'elle para resuscitar nossa filha: elle deu-lhe a vida, ella ha de dar-lhe a razão!

Ah! aquillo parecia-nos um sonho, senhor! Lemos e relemos esta carta diante de nosso filho, pozemos em obra todos os meios imaginaveis para lhe demonstrar que se enganava, para lhe fazer crer que sua irmã Eugenia ia voltar; a todos os nossos raciocinios, a todas as nossas affirmativas não respondia elle, senão a sua triste phrase:

— Fui eu que a matei! Está morta!

Em quanto ao que se passara durante o mez que

se seguira á sua fugida, nunca o soube com todas as particularidades. Conseguira metter-se n'um vapor, e viera da Madeira para Lisboa como quem vae de casa para a horta, depois, a pé, fizera jornada até Giraldes, não andando senão de noite, e vivendo, creio eu, de esmolas durante quatro dias. Assim foi que voltou para nós, fatigado, cadaverico, quasi tão perdido de corpo como de espirito.

Quinze dias se passaram, durante os quaes a sua saude ao menos se restabeleceu, e retomou parte das cores d'outr'ora; em quanto, porém, á sua intelligencia, parecia extincta para sempre.

Ao vel-o todavia, ninguem ia cuidar tal; a não ser o seu olhar fixo, a amargura do sorriso, era um lindo rapazito. A sua loucura era suave, mas inalteravel.

Uma noite emfim, uma formosa noite de outono, estavamos ambos na praia; era o sitio de que elle gostava mais, por ser ali que a vira da primeira vez.

Debalde eu procurara alegral-o um pouco, em vão me esforçava para fazer sorrir a sua melancolia, parecia apenas ouvir-me, e bricando com a areia repetia de tempo em tempo:

— Está morta... a minha irmã Eugenia, e fui eu que a matei!

Chegou a noite; uma deliciosa e clara noite.

De repente, vi como uma branca apparição que parecia correr para nós.

Reconheci logo que era uma mulher... uma senhora... uma menina.

Quando se aproximou mais, soltei um grito de alegria.

Era ella, senhor, era ella!

Poz um dedo nos labios, e, como Margarida vinha com ella, parou.

Pedrico n'este momento estava cantarolando ainda.

—Está morta! A minha irmã Eugenia está morta... e fui eu que...

Toquei-lhe levemente no hombro, e assim que elle se voltou para mim, estendi o braço para a branca e encantadora fada que nos sorria.

A esta vista, a creança ergueu-se de repente, deu um passo, juntou as mãos e caiu de joelhos sobre a areia.

Houve um instante de silencio; depois a donzella chegou-se a elle, beijou-o na testa, e estendeu-lhe os braços com este grito:

—Pedrico! meu irmão Pedrico!

—Ah! respondeu elle com um impeto espontaneo. Ah! Conheço-te! És tu! minha irmã Eugenia! Eis-te outra vez, em fim! És tu!

E já estava nos seus braços. Cobria-a de beijos... ria, chorava... já não estava louco senão de alegria.

—Bem vêem! disse-nos ella, restitui-lhe a razão, como elle me restituiu a vida! Deus quiz isto tudo assim; deviamos salvar-nos um pelo outro.

XI

E suffocado pela commoção, o pescador fez uma ultima pausa.

Mas, atravez das suas lagrimas, não tardou que se sorrisse para mim. Aproveitei o ensejo para lhe perguntar:

E... depois?

—Depois! redarguiu elle alegremente. Mas tudo isto passou-se ha dez annos, e a menina D. Eugenia chama-se hoje a senhora condessa d'Azambuja das Palmas!

O que! Pois aquella adoravel creatura que eu ainda ha dois dias encontrei com os seus dois filhinhos pela mão...

—É a nossa querida resuscitada de outr'ora!

—E Pedrico?

—Oh! Não ha de tardar muito para o vermos de novo. As ferias principiaram hontem em Lisboa! E... espere... espere... que lhe estava eu a dizer?

Um esbelto e gentil rapazito descia a correr a ladeira que conduz á praia.

Já o pescador se precipitava a ir ao seu encontro. Houve entre elles um ardente e franco abraço.

Depois o meu velho narrador voltou-se para mim, e com o olhar resplandecente de festivas lagrimas:

—É meu filho, concluiu elle com altivez. É Pedrico.

O TIO PAULO

O TIO PAULO

COMEDIA DRAMA EM 3 ACTOS

PERSONAGENS

O Conde Jorge do Payalvo
Guilherme do Valle d'Arruda
Tio Paulo
O Principe de Kourakar Caucaso
Andre, pastor
Grazina, moleiro
A Marqueza do Valle d'Arruda
A Baroneza da Rocha e Lago
D. Beatriz de villa Marim
Quiteria
Rosa
Moços do moinho, Convidados, etc.

ACTO I

O theatro representa o interior d'um moinho. Ao fundo á esquerda vê-se a roda do moinho. Á direita, escada que conduz a um celeiro que serve de quarto dos moços do moinho. Á direita e á esquerda sacos uns sobre os outros. Á esquerda uma mesa pequena.

A acção teve logar no Bombarral, perto de Obidos

SCENA I

André, Grazina, Jorge, Rosa, Aldeões

(Ao levantar o panno, aldeões de ambos os sexos se occupam em acarretar os saccos: Jorge collocado á direita ao fundo, conversa com Rosa; André á esquerda Grazina no meio).

Coro

Vá, rapazes, vá, vá, que o trabalho
É do pobre a ventura e o pão!
Lá teremos á noite o descanço
Quando a hora chegar do serão!
Que a gente do campo,
Contente e feliz,
Só pede trabalho,
O ocio maldiz!

Grazina. (*Aos aldeões á direita.*) Andem, rapazes; que seria de nós se não fosse o pão; quero dizer, que seria do pão se não fossemos nós!

André. Sempre você é um forte homem, patrão! bem podia emprestar-me o Nigromante para eu não ir carregado de similhante maneira!

Grazina. Se já te disse que ha tres dias que não sei d'elle! desappareceu d'aqui; e vá lá saber-se para onde iria!

André. Não é agora um bicho de sete cabeças achar um burro que se perdeu!

Grazina. O que te obriga a pensares assim? já te perdeste alguma vez?

André. (*Escandalisado.*) Parece-me que não sou da mesma nação do que o Nigromante: o patrão gosta muito de chalaças, e eu não dou amantes ais por essa casta de impoliticas.—Melhor era que observasse os moços que estão para ahi sem fazerem nada, veja lá esse! (*Indicando Jorge.*)

Jorge. (*Abraçando Roza.*) Bem vês que não está occioso, homem!

Rosa. Falle por bocca, que eu oiço bem.

Grazina. Pois sim, mas do moinho não sabes tu tractar?

Jorge. Para seu bem, patrão!

Grazina. Para meu bem?

Jorge. A primeira e unica vez que mexi na machina estive em risco de dar cabo d'ella!

Grazina. Agora fallaste tu a verdade!

André. Então para que serve elle cá em casa? Sempre está um forte moço de moinho!

Grazina. Calla-te, calla-te! Sabes lá que coisa é ter methodo para as coisas andarem depressa!

André. Para um moinho andar depressa bem sei eu o que é preciso! É preciso agua!

Grazina. Pois não!

André. E mais é preciso vento!

Grazina. Qual!

André. Então o que é preciso para fazer andar depressa um moinho, não me dirá?

Grazina. É preciso amabilidade!

André. Hein?

Grazina. (*Indicando Jorge.*) É a sua especialidade, e a prova é que nunca o moinho teve tanta freguezia como desde que elle veio para o Bombarral.

Rosa. Vem gente aqui só para o ouvir cantar! Sempre tem uma voz que faz morrer d'inveja os rouxinoes!

André. Está bom! sempre havia de ser bonito se eu em vez de tractar dos carneiros me puzesse a fallar-lhe com amabilidade! (*Olhando para Jorge.*) Olhem ali para o fidalgo! ou com as mãos debaixo dos braços, ou a ensinar cantigas ás raparigas, e danças lá da cabeça d'elle!

Rosa. Que tem você que dizer áquelle passo que elle ensinou á Monica? sempre é coisa mais rica!

Grazina. É verdade o passo que elle ensinou á minha afilhada Monica!

André. Tenho a dizer que a sua afilhada desde que está a servir no palacio, tem tomado lições das fidalgas e está-se fazendo só fina, benza-a Deus! Aquillo dá tréla a mais de tres! E o filho da sr.ª marqueza...

Grazina. O sr. Guilherme! Ora adeus!

André. Não! Ainda outro dia eu vi elle dar-lhe um abraço!

Jorge. (*Que conversa com Rosa abraçando-a.*) Ora que maldade ha n'isso? Vê lá tu como abraço a Rosa! (*Abraça-a.*)

Rosa. Vamos lá, vamos! Não póde prégar sem bater no pulpito!

André. Pois sim... pois sim... Deus queira que eu me engane, ou aquillo não acaba bem.

Grazina. Vae-te d'ahi. Ainda esta manhã a sr.ª marqueza me disse quanto está contente com ella, mais a menina Beatriz.

Jorge. (*Vivamente deixando Rosa e vindo a Grazina.*) Viu a menina Beatriz esta manhã?

GRAZINA. Ia ao encontro d'uma prima da sr.ª marqueza que chega de Lisboa donzellona d'um par de janeiros, uma tal sr.ª baroneza da Rocha e Lago!

ANDRÉ. Ah! bem sei: é mulher d'um prior!

JORGE. Que estás tu a dizer? mulher d'um prior?!

ANDRÉ. Isto é mais certo do que eu viver, até todos lhe chamam a sr.ª priora.

TODOS. (*Rindo.*) Ah! ah! ah!

JORGE. Este pobre André!

ANDRÉ. Então de que estão vocês a rir!

GRAZINA. Calla-te, imbecil; aprende que ser priora é uma posição social!

ANDRÉ. Eu não tenho obrigação de saber isso!

GRAZINA. Pois sim, pois sim, vae tu mettendo hombros a estes saquinhos, e como d'aqui vaes para o casal, passas pela porta do Procopio e dá-lhe isso da minha parte! até te vae distrahir!

ANDRÉ. Isto o que me vae é pezar, não é distrahir! Você agora como perdeu o burro acha-me proprio para fazer as vezes d'elle! Pois as minhas vezes é que elle nunca faz! favor paga favor, e eu cá não lhe devo nada ao seu burro! Não é meu parente nem amigo, e então cada qual trabalhe por si.

GRAZINA. Egoista.

ANDRÉ. (*Que vae até ao fundo.*) Não digo que não, mas vou-me embora... Espera! quem é que vem pela estrada: ah! é o tio Paulo!

JORGE. O velho mendigo do Bombarral?

ANDRÉ. Mendigo? Ouvisse-o elle chamar-lhe assim,

e veriamos a resposta. Aquillo é pobre mas muito *licito*, muito *licito!* e se pecca é por soberbo!

Grazina. É verdade que nunca pede nada a ninguem! Gosta de andar pela estrada de um lado para o outro, e todos o recebem por amisade!

Jorge. É d'esta terra?

Grazina. Não é, mas ha vinte annos que reside aqui, e conhece todas as parochias mais de dez legoas em redor d'esta!

André. É *home* sabio! trata todos assim como se os conhecesse de pequenos...

Jorge. Effectivamente, bem me lembro...

SCENA II

Os mesmos, o tio Paulo (entrando pelo fundo.)

Tio Paulo. Eh! Nigromante! chega-te, meu velhilho!

Grazina. Nigromante! querem ver que traz o meu burro!

Jorge. (*Olhando para fóra.*) É assim lá está elle!

Tio Paulo. Ora bons dias, rapazotes, bons dias.

Grazina. (*Indo á porta.*) É possivel! O Nigromante em sua companhia, Tio Paulo!

Tio Paulo. Como vês, meu rapaz!

Grazina. Então d'onde é que elle vem?

Tio Paulo. Vem d'Alemquer tal qual como eu: ha tres dias que me faz companhia!

Grazina. E onde foi que o achou?

Tio Paulo. Achei-o á porta do moinho!

Grazina. Hein?!

Tio Paulo. Antes d'hontem ia eu passando para me dirigir a Alemquer; era já tarde, e eu cançado e velho, ainda que affeito a jornadas, senti entrar em mim uma alma nova quando lombriguei o Nigromante que estava á porta carregado de farinha. Disse com os meus botões; não acho rasoavel que a farinha ande a cavallo, e um bom christão tenha de andar a pé! Em consequencia d'esta reflexão, tirei logo os sacos e colloquei-me no logar d'elles, abalando com o Nigromante por ahi fóra!

Grazina. E esta!

Jorge. (*Rindo.*) É boa!

Grazina. Isto aqui do burro é o da Joanna, pelo que vou vendo! quem quer um burro escusa de o comprar, monta no meu, e não tem mais satisfações que dar!

Tio Paulo. Pois tu eras lá capaz de o recusares se t'o houvesse pedido o tio Paulo, hein, o teu primo tio Paulo? Até fiz um serviço ao animal! Elle está moço, fil-o viajar: as viagens formam a instrução da mocidade.

Grazina. (*Quesilado.*) Não se tracta cá de brincadeiras: é preciso que não me tirem sem mais nem menos a minha propriedade: o meu burro é a minha propriedade! se tornar a acontecer d'estas vou-me queixar ao sr. regedor.

Tio Paulo. Está bom... está bom... não vale agoniares-te!

Grazina. Quero-me eu agoniar! Quando me lembro que tudo cá tem estado parado... que até ainda ali tenho os sacos da farinha desde antes-d'hontem!

Tio Paulo. Pois então, isso não é agora uma desgraça!

Grazina. (*Em voz bem alta.*) Não é uma desgraça? Já lhe disse a você...

Tio Paulo. (*Baixo.*) Não é uma desgraça, porque te deu occasião de lhe misturares mais uma pouca de...

Grazina. Hein?

Tio Paulo. Sim, como costumas fazer todas as noites!

Grazina. Pschiu... então... pschiu, tio Paulo!

André. (*Aproximando-se.*) O que é patrão?

Grazina. (*Vivamente.*) Não é nada!

Tio Paulo. Não é nada: certas razões que eu estive dando ao primo para lhe fazer comprehender que não fôra prejudicado... E elle comprehendeu. Não é verdade que você comprehendeu, primo?

Grazina. O mofino do velho sabe tudo!

André. Pois se não prejudicou o tio Grazina prejudicou os freguezes: ahi está a mim, e a outros pastores como eu, não me tem mandado nada ao cazal...

Tio Paulo. Porque?

André. Porque? por não haver animal no moinho.

Tio Paulo. Não havia nenhum! Então por isso é que tu para cá vieste?!

André. (*Escandalisado.*) Eu! (*Para Jorge.*) Não vale a gente offender-se, aquillo é rustico bastante, mas toma-se como da mão de quem vem!

Jorge. (*Rindo.*) Vê-se que o tio Paulo não tem papas na lingua quando falla com as pessoas da sua amisade! E poderia perguntar-se-lhe que importante negocio o chamou a Alemquer?

Tio Paulo. Por que não! toda a gente está no seu direito de perguntar, assim como eu estou no meu de não responder!

Jorge. Ah! o tio Paulo, n'esse caso tem segredos!

Tio Paulo. Quem ha que os não tenha, mais ou menos? todos! (*Baixando a voz.*) Esta manhã por exemplo ao voltar de Alemquer passei pelo moinho do seu antigo patrão...

Jorge. Hein? O meu antigo patrão...

Tio Paulo. Sim, o moleiro Gaspar com quem você aprendeu o officio... conforme ainda outro dia disse!

Jorge. (*Com embaraço olhando em redor de si.*) Ah! bem conheço...

Tio Paulo. Pois ahi é que vae a differença — é que elle não o conhece a você!

Jorge. Que diz?

Tio Paulo. E até affirma que nunca houve no seu moinho nenhum moço chamado Jorge!

Jorge. (*Assustado.*) Mais baixo, falle mais baixo!

Tio Paulo. Pois sim, isto é para lhe fazer ver que mais ou menos todos teem os seus segredinhos!

Jorge. (*Áparte.*) Saberá tudo, este homem?

André. (*Que estava conversando com Grazina aproximando-se.*) E onde é então que você vae esta noite, ó tio Paulo?

Tio Paulo. Vou ao palacio, para fallar á menina, meu rapazote!

Jorge. (*Vivamente.*) Conhece-a?

Grazina. Se a conhece! É sua protegida!

Tio Paulo. Sua protegida! eu é que sou seu protegido! brinca comigo, dança comigo...

André. Não lhe faz favor nenhum, depois do que você fez por ella!

Jorge. O tio Paulo prestou algum serviço á menina Beatriz?

André. Impediu-a de se affogar: esta bagatelinha!

Jorge. Deveras?

Grazina. Ia dar um passeio pela varzea com o primo Guilherme, tinha ella dez annos nesse tempo, e vae o bote vira-se de repente, a pobre menina caiu ao mar! (*O tio Paulo sobresalta-se.*)

Jorge. (*A tio Paulo com interesse.*) E estava ali o senhor?

Tio Paulo. (*Commovido.*) Pertinho... muito perto d'ella! ouvi os gritos do sr. Guilherme, desatei a correr, e vi de longe um vestido branco que boejava sobre a agua, e logo depois se escondeu. Precepito-me á agua, mergulho, procuro, nada encontro!

trez vezes... e sem a encontrar... Á quarta vez finalmente agarrei uma coisa que tirei d'agua... era ella! Era aquella linda creança viva ainda! tinha-a salvo.

JORGE. Julgava-se então bem feliz? (*Vivamente.*)

TIO PAULO. (*Vivamente tambem.*) Eu?! (*Mudando de tom.*) Em fim, já você vê, primo, que nunca desgosta salvar uma creaturinha que se vae perder! Depois, ella sempre teve este caso em lembrança, e é o que motiva a sua amisade para comigo!

JORGE. (*Dando-lhe a mão.*) Offereço-lhe tambem a minha, tio Paulo! É o senhor um homem de bem!

TIO PAULO. Sou um homem de bem por saber nadar!

SCENA III

Os mesmos e Quiteria (entrando pelo fundo).

QUITERIA. P'ra que vivam todos!

ANDRÉ. Olha a Quiteria!

GRAZINA. Ah! é a minha afilhada!

QUITERIA. Sua benção, padrinho? P'ra que viva tio Paulo: — uma sua criada, sr. Jorge.

ANDRÉ. E então eu?

QUITERIA. (*Voltando-lhe as costas.*) Ah! boa noite, André!

ANDRÉ. Boa noite! parece que quer que me vá deitar!

GRAZINA. Porque motivo appareces tu hoje por aqui?

Quiteria. Então não sabem? Ha amanhã funcção em casa de minha tia, e a sr.ª marqueza deu-me licença para eu ir.

Grazina. Ah! vem cá buscar os enfeites, aposto eu?

Quiteria. É verdade que sim, e mais pedir-lhe se me empresta o Nigromante!

Grazina. Que mania de me levarem o burro, senhores! É-me preciso.

Quiteria. Pois amanhã lh'o torno a mandar! Ora ande o padrinho. (*Com meiguice.*) Faça esta vontadinha, ande! Já consentiu? (*Abraça-o.*) Ora então muito obrigada!

Grazina. Olhem para isto! (*Rindo.*) Sempre é uma peça!

André. Oh! uma pecêta!

Grazina. Ora emfim, cá vou preparar o burro, mas olha que o quero cá amanhã!

Quiteria. Fique descançado!

(*Grazina entra á direita: o tio Paulo tem ido desde a entrada de Quiteria sentar-se ao pé da escada do fundo em cima de um sacco: tira da algibeira um pedaço de pão de rala, que come descançadamente em quanto observa o que se passa entre os outros personagens.*)

Jorge. (*A Quiteria.*) E hade estar por muito tempo ausente, menina Quiteria.

Quiteria. Tres dias: ah! se eu não tivesse promettido antes queria ficar. Ha um baile esta noite

no palacio, porque chega a sr.ª baroneza da Rocha e Lago: ha de ser lindo!

André. O que você queria èra lá ir para estar de namorico com o filho da fidalga, o sr. Guilherme.

Quiteria. Tomara que você me deixasse!

André. Desde aquelle titular que casou ha dois annos com uma rapariga do campo, já se lhe mette a todas no miollo que hão-de casar com fidalgos!

Jorge. E porque não? a menina Quiteria é bastante bonita para...

André. Quem sabe lá se o caso não está já adiantado!

Quiteria. Hein?

André. Talvez seja um fidalgo o namorado que se anda a esconder!

Quiteria. Porque, você sabe?

André. Um dos moços da quinta é que me conta tudo...

Quiteria. E então que lhe contou?

André. Que ha um namorado invisivel, que entra todas as noites na quinta por cima do muro, e que vae pôr um ramalhetinho na janella do quarto do azulejo...

Jorge. (*Vivamente.*) Onde dorme a menina Beatriz?

Quiteria. Onde dormia: ha oito dias que já não é esse o seu quarto: eu agora é que alli fico.

Jorge. (*Áparte.*) Oh! Deus meu!

Quiteria. Logo no dia seguinte ao da mudança é que principiaram a apparecer os ramalhetes.

Jorge. (*Áparte.*) Ah!

Tio Paulo. (*Observando-o.*) Que terá elle?!

Quiteria. E então tenho culpa por ventura d'esse desconhecido me adorar, de eu lhe haver despedaçado o coração, como elle me diz nos versos.

André. De mais a mais elle verseja! mau indicio! temol-a travada!

Jorge. (*A Quiteria.*) E, diga-me: tem lido esses versos?

Quiteria. Eu não senhor, nunca poude ler versos..

André. Nem prosa, pois se ella não sabe ler!

Quiteria. Mas dei-os á menina Beatriz que disse que estavam muito bonitos.

Jorge. (*Vivamente.*) Realmente?

Quiteria. Ella até repetiu o principio, mas eu não percebi bem; lembra-me só que me chama anjo de azulados olhos!

André. Azulados! tu tens-los pretos como azeviche!

Quiteria. Isso não quer dizer nada, meu pateta, nos versos mudam-se as côres!

André. As côres lhe hei-de eu mudar a elle, por que o moço da quinta anda com vontade de o pilhar, e eu prometti-lhe levar esta noite o Furioso para lh'o largarmos!

Quiteria. O cão de filla?

André. É como diz: havemos de o prantar por baixo da janella, para assim que elle chegar comer-lhe as barrigas das pernas!

JORGE. (*Sobresaltado.*) Hein?

QUITERIA. Credo, que horror!

ANDRÉ. O animal a esta hora ainda está em jejum, que é para ceiar com mais appetite.

QUITERIA. Pois olhe, vou já prevenir a menina Beatriz, que tambem se interessa por elle...

JORGE. Tem certeza d'isso?

QUITERIA. Toda a certeza: basta o que ella me falla a respeito d'elle. Não ha de consentir que o deteriorem de similhante fórma!

JORGE. Bravo, menina Quiteria!... (*Beija-lhe uma das mãos.*) Muito bem lhe fica esse bom coração que tem! (*Beija-lhe a outra mão.*) A minha vontade era abraçal-a! (*Abraça-a.*) Era a vontade que tenho, era de a abraçar.

ANDRÉ. A vontade que tem... e bem o mostra, por que não faz outra coisa!

TIO PAULO. (*Que se ergueu e se aproxima.*) Pois então, é signal que está contente! que tens tu com isso?

ANDRÉ. O que tenho, é que sou eu que... entretanto é elle que... apesar de ser eu que... parece-me que me explico! (*Ouve-se o ruido de uma carruagem.*)

JORGE. (*Ao fundo.*) Uma carruagem! Devem ser os fidalgos do palacio!

QUITERIA. (*Olhando ao fundo.*) Com a sr.ª baroneza da Rocha e Lago!

JORGE. A menina Beatriz não vem!

Quiteria. É que entrou em casa do mordomo, que tem estado doente... Espera! vem cá para o moinho! Ó André vae chamar o padrinho depressa, anda!

André. Lá vou, lá vou!

Tio Paulo. E eu estou cançado, vou fazer umas contas...

Jorge. Póde subir para o seu quarto, tio Paulo, o celleiro lá em cima.

Tio Paulo. Cá vou, meu rapaz. (*O tio Paulo sobe a escada, e entra no quarto do moço do moinho: Jorge vae pela esquerda, André pela direita.*)

SCENA IV

Quiteria, Guilherme, a Baroneza (entrando pelo fundo)

Guilherme. Por aqui, querida tia, descançaremos por um instante!

Baroneza. (*Velha pretenciosa e arrebicada.*) Ai! deixa-me; o sol e a poeira deterioraram-me as feições.

Guilherme. (*A Quiteria.*) Ah! és tu, pequena, vae ao caleche que a sr.ª marqueza tem ordens que te dar...

Quiteria. Immediatamente! (*Sae pelo fundo.*)

Baroneza. É cheio de encantos este retiro! uma verdadeira cabana solitaria! Sempre adorei a simplicidade campestre! Pena tenho eu de não haver por aqui espelho, hei-de estar toda despenteada! Com

que, isto é um moinho? É verdade, lá está uma roda que gira! Hei-de mostrar isto ao principe!

GUILHERME. Ahi o tem em companhia de minha mãe.

SCENA V

Os mesmos, a marqueza e Kourakar

MARQUEZA. Ai, minha querida, bem póde valer-me! o seu companheiro de viagem ou é surdo, ou mudo!

BARONEZA. O que?

MARQUEZA. É impossivel tirar d'elle uma palavra.

BARONEZA. Pudéra! Pois se elle não sabe fallar portuguez!

GUILHERME. Deveras?

BARONEZA. Ainda lhes não tinha contado? É certo: ainda não tive tempo... (*Mostrando Kourakar.*) É um principe do Caucasso.

MARQUEZA. Um principe. Oh! alteza!

BARONEZA. (*A Kourakar.*) Cumprimenta Kourakar. (*Kourakar corteja grotescamente.*) Vejam como elle faz tão bem um cumprimento! É meu discipulo!

MARQUEZA. Sim! Como foi isso?

BARONEZA. Este bello principe veio a Lisboa para viajar, sem saber palavra do portuguez, acompanhado de um *trucheman* para lhe explicar tudo, mas de repente o interprete morreu!

MARQUEZA. Jesus!

BARONEZA. Veja em que embaraços se encontrou!

Chegamos a lembrar-nos de nos dirigirmos ao lyceu nacional, mas o professor de Caucasso estava occupado em o aprender! Felizmente o principe tinha cartas de recommendação para a nossa sociedade, foi apresentado a algumas amigas minhas, e interessamo-nos por elle...

Marqueza. E a baroneza emprehende a sua educação!

Baroneza. Bem vê que apesar das linguas do mundo, que para tudo deitam maldade, um homem que não sabe fallar senão Caucasso não será indiscreto, mas não conseguirá ser agradavel!

Guilherme. E tem feito progressos?

Baroneza. Oh! é magnifico observador: faz tudo quanto vê fazer!

Guilherme. (*Agitando a fita da luneta.*) Deveras? (*Kourakar imita-o.*) Que está elle a fazer?! (*Encosta a bengala ao chão dobrando-a, Kourakar imita-o.*) Bravo! está tomando lições comigo! (*Dá uma reviravolta rindo-se, e vae parar ao fundo: Kourakar, que o imita, encontra-se no mesmo plano e attitude que elle.*)

Marqueza. É galante!

Baroneza. Ora vão vêr: recordo-me que lhe dei justamente para guardar cartas que lhe são dirigidas.

Marqueza. Cartas de Lisboa?

Baroneza. Sim, vou pedir-lh'as. Kourakar, Kourakar, anda cá, meu principe! aqui. (*Kourakar aproxima-se comprimentando.*) Dê cá as cartas que lhe

dei. (*Estende a mão: Kourakar parece não intender, depois da-lhe a bengala.*) Não é isto; as cartas, ahi, na carteira. (*Põe a mão no peito para lhe indicar o sitio em que está a carteira: Kourakar toma este gesto por uma expressão de ternura, e põe as duas mãos no coração com signaes de paixão.*) Então que está a fazer! Não se trata d'isso... agora... quero as cartas que estão n'essa algibeira! (*Toca na algibeira do peito de Kourakar, que comprehende emfim, e tira a carteira.*) Isso mesmo! Então percebe tudo ou não?

Guilherme. É certo percebeu que tinha uma algibeira!

Baroneza. Tem uma intelligencia prodigiosa, para um principe!

Marqueza. (*Que recebe as cartas.*) Ah! são cartas do meu tabellião... Dá-me licença?

Baroneza. Ora!

Marqueza. (*Dando uma carta ao filho.*) É esta para ti, Guilherme. Deve ser de importancia...

Baroneza. Em quanto leem vou eu visitar o moinho. Kourakar? Kourakar? o seu braço, principe... o seu braço. (*Kourakar vae buscar uma cadeira.*) Não... não, o seu braço. (*Põe a mão no braço de Kourakar que comprehende: para Guilherme.*) Então, é ou não o que lhe digo! comprehende tudo. Ande vamos ver o moinho!... (*Sáem pela esquerda.*)

Guilherme. (*Rindo e seguindo-os.*) O tal Caucassiano vae fazer epoca em Lisboa!

Marqueza. (*Que abriu uma carta.*) Vamos saber em fim.

Guilherme. (*Que lê a carta que recebeu.*) Ah! é do procurador!

Marqueza. (*Que lê.*) Deus meu!

Guilherme. Que é?

Marqueza. Previne-nos de que as diligencias de combinar com os nossos credores não tiveram resultado favoravel! O procurador deve dar-te noticias mais circumstanciadas.

Guilherme. (*Que percorre a carta com a vista.*) Effectivamente... falla de perseguições, de expropriação do palacio...

Marqueza. O nosso palacio... Não póde ser!

Guilherme. Veja! (*Da-lhe a carta.*) Annuncia-nos que antes d'um mez será posto á venda com tudo mais!

Marqueza. É então a nossa ruina completa?

Guilherme. Resultado do systema d'administração que tem tido, e das loucas despesas...

Marqueza. Não era por ventura necessario sustentar a dignidade do nosso nome? Nada deve custar-nos para a conservar! É uma questão d'honra e de existencia, por que antes quizera morrer do que humilhar-me!

Guilherme. Mas se não ha meio nenhum de obstar! (*O Tio Paulo apparece no alto da escada e dispõe-se a descer.*)

Marqueza. Ha um só! tu bem o sabes: o teu ca-

samento com Beatriz, estava justo entre nós; não faltava senão preparar tua prima para se lhe fallar d'isso, e tu descuidaste-te sempre! (*O tio Paulo que parou, sobe ao celleiro cuja porta fica aberta.*)

GUILHERME. Bem sabe a marqueza que nada compensa a liberdade de solteiro...

MARQUEZA. Sei tambem que deve alliar os seus prazeres aos seus deveres, e que o teu casamento com Beatriz é uma necessidade agora. (*Mais baixo.*) Se ella casar com outro, encontrar-nos-hemos na impossibilidade de entregar as contas de tutela!

GUILHERME. Ah! diz bem!

MARQUEZA. Só a sua fortuna póde salvar-nos!

GUILHERME. E consentirá ella?

MARQUEZA. Está preza sem o saber. A intimidade que consenti entre ti e ella fez olhar este casamento como convencionado e inevitavel. Era-lhe impossivel agora recusar!

GUILHERME. Visto isso, começo desde hoje o meu papel de pretendente, e ámanhã procuro uma explicação...

MARQUEZA. Isso mesmo. (*Saem pela esquerda.*)

SCENA VI

Tio Paulo (descendo a escada e olhando-os)

TIO PAULO. Mas estava eu cá, que ouvi tudo! Ah! vocês querem casar a prima com o primo, porque

estão sem vintem, e querem quem lhes pague as dividas! Ah! ah! havia de servir o seu dote para sustentar o jogo, os cavallos, e os theatros do menino! Não! não quero; hade casar a seu gosto e casar feliz! Tenho cá minhas desconfianças que encontrei quem lhe convem, e vou já tratar de saber o caso a fundo... olhem para ella!

SCENA VII

Tio Paulo, Beatriz (entra pelo fundo tem no braço um cestinho com flores)

Beatriz. Demorei-me de mais; e terei feito esperar a marqueza... Ah! é o tio Paulo!

Tio Paulo. (*Tirando o chapéo.*) Sou eu, minha menina! (*Dando-lhe uma cadeira.*) Hade vir cançada (*Indo fechar a janella.*) e está aqui tudo aberto... tudo *escancarado!*

Beatriz. Coitadinho do tio Paulo, como elle é meu amigo, como elle é bom para mim! sem ao menos consentir, apesar do serviço que me prestou. (*Movimento do tio Paulo.*) a que eu o mude de posição ao menos!

Tio Paulo. Mau! mau, mau! Não foi isso que nós ajustamos! tinha-me promettido não fallar mais nisso.

Beatriz. (*Estendendo-lhe a mão.*) Perdoe, tio Paulo, não o fiz por má!

Tio Paulo. (*Beijando-lhe a mão.*) Bem sei que é um anjo... boa como os anjos do céo!

BEATRIZ. (*Sorrindo.*) Lisongeiro agora, senhor tio Paulo?

TIO PAULO. É a opinião de todos que a conhecem! Era o que ainda hontem me dizia o novo moço do Grazina: conhece o moço novo do Grazina?

BEATRIZ. Eu não!

TIO PAULO. Oh! aquillo é melro! as pequenas morrem por elle! rapazete bem feito, e com educação! sabe cantigas lá de Lisboa. (*Em confidencia.*) e até me dizem que as compõe.

BEATRIZ. (*Rindo.*) Deveras: gostaria de ver alguma.

TIO PAULO. Sim? (*Olha em redor de si, aproxima-se e abaixa a voz.*) Pois ainda agora (*Mostra o quarto do moço de moinho.*) alli que é o quarto d'elle, encontrei um papelito, deve ser um borrão, tem versos! (*Procura nas algibeiras.*)

BEATRIZ. Leu-os?

TIO PAULO. Ainda não, passei-lhe só a vista por cima! (*Dando-lhe o papel.*)

BEATRIZ. Vejamos... (*Sobresaltando-se.*) Deus meu!

TIO PAULO. (*Aparte.*) Conhece a letra!

BEATRIZ. (*Áparte.*) São os versos que acompanhavam o ultimo ramalhete! (*Áparte.*) e está certo de que são feitos pelo moço do moinho estes versos?

TIO PAULO. Olé! o Jorge!

BEATRIZ. Estimaria vel-o!

TIO PAULO. Não é nenhuma difficuldade elle ahi vem.

BEATRIZ. (*Indo olhar.*) Jesus! não me enganarei? Pareceu-me...

TIO PAULO. Já o conhecia?

BEATRIZ. Já... (*Perturbada.*) Creio que sim!

TIO PAULO. Ora felizmente elle vem para cá, póde fallar agora com elle...

BEATRIZ. (*Vivamente.*) Inutil! É inutil!

TIO PAULO. Mas então...

BEATRIZ. Outra vez será, minha tia espera-me! (*Áparte.*) Será elle? (*Entra pela esquerda.*)

SCENA VIII

Tio Paulo e Jorge

TIO PAULO. (*Áparte.*) Agora cá tenho o outro!

JORGE. (*Entrando vivamente pela direita.*) Foi ella que me pareceu ver... (*Vae direito á porta da esquerda.*)

TIO PAULO. Olé, senhor! tenha mão! (*Detendo-o.*)

JORGE. Perdoe: não estava agora com a menina Beatriz?

TIO PAULO. Saiu d'aqui não ha meio minuto!

JORGE. Estiveram conversando?

TIO PAULO. Ora se conversámos! Conversámos as *estopinhas!* (*Áparte.*) Experimentemos! (*Alto.*) Aquillo é uma cabecita de vento!

JORGE. Que! a menina Beatriz!?

TIO PAULO. Sim... não é para desfazer... Boa menina... o fundo não é mau... mas aquillo anda estonteada, aquillo bebe azeite!

Jorge. Que diz?

Tio Paulo. Ainda comigo vae o caso bem! Se os fidalgotes soubessem por que modo ella me tracta...

Jorge. Então?

Tio Paulo. Então... talvez me encarregassem de alguma commissãosinha!

Jorge. Ao senhor?

Tio Paulo. Podia servir-lhes de correio, muito bellamente!

Jorge. (*Indignado.*) Que! pois prestar-se-hia!

Tio Paulo. Ella é toda d'estas que se chamam á boa paz, e vae então eu por uma pequena gratificação...

Jorge. Basta: tenho ouvido!

Tio Paulo. E aquillo, se o meu olho me não mente não hade ser praça difficil!

Jorge. Miseravel! (*Furioso.*) Oh! és um vilão!

Tio Paulo. (*Apertando-lhe a mão com ternura.*) E o senhor um homem de bem!

Jorge. (*Admirado.*) Que!?

Tio Paulo. Já sei o que queria saber, queira v. ex.ª desculpar-me, senhor conde Jorge do Payalvo! (*Descobre-se.*)

Jorge. Céos!

Tio Paulo. O senhor está aqui por causa da menina Beatriz, e é o senhor que leva os ramalhetes todas as noites!

Jorge. (*Assustado.*) Mais baixo! mais baixo! onde pudeste saber?

Tio Paulo. Em Alemquer! fui lá de proposito. Ah! ao principio estes amores deram-me que entender! Porque o senhor effectivamente está namorado!

Jorge. Verdade é que o estou! O acaso me fez encontrar a sr.ª D. Beatriz em Lisboa, e não pude deixar de adorar!

Tio Paulo. E ella... corresponde-lhe?

Jorge. Debalde tenho procurado sabel-o, vim de proposito a esta terra para o conseguir!

Tio Paulo. Mas para que tomou esse disfarce enfarinhado?

Jorge. Porque não poderia apresentar-me ao palacio. Tu que és d'aqui, não deves ignorar o odio hereditario que separa os valles d'Arruda dos Payalvos; as duas familias esgotaram-se em luctas que lhes custaram o melhor da sua fortuna e do seu sangue: uma tentativa de união que desejei, foi regeitada pela marqueza...

Tio Paulo. E por isso se dirigia á menina. Pois senhores convem-me isso, isso cheira-me a um bom negocio, negocio de felicidade... É preciso casar com ella!

Jorge. Mas como heide aproximal-a?

Tio Paulo. Escute. A marqueza e o filho conhecem-o?

Jorge. Não conhecem.

Tio Paulo. A Quiteria fica em casa do tio, não ha que temer por ella... Tem cá o seu fato da cidade?

Jorge. Tenho.

Tio Paulo. Vá vestil-o quanto antes!

Jorge. Que queres fazer?

Tio Paulo. Apresental-o esta noite no palacio.

Jorge. Eu! Oh! que felicidade.

Tio Paulo. Explicar-lhe-hei tudo pelo caminho. Não perca tempo! (*Sente-se trovoada longe. Jorge sobe rapidamente ao quarto dos moços do moinho. Tio Paulo entra á direita e encontra-se com André que entra pelo mesmo lado, seguido de um moço do moinho que traz tres trouxas e sáe depois de as collocar no chão.*)

SCENA IX

Quiteria, entrando pela esquerda, e André

André. (*A Quiteria.*) O burro está prompto, menina Quiteria, e mais as trouxas, aqui estão.

Quiteria. (*Áparte.*) E, que de trouxas! vou estafar o pobre burrinho! se eu fosse capaz de conseguir que o André fizesse as vezes do animal do padrinho! (*Alto.*) Senhor André!

André. Dirá o resto!

Quiteria. Apesar de ter o Nigromante apparelhado e prompto, antes quero confiar do senhor André estas trouxas do que d'elle! Quer vir comigo?

André. (*Reconhecido.*) Essa preferencia é tocante! (*Quiteria dá-lhe uma trouxa, que elle mette debaixo do braço direito.*)

QUITERIA. (*Fazendo-lhe uma festa.*) Ande lá que me não merece a Deus! sô pedaço de peccador! (*Dá-lhe a outra trouxa para debaixo do braço esquerdo.*)

ANDRÉ. (*Áparte.*) Em me fazendo certos *tagatés* amorosos estou pelo beiço!

QUITERIA. Ora agora é só mais esta! (*Põe-lh'a em cima da cabeça: trovoada mais perto.*) E toca a andar que a trovoada já vem perto! Adeus, André, ponha isso em casa de minha tia, adeus, adeus! (*Sáe pela esquerda a correr.*)

ANDRÉ. (*Correndo atraz d'ella.*) Ó menina Quiteria, então temos brincadeiras, menina Quiteria!

SCENA X

A Marqueza, Baroneza, Kourakar, Guilherme, e depois **Grazina**

MARQUEZA. Partamos sem demora: o céo está por tal fórma carregado que de certo vae pôr-se a noite medonha!

GRAZINA. (*Entrando ao fundo.*) Está tudo prompto, sr.ª marqueza.

GUILHERME. Vamos. (*Á Baroneza.*) Minha boa tia, quer aceitar o meu braço? (*A Kourahar.*) Dê o braço á sr.ª marqueza... (*Trovão.*)

GRAZINA. (*Ao fundo.*) Eia! como a noite se vae pondo! Ahi vem uns poucos de caçadores a reco-

lherem-se da chuva! (*Trovão.*) Misericordia divina! que noite!

ACTO II

Salão antigo, guarnecido de grandes retratos de familia. Ao fundo á direita vê-se um retrato em traje de militar. Ao fundo á esquerda, uma fidalga. Estes dois retratos são de todo o corpo. — Portas á direita, e á esquerda — mesa á esquerda.

SCENA I

A Marqueza, depois **Guilherme**

MARQUEZA. (*Ao fundo a um criado.*) Faça recolher a sege do sr. Bento Paes.

GUILHERME. (*Entrando pela direita.*) Que? está cá esse digno advogado?

MARQUEZA. Está e quero aproveitar a occasião para o consultar...

GUILHERME. Ser-lhe-ha difficil, no centro do tumulto do baile!

MARQUEZA. Bem estás vendo que o baile não invadiu o quarto de tua prima: póde estar-se aqui socegado, porque não hão de os convidados atrever-se...

GUILHERME. Ah! reuniu aqui os retratos da nossa familia! Foi obra d'esta manhã, e ainda eu não tinha dado por tal!

MARQUEZA. Foi por voto de Beatriz que os quadros ficaram n'esta disposição...

Guilherme. Estamos, ao que vejo, em plena galeria historica! (*Olhando de luneta.*) Meus respeitaveis avós, tinheis tanto de honrados como de feios! (*Vendo o retrato á direita.*) Ah! aqui temos o pae de minha prima!

Marqueza. Com o seu uniforme!

Guilherme. E a mãe? não vejo a mãe!

Marqueza. Nem aqui está: bem sabes que meu irmão não levou em vista com o seu casamento se não restabelecer a sua fortuna...

Guilherme. O bom do tabellião, com cuja filha elle casou, foi o ultimo dos sogros que teem equivalido a uma sorte grande para os genros!

Marqueza. Era inutil perpetuar a recordação de uma aliança tão desairosa, collocando aqui o retrato d'uma burgueza que o acaso fizera entrar na nossa familia! Por isso fiz as coisas de modo, que não restasse logar para collocar esse retrato!

Guilherme. Não vá a prima offender-se com isso! Bem sabe que veneração conserva pela memoria de sua mãe!

Marqueza. A ti compete dares nova direcção á sua sensibilidade.

Guilherme. Não me descuido; e o que sei dizer-lhe é que não me lembro de ter visto nunca a prima estar mais contente do que desde que chegámos do moinho!

Marqueza. É que se dá por feliz pelas tuas attenções. É verdade! esse viandante que o tio Paulo

encontrou perdido na estrada durante a trovoada, e a quem conduziu ao palacio... Sabes como elle se chama?

GUILHERME. Não quiz faltar aos deveres da hospitalidade, perguntando-lhe o seu nome: mas parece que se dirigia a casa do nosso antigo visinho Alves Sequeira, da Vermelha, que n'esta occasião está ausente: em Obidos, creio eu!

MARQUEZA. É homem de boa apparencia?

GUILHERME. Excellente: tanto assim que o convidei para o baile; esta-se vestindo, a esta hora.

SCENA II

Os mesmos, a Baroneza, Beatriz, Kourakar

BARONEZA. Bravo! bravo! bravissimo!

MARQUEZA. Que é?

BARONEZA. Onde teem estado mettidos! perderam de assistir ao triumpho que o meu principe Caucassiano alcançou ainda não ha meia hora!

GUILHERME. Com effeito?!

BARONEZA. Executou uma certa dança do Cancan (*Kourakar colloca-se á esquerda*) que *deu no goto* a todos que presenciaram! eram palmas, eram bravos, foi um nunca acabar de applausos!

MARQUEZA. (*A Kourakar.*) Oh! principe, receba os meus parabens! (*Kourakar, que desde que entrou em scena está a fazer movimentos como quem*

se prepara para dançar, julga que a Marqueza lhe pede que dance e enceta um primeiro passo.)

BARONEZA. (*Retendo-o.*) Não, Kourakar esteja quieto; não tinha termos dar-lhe novo incommodo...

MARQUEZA. E teve o cuidado de advertir que é um principe?

BEATRIZ. De certo: foi então principalmente que melhor pareceu a todos, a ponto de gritarem: Viva o principe Kourakar! (*Kourakar desata a dançar.*)

BARONEZA. Basta, principe! socegue! Parece que tem bicho carpinteiro! (*Fal-o sentar.*)

MARQUEZA. Que gloria para o nosso baile termos um principe como um heroe da festa!

BEATRIZ. A ausencia da sr.ª marqueza principiava a fazer-se sentir nas salas: já alguns convidados querem retirar-se e não podem despedir-se...

MARQUEZA. Tão cedo!

BARONEZA. Deixe-os fallar: vou prendel-os; sabe de que maneira? fazendo dançar outra vez Kourakar! (*Kourakar ainda que sentado faz um passo.*) Principe! Torna-se preciso o seu merecimento! (*Kourakar ergue-se d'um salto.*) Que ligeireza! que agilidade!

GUILHERME. Vamos dar esta boa noticia! (*Dá o braço á baroneza.*)

MARQUEZA. (*A Kourakar.*) Quero d'esta vez associar-me ao enthusiasmo geral! (*Kourakar dá o braço á Marqueza e a conduz dançando.*) Perdão! Misericordia! leva-me pelo ar!

Baroneza. (*Rindo.*) É assim que é moda passeiar no Caucasso! (*Sáe com Guilherme pelo fundo.*)

SCENA III

Beatriz, só

Disseram-se que o tio Paulo chegára ao palacio durante a trovoada... Bem desejava vel-o! interrogal-o a respeito d'aquelle encontro no moinho!

SCENA IV

Tio Paulo, e Beatriz

Tio Paulo. (*Entrando pela esquerda.*) Ai! aqui está a minha menina... (*Parando pasmado.*) Ah! ah! e...

Beatriz. (*Rindo.*) Que é tio, Paulo?

Tio Paulo. O que é... é que nunca tinha visto a minha menina vestida para baile... vejo-a agora... e bonita a valer!

Beatriz. (*Rindo.*) Temos comprimentos, senhor tio Paulo?

Tio Paulo. Boa admiração! Como se alguem podesse ver a menina sem ficar logo namorado. (*Movimento de Beatriz.*) É o que me dizia ainda agora o sugeito que acompanhei ao palacio! (*Jorge entra pela direita.*)

Beatriz. Conhece-me?

Tio Paulo. E mais a menina a elle?

Beatriz. Eu!

Tio Paulo. (*Mostrando Jorge.*) Veja se minto! Sim! diga-me se minto?!

SCENA V

Os mesmos, e Jorge

Beatriz. (*Voltando-se e vendo Jorge.*) O senhor conde Jorge de Payalvo!

Jorge. Silencio! por Deus lhe peço! só v. ex.ª n'esta casa sabe o meu nome!

Beatriz. E se deixarem de o ignorar, sr. conde! Que imprudencia!

Jorge. Teria tentado tudo para a tornar a ver!

Beatriz. (*Interrompendo-o.*) Veja que não estamos sós!

Tio Paulo. Não façam caso. Eu não oiço! Estou a ver os paineis! (*A Jorge.*) Ande lá! *Vae ao fundo ver os retratos, mas observa e escuta o que se passa.)*

Jorge. Este homem é-lhe extremamente affeiçoado, minha senhora, contei-lhe tudo! (*Movimento de Beatriz.*) Póde dizer-se em voz alta os meus projectos, sr.ª D. Beatriz! Sei o que ha de extraordinario na maneira por que me estou conduzindo; mas se precisava dizer-lhe que a adorava!

Beatriz. Senhor conde!

Jorge. Oh! o meu amor não lhe pede senão o direito de esperar...

Tio Paulo. Bravo! senhor!

Beatriz. (*Voltando-se.*) Que?!

Tio Paulo. Não é nada! Estou fallando dos paineis! Estão famosos estes individuos! (*Vê-os de mais perto.*)

Jorge. E nem me dirá ao menos que consente que a veja... e lhe falle?

Beatriz. (*De olhos baixos.*) Mas... bem vê que é uma liberdade essa... que se escusa pedir!

Jorge. (*Vivamente.*) Concede-me então que fique?

Beatriz. Bem sabe que não é minha esta casa... E visto que a marqueza o recebeu...

Jorge. Mas se houver outro que, mais feliz do que eu, lhe mereça...

Beatriz. (*Vivamente.*) Outro!... quem lhe podia dizer tal!

Jorge. Sou então o primeiro?...

Tio Paulo. (*Que se aproxima insensivelmente.*) E bom será que seja o ultimo!

Beatriz. Que!

Tio Paulo. Já agora! assim como assim! saiu-me a palavra da boca... não estou para a recolher! (*A Beatriz.*) Tudo que disse o senhor conde é a pura verdade... Estive a ouvir sem querer! E mais, ainda elle lhe não disse tudo; não lhe disse que a sua familia o queria casar com uma menina de 18 annos.

Jorge. Tio Paulo...

Tio Paulo. Uma menina de 18 annos, com uma *veronica* de todo o appetite e dois olhos d'este tamanho... (*Mostra um dedo*) e mais d'um milhão de dote! (*Movimento de Beatriz.*) E recusou cá o menino! recusou por seu respeito!

Jorge. (*Querendo calal-o.*) Por quem é, tio Paulo!

Tio Paulo. Deixe lá! a menina hade gostar d'isto! porque ella tambem não se tinha esquecido do senhor!

Beatriz. (*Áparte.*) Que está elle dizendo!?

Tio Paulo. Quando o viu no moinho, deu logo um grito de alegria...

Beatriz. Tio Paulo?!

Tio Paulo. Não... eu disse de alegria? De admiração é que eu queria dizer! Não me tinha lembrado que era de admiração!

Jorge. É isto verdade? se o é, não consentirá que...

Beatriz. (*Vivamente.*) Perdão! a marqueza deve estar inquieta pela minha ausencia... e admirar-se tambem de não ver o senhor conde...

Jorge. Não me permitte acompanhal-a?

Beatriz. Senhor conde!... (*Dá-lhe a mão, ouve-se dentro a orchestra do baile.*)

Tio Paulo. (*Áparte.*) Isto vae bem bom! isto vae bem bom!

Quiteria. (*Fóra.*) Anda por ahi dentro, André.

Tio Paulo. É a voz da Quiteria...

Beatriz. Meu Deus! se me conhecer...

Tio Paulo. Por esta não esperava eu! emfim receba-se o inimigo com coragem e astucia!

SCENA VI

Os mesmos, Quiteria (Entrando pelo fundo)

QUITERIA. (*Ao bastidor.*) Pobre André! (*Vendo Beatriz.*) Ai! muito boa noite, menina!

BEATRIZ. Julgava-te no Barrocalvo?!

QUITERIA. Pois não! bom tempo estava para isso! Pensei que era o fim da minha vida! se a menina presenciasse a trovoada! Aquillo eram trovões e relampagos por dá cá aquella palha! Choveu tanto ou tão pouco que vae uma cheia na varzea, que Deus nos acuda! A ponte já lá vae por ares e ventos!

TIO PAULO. Que tal, hein?

QUITERIA. E depois o burro do padrinho tomou medo aos relampagos, e ainda agora principia ás revira-voltas... (*Faz o movimento do burro voltando em redor de Jorge que se volta tambem para não ser conhecido. Quiteria admirada.*) E esta! este senhor está fazendo movimentos que me está a parecer o Nigromante!

BEATRIZ. Deves ir deitar-te, Quiteria...

QUITERIA. Eu não tenho somno, menina!

BEATRIZ. Mas hasde vir cançada...

QUITERIA. Isto já passou!

BEATRIZ. Apesar d'isso, vá-se deitar, entre para o seu quarto!

QUITERIA. Como a menina manda...

JORGE. (*A Beatriz.*) Venha! (*Dá-lhe a mão.*)

QUITERIA. (*Agarrando um leque que está sobre a mesa.*) Ó meu senhor olhe este leque da menina...

JORGE. (*Voltando-se irreflectidamente.*) Dê cá!

QUITERIA. (*Recuando pasmada.*) Ah! (*Jorge e Beatriz saem pelo fundo.*)

SCENA VII

Quiteria e Tio Paulo

QUITERIA. (*Correndo atraz de Jorge.*) É possivel!

TIO PAULO. Que é?

QUITERIA. Jesus! a mesma voz... excepto a gravata! o mesmo nariz... e de casaca preta!

TIO PAULO. Um nariz de casaca preta! que estás tu a dizer?

QUITERIA. Estou dizendo que este senhor é o moço do padrinho Grazina! e aposto que o André hade-o conhecer tambem como eu...

TIO PAULO. Estás doida!

QUITERIA. Vou chamar o André!

TIO PAULO. Estás tola? (*Segurando-a.*) Cala a boca!

QUITERIA. Então sempre eu fallo verdade?

TIO PAULO. (*Áparte.*) Melhor é dizer-lhe tudo!

QUITERIA. É o moço do moinho!?

Tio Paulo. Não: é o conde Jorge de Payalvo!

Quiteria. Hein! pois o Jorge que tambem me roçava a aza é conde!

Tio Paulo. É: os ramalhetes na janella do quarto de azulejo...

Quiteria. Ós-pois?

Tio Paulo. São lá postos por elle!

Quiteria. Então está elle aqui por meu respeito?

Tio Paulo. Por teu...

Quiteria. Pois se eu é que durmo n'esse quarto...

Tio Paulo. (*Áparte.*) Melhor ainda! (*Alto.*) Sim! é por tua causa: dizes muito bem!

Quiteria. Então elle tinha-se disfarçado?

Tio Paulo. Para te ver!

Quiteria. E veio cá ao palacio...

Tio Paulo. Para estar mais perto de ti!

Quiteria. Ora! ora! ora! O demonio sempre as tece!... Mal-sonha o André, mal sonha!

Tio Paulo. Ainda tu estás ahi, e quem sabe lá se vaes ser condessa!

Quiteria. (*Contentissima.*) Oh! condessa! Caspite! Oh! meu rico tio Paulo sempre lhe digo que havia de ser muito *tafula!* E eu já em palacio a dizer aos criados: — Ó fulano chega a sege!

Tio Paulo. Mas para conseguires o teu fim é preciso fazeres que não conheces o conde! isto de namorar tem seus preceitos, e tu sabel-os tão bem como eu! é preciso não se andar a metter á cara dos homens!

QUITERIA. E se o André o conhecer?

TIO PAULO. Pois elle não voltou para o casal?

QUITERIA. Nada! Eu tinha-lhe dito que ficasse elle no palacio, coitado chovia a cantaros.

TIO PAULO. Pois como agora já não chove é pôl-o a caminho.

QUITERIA. Vou-me zangar com elle, para ver se o ponho a andar!

TIO PAULO. É o caso: ahi vem gente: vou-te ajudar a livrares-te d'elle?

QUITERIA. Ah! tio Paulo, se eu ainda fôr condessa, heide dar-lhe a você um fato novo, calças, colete, e jaqueta!

TIO PAULO. E sapatos?

QUITERIA. Debruados de pelle de coelho! hãode ser debruados de pelle de coelho! (*Saem pela esquerda.*)

SCENA VIII

Guilherme entra dando o braço a Beatriz. A **Marqueza** segue-os dando o braço a Jorge, e a **Baroneza**

GUILHERME. (*A Beatriz.*) Ao menos aqui, poderemos respirar!

BEATRIZ. (*Olhando para traz para ver se Jorge apparece.*) Para que havia de incommodar-se, meu primo! (*Áparte.*) Elle!

JORGE. (*Á marqueza.*) A sr.ª marqueza teria preferido ficar nas salas...

Marqueza. De modo algum, tenho o maior gosto em lhe fazer ver a nossa galeria de familia!

Jorge. (*Distrahido, olhando Beatriz.*) Não ignoro que os do Valle d'Arruda são do mais fino sangue portuguez, minha senhora!

Marqueza. (*Áparte.*) É em extremo delicado, este cavalheiro!

Guilherme. (*Á baroneza.*) Que é feito do seu principe, minha boa tia?

Baroneza. Tive de o deixar em companhia de quantas qualidades de licor pôde apanhar! Está cercado de copinhos! Tudo deseja provar!

Marqueza. Com tanto que não se exceda no estudo dos espiritos! (*A marqueza foi sentar-se n'uma cadeira á direita. Jorge encostado ás costas da cadeira; Beatriz junto á mesa da esquerda, arranjando flores e olhando Jorge: Guilherme perto d'ella, a baroneza no centro.*)

Guilherme. Logo que complete a sua educação deve fazer-lhe um casamento?!

Baroneza. Longe do seu paiz! que remedio, menos feliz do que tu que encontras a felicidade na tua propria familia! (*Jorge sobresalta-se.*)

Beatriz. (*Áparte.*) Que!

Baroneza. (*Olhando-a.*) Então! minha pombinha, não val a pena de se fazer córada por tão pouco!

Beatriz. Corada? Asseguro-lhe que ignoro o motivo!

Baroneza. Ora não abaixe os olhos.

BEATRIZ. Eu! Está enganada, minha senhora!

MARQUEZA. Por quem é, baroneza!...

BARONEZA. Que foi? fallei de mais! Não me admira! Tem-me succedido isso centos de vezes! (*A Guilherme.*) O primo desculpa. (*Á marqueza.*) E a marqueza tambem! (*A Jorge.*) Em quanto a este senhor, estou certo que não hade contar nada a ninguem.

JORGE. (*Perturbado.*) Se é verdade o que disse!... De certo que...

BARONEZA. Deixemo-nos disso: vae-se dançar outra vez; o principe está á minha espera: v. s.ª quer dar-me o seu braço até ás salas?...

JORGE. (*Perturbadissimo.*) Estou á disposição de v. ex.ª

MARQUEZA. (*Baixo a Jorge.*) É mais bonito retirarmo-nos. Estamos servindo de incommodo aos namorados! (*Sae com Jorge.*)

SCENA IX

Guilherme, Marqueza e Beatriz

BEATRIZ. (*Áparte.*) Estará fallando serio?

MARQUEZA. (*Baixo a Guilherme.*) É magnifica a occasião para te explicares! (*Guilherme vae fechar a porta do fundo: a marqueza aproxima-se de Beatriz.*) Vejo que a imprudencia da baroneza a perturbou, menina.

BEATRIZ. Realmente me surprehendeu!

GUILHERME. Pela minha parte, quizilou-me, por ter sido diante d'um estranho!

MARQUEZA. Isso prova, meu filho, que as posições incertas são sempre falsas! É claro que as tuas intenções para com tua prima já são observadas, e é impossivel continual-as sem as justificar!

GUILHERME. Bem sabe que é esse o meu maior desejo! se até agora tenho guardado silencio é porque quiz conhecer minha prima, e merecel-a! Mas se as minhas palavras lhe não teem feito conhecer o meu amor, pelo menos as minhas acções o teem demonstrado!

BEATRIZ. O seu amor! É possivel!

MARQUEZA. Duvida porventura?!

BEATRIZ. Eu, minha senhora!

MARQUEZA. (*Aproximando-se.*) Porque motivo é então esse embaraço? A escolha de meu filho é conforme aos meus desejos... e penso que não contraría os da menina!

BEATRIZ. (*Perturbada.*) Perdão, sr.ª marqueza... mas esta declaração é para mim tão inesperada!

GUILHERME. (*Vivamente.*) Por acaso hesita!

MARQUEZA. (*Vivamente.*) Seria impossivel! Até a sua reputação lhe não permitte hesitar!

BEATRIZ. Porque?

MARQUEZA. A liberdade que teem tido é um compromisso para com o publico! Já é tarde para oppôr um capricho a um projecto convencionado e

necessario! Não espere que eu mude de tenção! Este casamento hade fazer-se porque o exijo!

Beatriz. Ah! Perdão, sei o respeito que devo á sr.ª marqueza, mas tambem sei o que devo a mim propria! Julguei que o meu silencio fosse comprehendido mas visto queme obrigam a responder...

Guilherme. Que dirá?

Beatriz. Que recuso!

Marqueza. Ah!

Guilherme. Bem vê, minha mãe, deve ser talvez o motivo de tudo isto o combater eu no espirito de minha prima alguma comparação desfavoravel! *Beatriz sobresalta-se.*) Está vendo que adivinhei!

Marqueza. É então verdade, menina?

Guilherme. Mas não ficará impune, esse por cuja causa se me faz tão injurioso acolhimento! Dar-me-ha conta elle dos meus projectos destruidos e o logar ficará inteiro a um de nós!

Beatriz. Jesus!

Marqueza. Está ouvindo, menina? Um escandalo, um duello!

Guilherme. Minha mãe, por quem é...

Marqueza. Não! não! (*Áparte.*) hade ceder! (*Aproximando-se a Beatriz.*) Espere-me aqui: não tardarei a apparecer-lhe de novo, e o que agora recusa hade logo pedir-m'o de joelhos!

Beatriz. (*Áparte.*) De joelhos!

Marqueza. Espere-me! (*Sáe com Guilherme pelo fundo.*)

SCENA X

Beatriz (Só)

Beatriz. Que diz ella! serão ameaças?! E que posso eu receiar? Deus meu! nem um parente que me aconselhe, nem um amigo que me valha! Ó minha mãe porque não estás ainda viva para me defenderes! Perdi-te antes de te conhecer e só me ficou de ti esta lembrança, ametade d'este annel! (*Beija a metade do annel que tem no dedo*) que me annunciava um protector! Ao menos para o seu retrato que estes queriam expulsar da familia soube eu encontrar um logar... escondido! Ali! (*Vae ao retrato do senhor de Villa Marim, e carregando n'um botão occulto, o retrato vira-se e deixa ver o da senhora de Villa Marim que estava occulto.*) Oh! agora te posso contemplar, minha mãe, e resar-te como ao meu anjo da guarda!

SCENA XI

Beatriz e tio Paulo (Entrando pela esquerda)

Tio Paulo. (*Sem ver Beatriz.*) Eu proprio acompanhei o André por essa estrada fóra! Já lá vae! Agora é preciso prevenir a menina... (*Vendo-a.*) Ah! nem de proposito!

BEATRIZ. (*Erguendo-se assustada.*) Alguem!

TIO PAULO. (*Correndo a ella.*) Que é isso que tem!

BEATRIZ. Eu!

TIO PAULO. Está com os olhos arrazados de lagrimas! Estava de joelhos diante d'este retrato! Este retrato... (*Dando um grito ao ver a pintura.*) Ah!

BEATRIZ. (*Admirada.*) Que é?

TIO PAULO. É ella!

BEATRIZ. Conheceu minha mãe? (*Correndo a elle.*) Porque m'o não tinha dito!

TIO PAULO. Sim... prometti... jurei...

BEATRIZ. Oh! falle!

TIO PAULO. (*Recuando.*) Não! é impossivel!

BEATRIZ. Tio Paulo, meu bom tio Paulo...

TIO PAULO. Não! não posso! Deixe-me! Nunca! (*Desapparece pela porta da direita.*)

BEATRIZ. (*Só.*) Foge! Então sabe elle um segredo que me não quer dizer! Oh! heide obrigal-o a fallar! (*Vae para sair.*)

SCENA XII

A Marqueza e Beatriz

MARQUEZA. Fique, menina!

BEATRIZ. A marqueza!

MARQUEZA. Prometti-lhe voltar e aqui me tem! Espero ainda que reflectisse durante a minha ausencia...

Beatriz. Na perturbação em que me encontrei recorri áquella cuja memoria é para mim como uma segunda consciencia! minha mãe!

Marqueza. (*Vendo o retrato.*) Que vejo! o retrato da sr.ª de Villa Marim! Creio que prohibi...

Beatriz. Bem sei! e é por isso mesmo! que me lembro que um dia o meu retrato possa egualmente desdoirar a galeria historica da sua nobre familia, e que o meu sangue plebeu me torne indigna de figurar entre ella!

Marqueza. Além da recusa, quer tornar-se nossa inimiga, pelo que estou vendo!?

Beatriz. Quero apenas guardar a liberdade de escolher aquelle que me hade dar o seu nome: não faço mais do que reclamar um direito de justiça!

Marqueza. Pois bem! Já que assim o quer... seja! A posição que tem, a fortuna que tão orgulhosa a torna, o nome de que se serve, nada lhe pertence!

Beatriz. Como?

Marqueza. O senhor de Villa Marim tinha morrido um anno antes do seu nascimento! A menina não é sua filha.

Beatriz. Que está dizendo! Minha mãe... minha mãe... (*Recuando diante do retrato.*) Ah!... é falso, senhora!

Marqueza. Falso! Visto que deseja provas...

Beatriz. (*Precipitando-se a ella.*) Tem provas?

Marqueza. (*Mostrando-lhe um papel.*) Conhece esta letra?

BEATRIZ. É a letra de minha mãe!

MARQUEZA. Leia!

BEATRIZ. Mas que carta é esta? donde veio esta carta?

MARQUEZA. Leia!

BEATRIZ. (*Lendo.*) «Estou no palacio com a nossa filha. Venha logo que possa, e não commetta a menor indiscrição. Todos ignoram a morte do senhor de Villa Marim e julgam Beatriz ser filha d'elle... (*Beatriz pára. A marqueza faz-lhe signal para continuar: ella acrescenta em voz fraca.*) Lembre-se que a menor imprudencia póde descobrir tudo! *D. Guiomar.*»

MARQUEZA. Acredita agora?

BEATRIZ. Minha mãe... Oh! não... é impossivel! li mal...

MARQUEZA. Esta carta foi encontrada nos papeis do mordomo Ruy Trancoso, cuja dedicação por sua mãe agora se explica.

BEATRIZ. (*Cobre os olhos e deixa-se cair n'uma cadeira.*) Oh! Deus meu! Deus meu!

MARQUEZA. Portanto não é a mim que se deve accusar de falsidade, mas aquella que usurpou para a menina um nome que não tem o direito de usar. uma fortuna que nos pertence a nós! e para provar a todos esta mentira, bastará que eu diga uma palavra!

BEATRIZ. (*De mãos erguidas.*) Oh! a senhora não a dirá!

Marqueza. A isso me obrigou! Esperava confundir os seus interesses com os de Guilherme e alcançar que essa que não póde dizer-se minha sobrinha, podesse ser legitimamente minha filha! Não o quiz! Pois então faremos valer os nossos direitos: o meu advogado está lá dentro, vou fallar-lhe n'este mesmo instante, e elle irá, tendo na mão esta carta, exigir a herança que se nos tirou!

Beatriz. — Oh! a sr.ª marqueza não ha de fazer tal! Por tudo quanto tem amado lhe peço! A senhora tem um filho, supponha que é elle que está no meu logar implorando pela honra de sua mãe!

Marqueza. Deixei-lhe escolher entre este casamento e um escandalo: preferiu o escandal-o!... Tudo está acabado entre nós! (*Movimento de sair.*)

Beatriz. (*Indo á porta, e abrindo os braços.*) Oh! escute-me, oiça-me, fique!

Marqueza. Sou esperada pelo tabellião, menina!

Beatriz. Já que é implacavel, e visto que eu tenho de renunciar á liberdade das minhas affeições e á minha felicidade... (*Cáe de joelhos.*) Salve ao menos a honra de minha mãe, e faça de mim o que lhe aprouver.

Marqueza. Consente! Ah! levante-se! Não ha de arrepender-se! (*Corre ao fundo e toca uma campainha.*) É preciso dar a noticia a seu primo!

Beatriz. Que faz?

Marqueza. (*Ao criado.*) Previna o sr. Guilherme, a sr.ª baroneza, todos os convidados...

BEATRIZ. (*Abatida.*) Oh! ao menos esta noite guarde-me o segredo...

MARQUEZA. Porque... Não temos cá senão visinhos, amigos antigos.

BEATRIZ. Sr.ª marqueza, supplico-lhe.

SCENA XIII

As mesmas, Guilherme, a baroneza, depois **Jorge e os convidados**

MARQUEZA. (*A Guilherme.*) Vem, meu filho, pódes já agradecer a Beatriz.

GUILHERME. Será possivel! Ah! minha prima... (*Beija a mão de Beatriz, Jorge entra.*)

BEATRIZ. (*Retirando vivamente a mão, áparte.*) O conde Jorge!

BARONEZA. A querida marqueza vae dar-nos certa noticia!

MARQUEZA. Que as suas indiscrições de ainda ha pouco não deixam por mais tempo conservar secreta.

BARONEZA. Então, sempre eu tinha adivinhado!

MARQUEZA. Já esta noite annuncío o proximo casamento de meu filho e da sr.ª D. Beatriz de Villamarim!

JORGE. Céos!

BEATRIZ. (*Recuando até uma cadeira.*) Ah!

JORGE. O casamento da sr.ª D. Beatriz... (*Começa a ouvir-se debilmente uma walsa na salas do baile.*) Ouviria eu bem?

GUILHERME. Ouviu perfeitamente, senhor!

JORGE. Oh! é necessario que s. ex.ª m'o diga propriamente a mim!

MARQUEZA. Que significa!

GUILHERME. (*Avançando.*) Perdão! este senhor é sem duvida um parente ou um amigo! se se dignasse dizer-nos o seu nome!

JORGE. (*Hesitando.*) O meu nome!

GUILHERME. (*Ironicamente.*) Se acaso não é dos que não podem dizer-se em voz alta!

JORGE. Chamo-me Jorge de Payalvo...

BEATRIZ. (*Áparte.*) Jesus!...

BARONEZA. (*Espantada.*) Que oiço?

MARQUEZA. O sr. de Payalvo n'esta casa!

GUILHERME. Julgo comprehender a que devemos a honra de uma visita tão inesperada! O sr. conde provavelmente tinha encontrado minha prima em Lisboa?

JORGE. Verdade é, senhor. Não procurarei occulcultar mais tempo sentimentos que adivinhou... Mas até esta declaração me dá direitos a uma explicação...

GUILHERME. Uma explicação!

JORGE. Ha pouco ainda, julguei realisadas as minhas esperanças...

MARQUEZA. O sr. conde?!

JORGE. E a sr.ª D. Beatriz dirá se me enganei!

GUILHERME. Senhor.

JORGE. Sei quanto similhante pergunta é extraordinaria e inconveniente, mas estou prompto a aceitar

todas as consequencias da minha ousadia... Peço unicamente uma resposta...

MARQUEZA. O sr. conde certamente...

JORGE. É com a sr.ª D. Beatriz que estou fallando, sr.ª marqueza. (*O tio Paulo apparece á porta da esquerda.*) Será verdade que v. ex.ª consentiu n'este casamento com o sr. Guilherme do Valle d'Arruda?

TIO PAULO. (*Áparte.*) Hein? que diz elle?

JORGE. (*Aproximando-se de Beatriz.*) Por tudo que no mundo preza, responda-me, sincera e franca!

BEATRIZ. (*Balbuciando.*) Sim... é verdade!...

TIO PAULO. (*Áparte.*) Oh! meu Deus!

JORGE. E consentiu livremente?

BEATRIZ, Livremente!

MARQUEZA. Ouve, sr. conde?

JORGE. (*Abatido.*) Ouvi, minha senhora Enganei-me! enganei-me cruelmente! (*Musica nas salas, os sons chegam debilmente.*) Rogo á sr.ª marqueza de quem me despeço, que receba as minhas desculpas.

BEATRIZ. (*Tremula.*) Oh! é de mais! (*Procura uma cadeira, e cáe desmaiada. Todos a rodeiam: Jorge vae sair pelo fundo, tio Paulo fal-o parar.*)

TIO PAULO. Não lhe perca as esperanças! Ámanhã lá o espero no casal!

ACTO III

Casa de um pastor: construcção rustica. Porta ao fundo, tendo uma janellinha á direita, e á esquerda uma chaminé em que se vê uma espingarda pendurada. Á direita do espectador, alcova com cortina de chita que está corrida. Porta do mesmo lado. Outra porta á esquerda: mesa no fundo ao pé da chaminé.

SCENA I

André (Entrando pela esquerda ao bastidor.)

André. Ó cão de dez diabos, toma-me sentido nos carneiros, põe-te em ar de patrulha á roda do rebanho, isso, isso! Ora, bom é que me percebas. Grande coisa é ter a gente um cão para fazer as nossas vezes! Principalmente quando se tem a razão a juros, e o coração por ares e ventos! Desde que tomei este namoro já não me occupo dos animaesinhos, não penso senão em mim! Aquelle demo da Quiteria sempre é rapariga de circumstancia! O que não a ajuda é o mau genio que tem! Pois então hontem não pega a ralhar comigo, dizendo-me que se eu houvera tido cautela não se teriam molhado as trouxas, como se a cautela podesse supprir um chapéo de chuva! Certo é que abalei por ahi fóra, e não volto ao palacio. Não volto! quero fazer-lhe sentir que sou *home* de capricho e que passo bem sem ella! Quando a gente tem duzentos carneiros e dois cães, escusa procurar outra sociedade!

SCENA II

André e Quiteria

Quiteria. (*Fóra.*) Ó André!

André. Quem é que me chama?

Quiteria (*Fóra.*) André!

André. É a voz de Quiteria. (*Vae olhar pela janella do fundo.*) Olha para ella, anda á minha procura! Tate! É preciso guardar o meu bocado de capricho!

Quiteria. (*Apparecendo á porta.*) André? Ah! estás ahi! Então estás surdo ou mudo! Porque é que não respondias!

André. (*Que se foi sentar de braços crusados e sem se voltar.*) Quem é que me dirige a palavra? Não tenho tempo para palestras. Estou em negocios...

Quiteria. Hein! Está em negocios? E porque foi que não levaste o leite de cabra esta manhã á sr.ª marqueza?

André. (*Voltando-se.*) Passou a noite em balancé e então é natural que ainda esteja a dormir!

Quiteria. Qual! Ha hoje uma caçada e os fidalgos vão ver.

André. Por isso eu vi esta madrugada, ainda nem o sol apparecia, um senhor que vinha do palacio e que entrou no pinhal.

QUITERIA. Baixo?

ANDRÉ. Sim.

QUITERIA. Com uma capa?

ANDRÉ. Sim.

QUITERIA. Era elle.

ANDRÉ. Elle quem?

QUITERIA. O viandante que o tio Paulo conduziu durante a tempestade!

ANDRÉ. Então foi-se embora sem dormir?

QUITERIA. Pudéra, conheceram-no!

ANDRÉ. Ah! conheceram-no, então quem era?

QUITERIA. O conde do Payalvo!

ANDRÉ. Olé, um dos inimigos da familia!

QUITERIA. Por isso se foi embora!

ANDRÉ. E para onde é que elle foi?

QUITERIA. Isso agora é que eu não sei, deve andar aqui pelo sitio! talvez no moinho...

ANDRÉ. Com tanto que elle se fosse embora!

QUITERIA. Pois não! Ia apostar que ficou por estes sitios... Tem para isso suas razões particulares!

ANDRÉ. Ah!

QUITERIA. Tomara eu saber para onde elle iria?

ANDRÉ. Você!

QUITERIA. Não é por mim... É por causa da sr.ª marqueza... E por isso é que eu vim ter comtigo, Andrésinho! Tu és tão bonito quando queres...

ANDRÉ. Então quero sempre!

QUITERIA. Sim? Pois então é ires ao logar informares-te se viram o conde.

André. Ao logar? Ora adeus, isso leva muito tempo.

Quiteria. (*Fazendo-lhe festas.*) Ó André, anda vae, não ha outra pessoa que me faça este serviço senão tu!

André. Por isso é que me dás a preferencia!

Quiteria. Ora decida-se, vamos decida-se! (*Batendo-lhe nas faces.*) Faça uma bochechinha, ande, faça uma bochechinha!

André. (*Fascinado.*) He... he... Isto sempre tem que se lhe diga!

Quiteria. Vaes pela eira e passas pela horta, sim?

André. (*Forte, tomando-a nos braços.*) Sim! pois sim! Fazes de mim tudo quanto queres! tens artes diabolicas, bem se vê que usas figa ao pescoço pára tirar quebranto! Grande mulher, grande peixe! olhem para esta mão! (*Beija uma das mãos de Quiteria.*)

Quiteria. E se o conde não estiver lá, agarras em ti e vaes até ao moinho!

André. (*Tomando a outra mão de Quiteria e beijando-a.*) Isto sempre tem duas mãos!

Quiteria. E depois, pelo sim, pelo não, querendo, sáes do moinho, vaes dar uma vista d'olhos á estalagem! (*André beija-lhe as duas mãos a um tempo.*)

SCENA III

Os mesmos e tio Paulo

Tio Paulo. (*Vendo-os.*) Não se incommode, senhor, deixe-se estar a seu gosto!

QUITERIA. (*Tirando as mãos.*) Ah! o tio Paulo!

TIO PAULO. Podem continuar a sua conversação!

QUITERIA. Já se acabou: estava fazendo uma emcommenda ao André!

TIO PAULO. E elle quiz talvez que lh'a pagassem adiantada!

ANDRÉ. Tal qual como está dizendo; por isso agora a vou cumprir n'um pulo!

QUITERIA. Aqui o espero, ouviu?

TIO PAULO. (*Áparte.*) Espera aqui?! que tal! São quasi oito horas: o conde e a menina não podem tardar... É preciso pôl-a d'aqui para fóra!

ANDRÉ. (*Que foi ao fundo procurar.*) Onde estará mettido o meu chapéo! Preciso achar o meu chapéo! (*Entra a direita.*)

QUITERIA. Despacha, homem! (*A tio Paulo.*) Elle vae saber onde está o sr. conde do Payalvo.

TIO PAULO. Ah! o conde de Payalvo é quem elle procura?!

QUITERIA. (*Vivamente.*) Querem ver que vocemecê que o viu?

TIO PAULO. (*Em confidencia.*) Larguei-o ainda não ha dez minutos...

QUITERIA. Onde?

TIO PAULO. Ao pé da tenda da Mafalda, está na alameda?

QUITERIA. Na alameda?

TIO PAULO. Elle quer-te fallar, e quanto antes!

QUITERIA. E eu aqui a perder tempo com o pateta do André!

ANDRÉ. (*Apparecendo com o seu chapéo.*) Está prompto, Quiteria, já cá está o chapéo! Vou-me a elle até ao moinho.

QUITERIA. Já não é preciso, póde-se deixar ficar!

ANDRÉ. Hein?

QUITERIA. Quiz ver que casta de homem você era, mas como se faz rogar para qualquer coisa, guarde os seus merecimentos!

ANDRÉ. Os meus merecimentos?

QUITERIA. Póde ir cuidar dos carneiros, v. s.ª sr. D. André do chocalho! *(Sáe pelo fundo.)*

SCENA IV

Tio Paulo, e André

ANDRÉ. Então ella vae-se embora! Ó tio Paulo, diga-me d'ahi alguma coisa, isto é uma mó de moinho que me caiu na cabeça! Diga d'ahi alguma coisa, creio que principio a estar tolo?

TIO PAULO. Não principias, não com certeza!

ANDRÉ. (*Cravando o chapéo pela cabeça abaixo.*) Ai! ella quer brincadeira! Tão depressa diz alhos com diz bogalhos! Pois vá lá procurar o sr. conde dos Payalvos, que eu já não arredo d'aqui um passo.

TIO PAULO. (*Áparte.*) Hein? agora é este que não se quer ir embora! (*Alto.*) Rapaz muda de systema!

As mulheres quando a gente as procura é quando ellas fogem de nós.

André. Ora essa! são como o cão do Vicente!

Tio Paulo. Se queres que a Quiteria morra por ti finge que gostas d'outra.

André. É bem dito! Vou dar o cavaco por umas poucas! heide roçar a aza a quantas topar! E começo já hoje com a Brites, a ceifeira que anda nas terras do João Crisostimo, uma que não tem este olho (*Mostra o olho esquerdo.*)

Tio Paulo. Agora a vi eu na eira; leva tu para lá os carneiros e deixa correr o caso!

André. Meu dito, meu feito, e mais você verá! Não seja eu André se a coisa não vae ser fallada! (*Sáe pela esquerda.*)

SCENA V

Tio Paulo (Só)

Tio Paulo. Finalmente foi-se embora! Era tempo! Eis o conde!

SCENA VI

O conde Jorge, e tio Paulo

Conde. Ah! Em sua busca andava: quiz fallar-lhe como me havia proposto antes de abandonar Alemquer!

Tio Paulo. Parte?

Conde. Dentro de instantes!

Tio Paulo. Renuncia então aos seus projectos e á menina Beatriz?

Conde. Eu! Não sabe porventura que o seu casamento com o sr. marquez do Valle d'Arruda foi publicamente annunciado hontem, e que ella propria declarou consentir voluntariamente?

Tio Paulo. E acredita logo tudo quanto ouve? Não procura defender a sua felicidade? Poem-n'o á porta do paraizo e o senhor volta-lhe as costas muito socegado da sua vida!?

Conde. Socegado! Não, porque eu queria fugir, e fiquei: queria esquecer aquella que me repelle, e a lembrança d'ella enche a minha alma!

Tio Paulo. Deveras!?

Conde. Cuido sempre vel-a, ouvil-a. Sinto a cabeça em fogo, o coração em agonia, e a febre exalta-me o sangue! Por instantes chego a crêr que enlouqueço!

Tio Paulo. (*Vivamente e com alegria.*) Bravo! bravo, senhor! temos homem!

Conde. Esta manhã ainda queria tornar a ver a sr.ª D. Beatriz, recordar-lhe as esperanças que me tinha dado, dizer-lhe que se havia tornado o unico fim das minhas acções, o unico interesse da minha vida! Que para a merecer consentiria em tudo, tentaria tudo, soffreria tudo!

Tio Paulo. Muito bem!

CONDE. Mas como heide aproximal-a senão posso voltar ao palacio?!

TIO PAULO. Pois virá ella até aqui.

CONDE. Que!

TIO PAULO. Dentro de instantes, e dir-lhe-ha então o sr. conde o que me tem estado a dizer a mim...

CONDE. Oh! não, se ella vae chegar, parto. Não devo esperal-a!

TIO PAULO. Mas se lhe estou a dizer que ella hade mudar de idéa!

CONDE. Engana-me!

TIO PAULO. Que o ama!

CONDE. Impossivel!

TIO PAULO. Se eu lhe désse uma prova!

CONDE. Uma prova!

TIO PAULO. Por acaso recúa diante de obstaculos!

CONDE. (*Vivamente.*) Oh! tivesse eu a certeza d'isso, nada poderia abater-me! Aceitaria todas as condições! Certo do futuro soffreria o presente com coragem!

TIO PAULO. (*Olhando pela porta da esquerda.*) Sim! Ora pois então vamos saber a verdade... É a menina Beatriz... Não faz conta que o veja...

CONDE. Que quer fazer!

TIO PAULO. Verá! Depressa, para alli, atraz d'essa cortina... (*Faz entrar o conde para traz da cortina da alcova á direita.*)

SCENA VII

Os mesmos e Beatriz (Entrando com precaução pelo fundo)

BEATRIZ. Está só, tio Paulo!

TIO PAULO. Perfeitamente isolado!

BEATRIZ. (*Fechando a porta com o ferrolho.*) Não pude escapar-me senão no momento em que a caçada partiu do palacio.

TIO PAULO. (*Em confidencia.*) E eu acabo de estar com o sr. conde.

BEATRIZ. (*Vivamente.*) Viu-o esta manhã!

TIO PAULO. Vio-o esta manhã queria entregar-me uma carta para a menina!

BEATRIZ. Tem-a ahi!

TIO PAULO. Nada, disse-lhe que não.

BEATRIZ. Ah!

TIO PAULO. Não fiz bem?

BEATRIZ. (*Abatida.*) Sim! de que serviria uma carta agora!

TIO PAULO. E depois aquillo havia de ser carta lamuriosa, podia entristecel-a. O rapaz parecia-me doido.

BEATRIZ. É possivel?

TIO PAULO. Mas eu tractei de a justificar dizendo-lhe que a menina já ha muito tempo que gostava do primo!

BEATRIZ. Pois foi dizer-lhe tal, Deus meu!

Tio Paulo. Era preciso inventar alguma coisa para o consolar!

Beatriz. E quem lhe encommendou que fallasse por mim ao sr. conde, e que o enganasse?

Tio Paulo. Hein?

Beatriz. (*Dolorosa.*) E elle havia de acreditał-o, e hade estar-me accusando agora!

Tio Paulo. Nada, elle não disse senão que ficasse a menina descançada, que nunca ouviria fallar d'elle!

Beatriz. E partiu outra vez para Lisboa?

Tio Paulo. Em quanto não vae para mais longe. Parece que tem lá seus parentes para a Africa, e que vae ter com elles!

Beatriz. Jesus!

Tio Paulo. Ha por lá pancadaria velha, e quando a gente está afflicta, dar e levar é uma distracção! ou se curam saudades ou...

Beatriz. Ou morre-se!

Tio Paulo. Tambem succede! E creio que essa era a idéa do rapaz!

Beatriz. (*N'uma dôr que se exalta.*) E não o reteve, tio Paulo, o senhor que parece tomar interesse por elle e por mim! Foi-lhe dizer que eu desejava um casamento a que me sujeito como á peior das desgraças, deixou-o partir desesperado, e agora nem já posso desenganal-o!

Tio Paulo. Pois se a menina não gostava d'elle?

Beatriz. Deixe-me! sabe por ventura se eu gostava ou não!

CONDE. (*Mostrando-se.*) Ah!

TIO PAULO. Agora é que a menina havia de estimar vel-o! E talvez que elle ainda não vá tão longe como lhe parece!

BEATRIZ. (*Tirando dos olhos as mãos com que os cobriu.* Que!

TIO PAULO. Se quizesse ao menos olhar!

BEATRIZ. Para onde?

TIO PAULO. Para ahi... aos seus pés! (*Mostra o conde que ajoelhou perante Beatriz.*)

CONDE. Beatriz!

BEATRIZ. (*Recuando.*) O sr. conde!

CONDE. Ouvi tudo! Intendo tudo agora!

BEATRIZ. (*Vivamente.*) Oh! erga-se!

TIO PAULO. Erga-se, homem! a gente põe-se de joelhos para pedir, e não para agradecer!

BEATRIZ. Que está dizendo, tio Paulo?!

CONDE. Oh! não retire as palavras que ainda ha pouco lhe escaparam, Beatriz! para que hade ser avarenta da esperança que me deu!

BEATRIZ. E se essa esperança, sr. conde, não puder nunca cumprir-se?!

CONDE. Como! Pois esse casamento que lhe é por tal forma odioso?!

BEATRIZ. É uma necessidade, é um dever. A promessa que dei tenho de a cumprir, embora cuide de morrer!

CONDE. Mas quem póde obrigal-a?

BEATRIZ. Não me interrogue: nada posso dizer-

lhe! É um segredo que não é só meu e que nenhum poder humano poderia fazer-me revelar! (*Movimento de Jorge e de tio Paulo.*) Oh! peço-lhe se me tem amor, seja generoso, não me pergunte mais!

TIO PAULO. (*A si proprio.*) Que se passaria?!

GUILHERME. (*Fóra.*) Deve estar no casal!

CONDE. Escute!

TIO PAULO. É a voz do Valle d'Arruda!

BEATRIZ. Meu primo! Oh! elle viu-me sair do palacio, se nos encontra juntos, tudo está perdido!

TIO PAULO. (*Mostrando a porta á esquerda.*) Por esta porta!

GUILHERME. (*Batendo á porta do fundo.*) Abram!

TIO PAULO. (*Ao conde rapidamente.*) Fique para o demorar! Eu posso fazel-a sair pela porta do quintal! (*Mostra a porta da direita.*)

CONDE. Vae! (*Tio Paulo leva Beatriz pela porta da direita.*)

GUILHERME. (*Fóra.*) Então abres ou não?

CONDE. Maior demora faria suspeitas! (*Pucha o ferrolho.*)

SCENA VIII

Guilherme, Conde, Jorge

GUILHERME. (*Entrando sem ver Jorge.*) Ora até que te resolveste, animal! (*Vendo o conde.*) Oh! mil perdões, sr. conde! (*Áparte.*) minha prima não está aqui! (*Alto.*) Procurava o pastor!

CONDE. Creio que o vi d'aquelle lado. (*Mostra a esquerda.*)

GUILHERME. (*Depois de olhar em redor de si.*) É singular! Julguei ouvir umas poucas de vozes! (*Alto.*) nesse caso o sr. conde está só?

CONDE. Está vendo que sim, sr. marquez.

GUILHERME. Melhor talvez! Encantado estou de que este encontro nos permitta explicar-nos: apartámo-nos hontem com tanta frieza...

CONDE. Verdade que assim é!

GUILHERME. Poderia queixar-me da especie de interrogatorio por que o sr. conde fez passar minha prima!

CONDE. O sr. marquez julga-se offendido?

GUILHERME. De modo algum! se se tratasse de uma questão de honra o sr. conde sabe tão bem como eu que não me metteria n'isso: não são os interessados que se occupam d'essas coisas, enviam-se as testemunhas que regula tudo, e só nos resta o trabalho de metter uma balla no corpo do nosso adversario ou de recebel-a d'elle!

CONDE. Perdão, é que pensei...

GUILHERME. Sim, contrariou-me um pouco esse facto, mas tenho-me batido tantas vezes sem motivo, que me parece chistoso ter de uma vez motivo e não me bater!

CONDE. (*Com intenção.*) Além disso, no momento de concluir um casamento que deseja abreviar, o sr. marquez pensou de certo que um duello podia

por qualquer fórma trazer-lhe uma demora não conveniente!

GUILHERME. É talvez isso! Dá gosto fallar com pessoas de espirito! Comprehendem até o que não se chega a dizer!

CONDE. Resta saber se esse casamento não terá de encontrar um obstaculo imprevisto!

GUILHERME. É um aviso que o sr. conde me faz?

CONDE. (*Saudando-o.*) Sabel-o-ha depois.

GUILHERME. (*Saudando-o, áparte.*) Maquinará alguma coisa?

CONDE. (*Áparte.*) Preciso tornar a vez Beatriz!

QUITERIA. (*Fóra.*) Digo-lhe que é muito mal feito! Sim senhor, e repito!

GUILHERME. (*Áparte.*) É a Quiteria!

SCENA IX

Os mesmos, Quiteria, e tio Paulo

TIO PAULO. Mas ouve isto que te digo!

QUITERIA. Não tenho que ouvir! asseguraram-me que o sr. conde andava na alameda, e ha uma hora que ando á cata d'elle sem ser capaz de lhe pôr a vista!

GUILHERME. Procuravas o sr. conde—ahi o tens!

QUITERIA. (*Voltando-se e vendo.*) Elle! Ah! então você tio Paulo?!

TIO PAULO. Estou-te a dizer que não me intendeste!

Quiteria. É mentira! era para me pregar uma peça! Pois eu não vi agora como você se *esgueirava* de mim quando ia com a menina Beatriz a sair pela porta do quintal!

Guilherme. Minha prima!

Tio Paulo. Não senhor, ella sabe lá o que diz!

Quiteria. Ó homem de Deus, você faz-me perder a paciencia! Pois hade negar que o vi sair do cazal com a menina!

Todos. Ah!

Guilherme. (*Áparte.*) Estava cá!

Quiteria. E dizer-me que me esperava na alameda!

Guilherme. (*Vivamente.*) Mandaram-te procurar o sr. conde?!

Quiteria. Brincadeiras do tio Paulo!

Conde. Ha equivoco de certo!

Guilherme. (*Com intenção.*) Julga isso, sr. conde?! Pois a mim parece-me ao contrario, que se intenderam excellentemente!

Tio Paulo. (*Baixo a Quiteria.*) Tagarella!

Quiteria. (*Baixo.*) Hein! então fiz mal em dizer!

Guilherme. (*Ao conde a meia voz.*) Em quanto a rapariga se affastou póde v. ex.ª ter uma entrevista com Beatriz!

Conde. Sr...

Guilherme. Intendo agora a demora em se me abrir a porta e a especie de ameaça que as suas palavras encerravam! Mas o sr. conde percebeu que

a paciencia não me sobra para consentir que alguem queira arruinar as minhas esperanças!

CONDE. Tive já a honra de advertil-o de que me tem sempre ao seu dispor!

GUILHERME. Muito bem! se concorda n'isto; dispensaremos todos os preliminares do costume!

CONDE. Seja! dentro de uma hora ao pé da varzea.

GUILHERME. Lá estarei com as minhas testemunhas.

TIO PAULO. (*Que ouviu as ultimas palavras áparte.*) Testemunhas!

SCENA X

Quiteria e tio Paulo

TIO PAULO. Deus misericordioso, vão-se bater!

QUITERIA. Bater-se, porque?

TIO PAULO. Ainda o perguntas! Depois do que acabaste de fazer! Não viste por ventura a colera em que estava o Valle d'Arruda?

QUITERIA. Quando eu disse que fui á alameda?

TIO PAULO. Quer vingar-se da preferencia concedida ao conde, e vingar-se-ha!

QUITERIA. Hein! Então elles são rivaes!

TIO PAULO. (*Impaciente.*) Está visto que sim!

QUITERIA. Rivaes! É possivel! Então gostam ambos de mim!

TIO PAULO. Que diz ella?

QUITERIA. Pois o Guilherme tambem! Este nem

me passava pela idéa! o que é a gente agradar a todos, quando mal se desprecata tem um namorado a cada canto! Por isso elles se zangaram! (*Indo a tio Paulo.*) Ó tio Paulo, mas eu o que não quero é desgostos por minha causa! E então o Guilherme que tem a mão tão certa!

TIO PAULO. (*Sobresaltando-se*) Dizes bem! ainda hontem elle se gabou d'isso! Matal-o-ha!

QUITERIA. Ai credo! Santo nome de Jesus! Matar um conde que póde casar comigo! *Abrenuncio!* Mais facil era eu resignar-me a gostar de ambos elles! Lá desafios é que eu não quero, tio Paulo!

TIO PAULO. (*Agitado.*) Não, mas para isso é preciso uma explicação... E primeiro vaes ao palacio e prevines todos...

QUITERIA. (*Correndo para sair.*) Vou n'um pulo!

TIO PAULO. (*Retendo-a.*) E á menina... (*Tira do peito uma medalha que dá a Quiteria.*) entregarás esta medalha dizendo-lhe que a abra e que veja o que contém! Logo que ella a veja, hade vir aqui! Mas vae, corre e traze-a!

QUITERIA. Já, já, tio Paulo, já, já! (*Sae a correr pela esquerda.*)

SCENA XI

TIO PAULO. Sim hade vir e hade explicar-se! Não se hade atrever a recusal-o quando souber que d'isso lhe depende a vida! Por que é a elle que ama; disse-o ainda agora, e acrescentou que o casamento

com seu primo a faria morrer! Morrer! ella morrer! não! não! emquanto eu estiver aqui e tiver estes olhos abertos! e estes dois braços para a deffenderem! (*Vae a uma mesa do fundo, agarrar no seu chapéo e no capote.*) Ajustaram-se para a varzea, pois lá estarei eu tambem! Hão-de levar armas... (*Vendo a espingarda na chaminé e agarrando-a*) pois tambem eu não heide ir sem ellas! Este duello não hade ter logar! E se persistirem em se bater, em vez de dois seremos tres! (*Vae sair pela porta da direita.*)

SCENA XII

A marqueza Guilherme, a Baroneza, e tio Paulo

MARQUEZA. Não, Guilherme: quero saber tudo! Esta pequena assustou-me a fallar-me n'um duello!

BARONEZA. E acabo n'este momento de ver passar o desembargador mais o morgado em companhia do conde, e com pistolas!

GUILHERME. Não é nada, foi um equivoco a que a mais leve explicação bastará!

MARQUEZA. Toma cuidado, meu filho!

GUILHERME. Tenho a escolha das armas!

BARONEZA. Não metam n'isso o meu principe!

GUILHERME. Póde estar socegada, dentro d'instantes heide trazer-lh'o.

TIO PAULO. (*Que se aproximou da porta do fundo ao pé da qual pôz a espingarda, impede Guilherme*

quando elle vae a sair: á marqueza.) Visto isso, a sr.ª marqueza não se oppõe a este combate?

GUILHERME. Que é isso! Este velho é singularmente atrevido!

TIO PAULO. Contem com a mestria e experiencia que tem de armas de fogo, e que já tem sido funesta a muitos outros!

GUILHERME. (*Colerico.*) Callar-te-has?

TIO PAULO. É um meio honesto e decente de assassinar um rival.

GUILHERME. (*Indo para tio Paulo com o chicote que tem na mão.*) Miseravel!

BARONEZA. (*Fazendo-o parar.*) Guilherme! (*Tirando-lhe o chicote.*)

TIO PAULO. (*Que agarra na espingarda.*) Deixe-o sr.ª priora! Quando se bate em gente como nós não se exige reparação, mas áquelle que lhes toca n'elles, matam-n'o!

MARQUEZA. (*Assustada.*) Ah!

BARONEZA. Que!

TIO PAULO. Dê o chicote ao sr. marquez para vermos... É preciso não o contrariar!

GUILHERME. Estás embriagado ou fizeste alguma aposta?

TIO PAULO. (*Depondo a espingarda.*) Uma aposta! Exacto! Apostei que a menina seria feliz! Que havia de ter um marido que casasse com ella por amor d'ella, e não pelo dote; um marido a quem ella aceitasse sem ser obrigada a isso!

Baroneza. Pois a sua escolha não foi livre, homem de Deus!

Tio Paulo. Não! Porque quando consentiu, estava a tremer e estava pallida! E vi-lhe nos olhos lagrimas que tinham medo de correr pela cara abaixo! Mas se é preciso que ella saiba a verdade, se é necessario que eu falle, fallarei!

Guilherme. Tu!

Marqueza. E que pódes dizer?!

Tio Paulo. (*Baixando a voz.*) Poderia dizer que aquelles a quem ella até hoje tem olhado como parentes não são mais do que estranhos, e não teem direito algum sobre ella!

Marqueza.
Guilherme. } Ah!

Marqueza E como soubeste?

Tio Paulo. (*Vivamente e com surpresa.*) Tambem a senhora o sabe?

Marqueza. Nem a sua protegida o ignora!

Tio Paulo. Que! a menina Beatriz!

Marqueza. Conhece já a vergonha do seu nascimento!

Tio Paulo. (*Estremecendo.*) A vergonha! Quem foi fallar-lhe de vergonha, áquelle anjo?!

Marqueza. Eu! e dei-lhe a prova! uma carta escripta por sua mãe e encontrada em casa d'Alves Palijar.

Tio Paulo. (*Com um grito.*) Ah! Então é esse o segredo da sua submissão! Armaram-se contra ella

com essa carta! ameaçaram-a de se servirem d'ella para deshonrar uma creatura que já morreu! (*Movimento com despreso amargo.*) Oh! n'isto a reconheço, sr.ª marqueza! Bem se vê que é irmã do sr. Villa Marim!

MARQUEZA. Que quer dizer?

TIO PAULO. O que a senhora queria fazer da filha foi o que elle fez da mãe, uma victima e uma escrava! Quando a guerra principiou, obrigou-a a seguil-o! Felizmente as ballas teem ás vezes juizo, uma das primeiras foi para elle!

GUILHERME. Que diz?

TIO PAULO. Nunca ninguem o soube; a sua morte conservou-se em segredo para interesse do partido, e julgou-se que elle tinha fugido para a Hespanha!

MARQUEZA. De sorte que a sua viuva ficou sem defeza!

TIO PAULO. Não: tinha perto de si alguem que sempre a amara sem o dizer, e que foi o seu guia e o seu defensor! Alimentava-a com o seu pão, sustentava-a com os seus braços, cobri-a com a sua capa! e quando ella lhe dizia: obrigada! já nem elle sentia frio, nem fadiga, nem fome!

GUILHERME. E a sr.ª de Villa Marim acabou por lhe agradar...

TIO PAULO. Havia adivinhado o amor d'aquelle que a protegia, e tivera piedade d'elle! a miseria havia-os tornado eguaes! Ambos eram proscriptos,

e absolutamente nada se oppunha ao casamento de ambos!

Marqueza. Um casamento!

Tio Paulo. Que foi celebrado em Villa Viçosa.

Marqueza. É impossivel!

Tio Paulo. (*Tirando um papel do peito.*) Aqui está o acto!

Marqueza. Que! pois tem!

Tio Paulo. Assignado pelas testemunhas, os srs. Dantas e Alves Palijar.

Guilherme. O sr. Alves Palijar testemunha! Mas então o marido... o nome d'elle?

Marqueza. (*Lendo.*) Deus meu! o rendeiro Ricardo!

Guilherme. E este rendeiro Ricardo?

Tio Paulo. Era eu!

Todos. Ah!

Tio Paulo. Eu não quiz impôr á filha o sacrificio que a mãe me fizera. O segundo casamento da sr.ª de Villa Marim ficou ignorado, a epoca da morte do conde era desconhecida, Beatriz foi olhada como filha d'elle!

Marqueza. E o senhor deixou-a viver n'um engano...

Tio Paulo. Que só a mim me affligia! Sim, sr.ª marqueza, renunciei ser pae para dar a minha filha um nome conhecido, uma posição no mundo! Ha vinte annos que me satisfaço em a seguir em segredo, vel-a de longe, vellar á sua porta como um cão fiel! Tenho-o feito sem pena e sem custo, tenho-o feito

sem me queixar, dizendo a mim proprio que é tudo para a fazer feliz! Mas se o meu sacrificio é inutil, se querem obrigar as suas inclinações, se ameaçam aquelle que ella ama e prefere a todos, então retomo os meus direitos, e hoje mesmo, sr.ª marqueza, irei reclamar minha filha ao meio dos seus convidados!

GUILHERME. Que diz elle!

MARQUEZA. Atrever-se-ia?

GUILHERME. (*Ironico e ameaçador.*) Intendo o plano do sr. Ricardo. Á força d'audacia julga meter-nos medo, mas engana-se. Não cederei ao sr. de Payalvo a mão da menina Beatriz!

TIO PAULO. Porque teria ao mesmo tempo de entregar as contas da tutela!

GUILHERME. Como sabe?

TIO PAULO. (*Vivamente.*) Mas se elle as não exigisse... se consentisse em desligar os seus bens!

MARQUEZA. Que diz?

TIO PAULO. Se para evitar vozes do mundo, eu proprio guardasse silencio!?

TODOS. Ah!

TIO PAULO. O que até hoje tenho feito, continual-o-hei! Quando minha filha estiver diante de mim tornarei a prohibir ás minhas pernas que tremam, e os meus olhos que se enterneçam. Nunca lhe chamarei pelo seu nome, nem apertarei as suas mãos entre as minhas... E se preciso fôr, morrerei sem a ter abraçado. Que mais quer? Falle! aceitarei tudo,

soffrerei tudo. Já não é por mim que vivo, mas por ella! Diga que consente no que lhe peço!

GUILHERME. É impossivel!

TIO PAULO. Impossivel! Ah! então veremos!

BEATRIZ. (*Fóra.*) Onde está elle, onde está elle?

MARQUEZA. Beatriz!

SCENA III

Os mesmos e Beatriz. (Correndo pelo fundo.)

BEATRIZ. Tio Paulo... ah! eil-o!

MARQUEZA. Que quer, Beatriz?

BEATRIZ. Oh! veja minha senhora, esta metade d'anel, legada por minha mãe acaba elle de m'a enviar!

GUILHERME. (*Áparte.*) Mau!

BEATRIZ. (*A tio Paulo.*) Como a alcançou! quem lh'a deu?

MARQUEZA. (*A Beatriz.*) Beatriz, lembre-se...

BEATRIZ. (*Impetuosamente.*) Oh! quero saber tudo! Falle, Paulo, o senhor ha de conhecer o homem a quem minha mãe entregou este anel! diga-me o nome d'elle!

TIO PAULO. E fosse elle quem fosse... não o repulsaria... aceital-o-ia, embora elle fosse um pobre desgraçado...

BEATRIZ. Desgraçado! Oh! se fosse assim, nunca, mais me apartaria d'elle! Havia de consolal-o! fallariamos de minha mãe, ensinar-me-ia a amal-a mais ainda! seria a sua companheira, e a sua filha.

Tio Paulo. (*Entendendo-se apenas.*) Sua filha! (*Todos que escutam fazem um movimento.*)

Marqueza. (*Baixo.*) Vae trahir-se! (*Falla vivamente a Guilherme.*)

Beatriz. Mas falle, Paulo! Em nome de tudo que tem amado, diga-me se eu não sou completamente orfã! Paulo, meu bom Paulo, o nome do meu pae! peço-lhe de joelhos que me diga o nome de meu pae!

Tio Paulo. (*Commovido.*) Pois bem, Beatriz... minha...

Marqueza. (*Que avança para elle baixo.*) Consentimos em tudo! (*Tio Paulo, pára como louco.*)

Beatriz. Então... estava quasi a dizel-o, Paulo! Esse protector.

Tio Paulo. Esse protector... Não deve a menina tornar a fallar n'elle... nem o deve esperar: morreu!

Beatriz. Morreu!

Tio Paulo. Mas a menina encontrou outro, que conhece e a quem ama! (*Vendo o conde á porta do fundo.*) Um protector que não ha de mais deixal-a!

Beatriz. Quem?

Tio Paulo. (*Mostrando o conde.*) O sr. conde de Payalvo!

SCENA XIV

Os mesmos e o conde Jorge

Conde. (*Aproximando-se.*) Eu!

Beatriz. Que diz!

CONDE. Ouvi eu bem! Uma tão repentina mudança será possivel!

TIO PAULO. Sim, sr. conde! O sr. marquez de Valle d'Arruda comprehendeu que não devia oppor-se mais tempo a uma preferencia, e já não deve ver n'elle um adversario! (*Tio Paulo vae ao fundo.*)

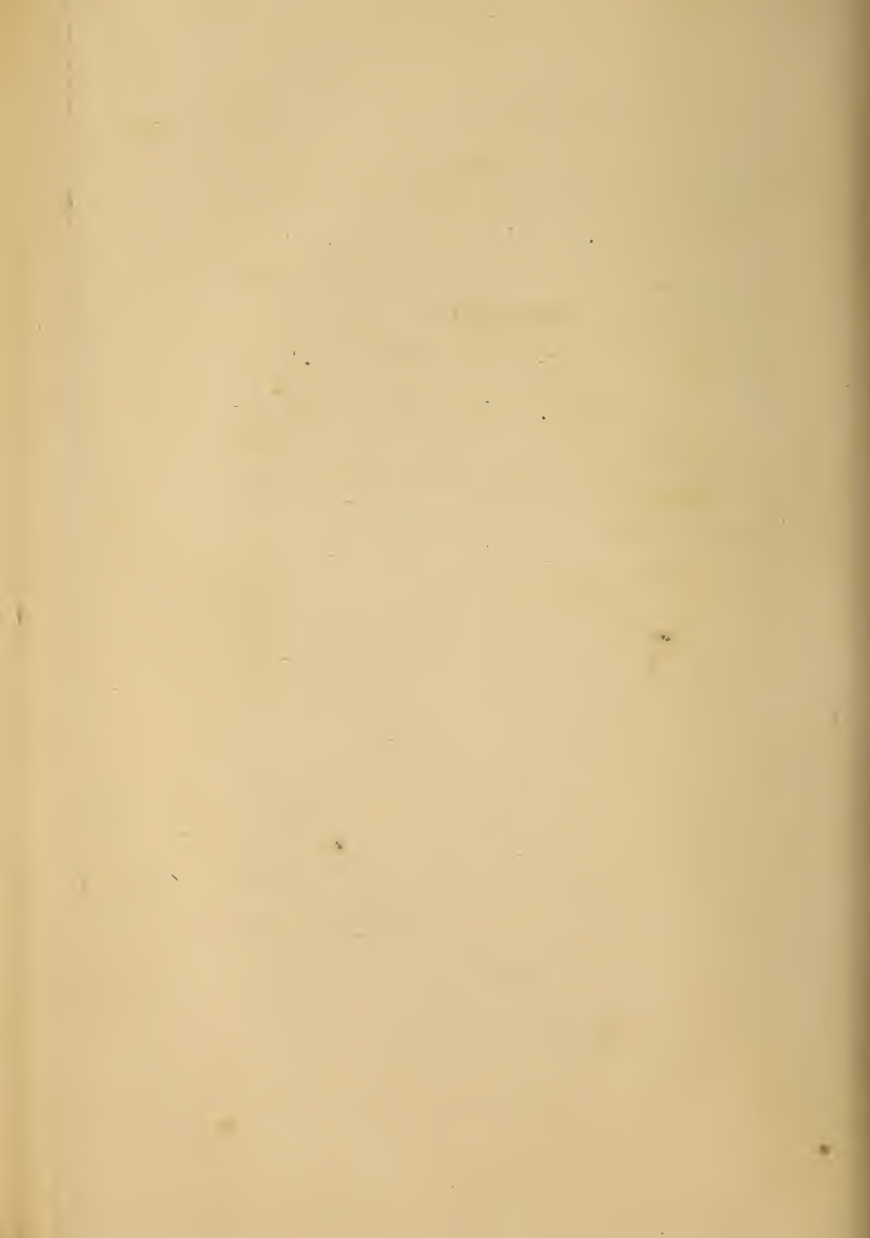
CONDE. (*Apertando a mão de Beatriz.*) Custa-me a crer que vá tão longe a minha felicidade! Beatriz! E dever-se tudo a Paulo! Oh! quero que elle partilhe da nossa alegria, dir-me-ha o que deseja, tio Paulo, e seja qual fôr o seu pedido juro que lhe será satisfeito!

BEATRIZ. Sim, sim, diga, tio Paulo!

TIO PAULO. Pois bem, então... visto que, o sr. conde me dá a escolher, pedirei, já que principio a sentir-me velho, que o sr. conde me dê um logar junto de si, não importa qual! servil-o-hei fielmente, farei tudo que me mandarem e só desejo que me levem para toda a parte onde forem, o sr. conde e a minha menina; ver que são felizes será o meu ordenado! (*Pausa.*) É o que peço, sr. conde de Payalvo!

BEATRIZ. Ah! tio Paulo, preveniu os meus desejos.

CONDE. (*Estendendo-lhe a mão.*) Sim, meu velho amigo, nunca mais te apartarás de nós!

TIO PAULO. (*Apertando a mão do conde e beijando-a.*) Oh! muito obrigado, sr. conde (*Áparte.*) Ao menos poderei vel-a a toda a hora!

FIM.

INDICE

OBRAS

Que se acham á venda na Typographia Universal, rua dos Calafates, 110, e nas lojas do costume.—No Porto em casa do sr Jacinto A. Pinto da Silva, rua do Almada, 134; em Coimbra na do sr. José de Mesquita, rua das Covas; e em todas as lojas de livros nas principaes terras do reino.

Obras completas do Padre Antonio Vieira, comprehendem: **Sermões** 15 vol. — **Cartas** 4 vol. — **Obras Ineditas** 3 vol. — — **Obras Varias** 2 vol. — **Arte de Furtar** 1 vol. — **Historia do Futuro** 1 vol — **Vida do auctor**, com o retrato, 1 vol., total 27 vol. in-8.º fr. br .... 13$500

Tambem se vendem avulsamente as seguintes:

Cartas .... 1$600
Obras Ineditas .... 1$000
Obras Varias 600
Arte de Furtar, ... 400
Historia do Futuro ... 300
Vida do auctor, com o retrato 600

O que ha de ser o mundo no anno tres mil, por Emilio Souvestre, accommodada ao gosto portuguez por R. de Sá (obra a mais chistosa de quantas se tem publicado até hoje em Portugal), 1 vol. com gravuras, in-8.º fr. br .... 1$000

Contos ao Luar, por Julio Cesar Machado, 3.ª edição, com o retrato do auctor, 1 vol. br 500

Scenas da minha terra, por Julio Cesar Machado, 1 vol. br 500

Passeios e phantasias, por Julio Cesar Machado, 1 vol. br 500

Quadros d'alma, ou a mulher atravez dos seculos, por Porphyrio José Pereira, 1 vol. br... 800

Celebre processo sobre a nullidade do matrimonio de el-rei D. Affonso VI, e de D. Maria de Saboya, 3.ª edição, 1 vol. in-8.º fr. br........... 300

Usurpação, retenção e restauração de Portugal, por J. Pinto Ribeiro, auctor da gloriosa revolução do 1.º de Dezembro de 1640, precedida de um elegante prologo de 36 pag., por R. de Sá, obra publicada recentemente com o titulo **Brado aos Portuguezes**, 1 vol. in-8.º fr. br..... 300

Novo Codigo do amor, livrinho economico e indispensavel para os que namoram, util para os que hão-de namorar e divertido para os que namoraram, br............. 200

NO PRELO

Recordações de Paris, por Julio Cesar Machado.
A Freira enterrada em vida, ou o Convento de S. Placido, romance historico e original hespanhol de Garci-Sanchez del Pinar, (3 volumes), tradusido livremente, por Porphyrio José Pereira.